



Universidade de Aveiro Departamento de Educação  
2012

**RITA DANIELA  
RODRIGUES  
GONÇALVES**

**DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS SOCIAIS NO 1.º  
CEB – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**



**RITA DANIELA  
RODRIGUES  
GONÇALVES**

**DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS SOCIAIS NO 1.º  
CEB – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal, Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais, por todo o apoio e afeto sempre presentes.

## **O júri**

Presidente

**Professora Doutora Ana Carlota Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga  
Fernandes Tomaz**  
Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Vogais

**Professora Doutora Vera Maria Silvério do Vale**  
Professora Adjunta da Escola Superior de Educação de Coimbra

**Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal**  
Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro (Orientadora)

## **Agradecimentos**

Ao terminar esta tão importante etapa, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, me incentivaram a acreditar e a lutar por este grande objetivo.

À minha professora e orientadora Gabriela Portugal, por todos os conselhos dados e pelas questões colocadas, que me fizeram sempre querer melhorar. O seu encorajamento e orientação dados ao longo de todo o processo foram notáveis.

À educadora Laura Abade, à professora Patrícia Simões e, ainda, aos professores que me acompanharam ao longo destes quase cinco anos, obrigada pelos conselhos dados, pelas aprendizagens transmitidas e pela disponibilidade demonstrada.

Aos dois grupos de meninos que acompanhei, por todas as brincadeiras, sorrisos e carinhos partilhados... Por esta experiência única. Vocês são, sem qualquer dúvida, a minha inspiração para este projeto.

À minha amiga e companheira de estágio Joana Tavares, pelos momentos vividos, pela ajuda, amizade e apoio incondicional que sempre demonstrou.

À minha família e ao meu namorado, Fábio, por todo o carinho, apoio, compreensão, paciência e sacrifícios feitos para me direcionarem aos meus objetivos. O seu incentivo e estímulo para continuar foram indispensáveis.

A todos os meus amigos, nomeadamente, à Ana Almeida, Sofia Ribeiro, Célia Rocha, Filipa Castro, Rita Santos, Eva Sousa, Catarina Ferreira, Andreia Osório, Carla Machado e Sónia Correia, que com o seu apoio e preocupação constantes me incentivaram a nunca desistir de lutar pelo que acredito.

Aos restantes colegas da Licenciatura e do Mestrado que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui.

A todos, muito OBRIGADA!

**Palavras-chave**

competência social, desenvolvimento pessoal e social, desenvolvimento moral, filosofia para crianças, papel do educador/professor, estudo de caso, projeto, sistema de acompanhamento das crianças.

**Resumo**

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito das Unidades Curriculares de Prática Pedagógica Supervisionada e Seminário de Investigação Educacional, pertencentes ao 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Universidade de Aveiro.

Este relatório reflete a experiência de um estudo de caso desenvolvido no âmbito de um projeto, denominado “CRESCER... Comigo e com os Outros!”, e que visou a promoção de competências sociais das crianças envolvidas.

Pretendeu-se motivar as crianças para o desenvolvimento de atitudes de empatia, de respeito pelo outro e de ajuda.

O estudo incidiu sobre vinte e uma crianças, pertencentes a um contexto de 1.º Ciclo, com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos.

Ao longo deste estudo, foram realizadas sessões com a turma, adotando maioritariamente a abordagem Filosofia para Crianças, por forma a estimular o pensamento crítico das crianças em torno das temáticas escolhidas e foram também desenvolvidas estratégias e dinâmicas de trabalho de grupo promotoras de cooperação e escuta do outro.

Da análise do processo e efeitos da intervenção podemos concluir que, de uma maneira geral, as crianças evoluíram nos seus comportamentos sociais, ainda que de uma forma limitada, e demonstraram boa capacidade em pensar criticamente acerca das temáticas.

Tratando-se de um tema complexo e determinado por uma ecologia do desenvolvimento que vai para além do espaço de sala de aula, os resultados obtidos merecerão um investimento continuado no sentido de se tornarem mais consistentes.

**Keywords**

social competence, personal and social development, moral development, philosophy for children, role of the educator/teacher, case study, project, monitoring system of children.

**Abstract**

The present stage report was performed in Practice Teaching Supervised and Seminar in Educational Research subjects, belonging to the second year of Master Degree in Pre-school Education and Teaching of First Cycle of Basic Education, taught at the Aveiro's University.

This study displays the experience of a case study developed within a project, named "GROW... Me and the Others", which intended to promote social competence of children involved.

It was intended to motivate children to develop attitudes of empathy, respect for others and mutual support.

This study focused on twenty one children, in a context of primary school, aged between 7 and 9 years.

Throughout this study, sessions were held with the class, adopting in majority the Children Philosophy in order to stimulate children critical thinking around the themes chosen and it has also developed strategies and group work dynamics that promotes cooperation and listening to another.

From the analysis of process and the effects of the intervention, we can conclude that, in general, the children have improved in their social behaviour, even if in a limited way, and they have showed good ability to think critically about the issues.

In the case of a complex theme determined by an ecology of development that goes beyond the classroom environment, the results will need a continue exploration in order to become more consistent.

## ÍNDICE

	<i>Página</i>
• <b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
• <b>CAPÍTULO 1 – DA ANÁLISE DA REALIDADE À CONCEÇÃO DO PROJETO</b>	<b>3</b>
➤ <b>1.1. Caracterização geral do contexto</b>	<b>3</b>
➤ <b>1.2. A competência social nos documentos oficiais</b>	<b>4</b>
➤ <b>1.3. Caracterização da turma</b>	<b>6</b>
➤ <b>1.4. Contextualização do projeto</b>	<b>11</b>
• <b>CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>13</b>
➤ <b>2.1. Competência social</b>	<b>13</b>
2.1.1. Desenvolvimento pessoal e social	<b>15</b>
2.1.2. Desenvolvimento moral	<b>19</b>
2.1.3. Trabalhar a competência social na escola	<b>21</b>
➤ <b>2.2. Filosofia para crianças</b>	<b>23</b>
2.2.1. O papel do professor na Filosofia para crianças	<b>25</b>
• <b>CAPÍTULO 3 – ESTUDO EMPÍRICO</b>	<b>27</b>
➤ <b>3.1. Estudo de caso</b>	<b>27</b>
➤ <b>3.2. Descrição dos procedimentos</b>	<b>29</b>
3.2.1. Sujeitos do estudo	<b>29</b>
3.2.2. Procedimentos	<b>33</b>
3.2.3. Objetivos do estudo	<b>34</b>
3.2.4. Calendarização e objetivos das sessões	<b>35</b>
3.2.5. Avaliação da intervenção	<b>36</b>
• <b>CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO DAS SESSÕES E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>39</b>
➤ <b>4.1. Sessão n.º 1 – “Quem sou eu?”</b>	<b>39</b>
4.1.1. Resultados	<b>40</b>
➤ <b>4.2. Sessão n.º 2 – “A caixa das emoções”</b>	<b>45</b>
4.2.1. Resultados	<b>46</b>



	<i><b>Página</b></i>
➤ <b>4.3. Sessão n.º 3 – “O que são os sentimentos?”</b>	<b>47</b>
4.3.1. Resultados	<b>48</b>
➤ <b>4.4. Sessão n.º 4 – “O que são o bem e o mal?”</b>	<b>54</b>
4.4.1. Resultados	<b>54</b>
➤ <b>4.5. Sessão n.º 5 – “O que é viver em sociedade?”</b>	<b>58</b>
4.5.1. Resultados	<b>58</b>
➤ <b>4.6. Sessão n.º 6 – “O que é viver em sociedade/Relembrar o que aprendi...”</b>	<b>62</b>
4.6.1. Resultados	<b>63</b>
➤ <b>4.7. Conclusões</b>	<b>66</b>
• <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>83</b>
• <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>85</b>
➤ Bibliografia	<b>85</b>
➤ Documentos Oficiais	<b>87</b>
➤ Webgrafia	<b>87</b>
• <b>ANEXOS</b>	<b>91</b>
➤ Anexo 1 - Conceitos de implicação e bem-estar e respetivas escalas de avaliação (Portugal e Laevers, 2010)	<b>91</b>
➤ Anexo 2 – Descritivo da sessão n.º 1	<b>93</b>
➤ Anexo 3 – PowerPoint da sessão n.º 1	<b>96</b>
➤ Anexo 4 – Descritivo da sessão n.º 2	<b>99</b>
➤ Anexo 5 – Descritivo da sessão n.º 3	<b>100</b>
➤ Anexo 6 – PowerPoint da sessão n.º 3	<b>102</b>
➤ Anexo 7 – Descritivo da sessão n.º 4	<b>105</b>
➤ Anexo 8 – PowerPoint da sessão n.º 4	<b>108</b>
➤ Anexo 9 – Descritivo da sessão n.º 5	<b>110</b>
➤ Anexo 10 – PowerPoint da sessão n.º 5	<b>113</b>
➤ Anexo 11 – Descritivo da sessão n.º 6	<b>115</b>
➤ Anexo 12 – PowerPoint da sessão n.º 6	<b>117</b>
➤ Anexo 13 – Convite de divulgação do <i>blog</i> para os pais	<b>118</b>
➤ Anexo 14 – Questionário final entregue às crianças	<b>119</b>

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

**Figura 1:** *Areas of learning and development for Personal, Social and Emotional Development* **16**

## **ÍNDICE DE QUADROS**

**Quadro 1:** Caracterização geral da turma **8**

**Quadro 2:** Calendarização das sessões gerais realizadas **35**

## **ÍNDICE DE GRÁFICOS**

**Gráfico 1:** Respostas das crianças do Grupo 1 **67**

**Gráfico 2:** Respostas das crianças do Grupo 2 **68**

**Gráfico 3:** Respostas das crianças do Grupo 1 **68**

**Gráfico 4:** Respostas das crianças do Grupo 2 **69**

**Gráfico 5:** Respostas das crianças do Grupo 1 **70**

**Gráfico 6:** Respostas das crianças do Grupo 2 **70**

**Gráfico 7:** Respostas das crianças do Grupo 1 **71**

**Gráfico 8:** Respostas das crianças do Grupo 2 **71**

**Gráfico 9:** Respostas das crianças do Grupo 1 **72**

**Gráfico 10:** Respostas das crianças do Grupo 2 **73**

**Gráfico 11:** Respostas das crianças do Grupo 1 **73**

**Gráfico 12:** Respostas das crianças do Grupo 2 **74**

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

**1.º CEB** – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

**SAC** – Sistema de Acompanhamento das Crianças

**CNEB** – Currículo Nacional do Ensino Básico

**PPS** – Prática Pedagógica Supervisionada

**SIE** – Seminário de Investigação Educacional

**UA** – Universidade de Aveiro

## INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio foi desenvolvido no âmbito das unidades curriculares de Prática Pedagógica Supervisionada (PPS) e Seminário de Investigação Educacional (SIE), pertencentes ao 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Universidade de Aveiro (UA).

Ao longo do estágio, e em articulação com as duas unidades curriculares referidas anteriormente, foi desenvolvido um projeto junto das crianças, o qual denominámos por “CRESCER... Comigo e com os Outros!”, tendo como finalidade a promoção de competências pessoais e sociais, em grande parte através de uma abordagem “filosofia para crianças” pela verbalização de ideias, discussão e reflexão em grupo.

Elegemos o estudo desta temática como muito significativo para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional nomeadamente porque trabalhar as competências sociais se afigura como muito pertinente, considerando o seu carácter importante no sucesso dos indivíduos, quer seja escolar, profissional, familiar ou social. Também o facto de percebermos que as competências sociais podem ser ensinadas, lembradas e trabalhadas no contexto escolar, de forma sistemática e intencional, na ação quotidiana dos educadores/professores, leva à consideração da importância de uma reflexão e pesquisa direcionada para esta área.

Inicialmente, no âmbito da primeira experiência de Prática Pedagógica Supervisionada, em contexto de jardim-de-infância, o interesse em torno da temática do desenvolvimento de competências sociais, envolveu uma pesquisa teórica e, posteriormente, em contexto de 1.º Ciclo foi realizado o estudo de caso que aqui se apresenta, e cujo objetivo seria compreender o processo e possíveis efeitos de uma intervenção intencional visando a promoção de competências sociais, junto de um grupo de crianças de uma turma do 3.º ano do 1.º CEB.

Sendo o estágio realizado em grupos de duas pessoas, a conceção e desenvolvimento deste mesmo projeto decorreu em parceria, sendo que a observação e atenção de cada elemento da díade, durante o processo, focalizou-se em grupos distintos de crianças. A minha atenção foi centrada num grupo de 13 crianças, cujos níveis de implicação e bem-estar nas atividades se revelaram satisfatórios ou até mesmo elevados. Em contrapartida, a atenção da minha colega Joana Tavares focalizou-se nas crianças que suscitavam maior preocupação, atendendo aos seus níveis de bem-estar e de implicação.

O estágio de Prática Pedagógica Supervisionada, no âmbito do qual se realizou o estudo aqui relatado, decorreu sob supervisão da docente titular e da orientadora da UA, de setembro a dezembro de 2011, durando cerca de 3 meses.

Num primeiro capítulo deste relatório, é apresentada uma breve caracterização da realidade do contexto de estágio, e atendendo à temática em estudo, são destacados os objetivos educacionais do colégio e, ainda, as referências de vários documentos oficiais que enquadram a ação do professor no campo do desenvolvimento social das crianças. É ainda feita uma breve caracterização geral das crianças da turma e uma apresentação genérica da ideia e principais objetivos do projeto.

Num segundo capítulo, segue-se um enquadramento teórico em torno da temática da competência social e da temática filosofia para crianças, dado ser esta a abordagem que esteve na base da organização da nossa intervenção.

É apresentado, num terceiro capítulo, o estudo empírico, destacando-se os procedimentos e objetivos das atividades, bem como a sua avaliação.

No quarto capítulo, são descritas as atividades e analisados os dados. Por fim, são feitas as conclusões e considerações finais, salientando limitações e perspetivas futuras de trabalho, bem como implicações para o meu desenvolvimento pessoal e profissional como educadora/professora.

## CAPÍTULO 1 – DA ANÁLISE DA REALIDADE À CONCEÇÃO DO PROJETO

### **1.1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CONTEXTO:**

A escola cooperante do 1.º Ciclo do Ensino Básico onde foi realizado o estágio situa-se numa zona calma e próxima do centro de Aveiro. É um estabelecimento privado de ensino Pré-Escolar, Básico e Secundário, com paralelismo e autonomia pedagógica, tendo entrado em funcionamento no ano letivo de 1997/1998. Atualmente, o contexto continua a crescer e a progredir no caminho inicialmente definido, por forma a responder às necessidades do concelho e de uma freguesia relativamente recente e, igualmente, em crescimento.

De acordo com o Projeto Educativo (2008-2011, p. 22), esta escola defende vários valores, entre os quais, a verdade e a justiça, a liberdade e a responsabilidade, a criatividade, participação e autonomia, o respeito por si e pelo próximo e, também, a solidariedade, amizade e amor. Pretende proporcionar aos seus alunos, por meio de práticas, conceitos e exemplos trabalhados através do desenvolvimento do currículo, o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na sociedade para a transformar.

Destacam-se os seguintes objetivos assumidos pela escola e referidos no documento assinalado anteriormente:

- Promover o desenvolvimento de um conjunto de princípios, valores e normas que tornem o aluno um cidadão pleno no que respeita à sua integração social e ao seu relacionamento com os outros;
- Propiciar fatores de mudança que permitam preparar os alunos para o desenvolvimento das competências necessárias para se adequarem às exigências da sociedade em geral, através do desenvolvimento nos alunos de uma formação de cidadania, capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia e do exercício responsável da liberdade individual, adequada a uma intervenção consciente e responsável no contexto e na sociedade;
- Perspetivar a avaliação como um elemento fundamental na promoção do sucesso;
- Promover a construção de projetos escolares e profissionais;
- Criar hábitos de trabalho individual e em grupo e favorecer o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica.

Acresce referir que todas as atividades realizadas no âmbito do projeto enquadravam-se nas diretrizes pedagógicas oficiais que norteiam o trabalho na escola.

## **1.2. A COMPETÊNCIA SOCIAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS:**

Uma leitura do Currículo Nacional do Ensino Básico (2001), que na altura ainda vigorava como documento oficial enquadrador do ensino do 1.º Ciclo, procurando perceber a forma como a competência social era considerada neste documento, evidenciou a pertinência do nosso projeto.

A clarificação das competências a alcançar no final da educação básica toma como referentes os pressupostos da lei de bases do sistema educativo, sustentando-se num conjunto de valores e de princípios que a seguir se enunciam (CNEB, p. 15):

- A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social;
- A participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica;
- O respeito e a valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções;
- A valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros.

Nesta linha de pensamento, à saída da educação básica, o aluno deverá ter desenvolvido várias competências na área social, devendo o professor organizar dinâmicas e atividades que permitam o desenvolvimento consequente dessas competências. Destaco as seguintes:

- Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões (CNEB, 2001, p. 23).

Para tal, o aluno deve identificar situações problemáticas em termos de levantamento de questões; selecionar informação e organizar estratégias criativas face às questões colocadas por um problema; debater a pertinência das estratégias adotadas em função de um problema; confrontar diferentes perspetivas face a um problema, de modo a tomar decisões adequadas e propor situações de intervenção individual ou coletiva, que constituam tomadas de decisão face a um problema, em contexto.

Já o professor deve promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista e resolver

problemas; promover atividades de simulação e jogos de papéis que permitam a percepção de diferentes pontos de vista e promover a realização de projetos que envolvam a resolução de problemas e a tomada de decisões.

- Cooperar com outros em tarefas e projetos comuns (CNEB, 2001, p. 25).

Segundo o dito documento, o aluno deve participar em atividades interpessoais e de grupo, respeitando normas, regras e critérios de atuação, de convivência e de trabalho em vários contextos; deve manifestar sentido de responsabilidade, de flexibilidade e de respeito pelo seu trabalho e pelo dos outros; deve, ainda, comunicar, discutir e defender descobertas e ideias próprias, dando espaços de intervenção aos seus parceiros e avaliar e ajustar os métodos de trabalho à sua forma de aprender, às necessidades do grupo e aos objetivos visados.

Para isso, o professor deve organizar o ensino prevendo e orientando a execução de atividades individuais, a pares, em grupos e coletivas; deve promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, atividades dirigidas para o trabalho cooperativo, desde a sua concepção à sua avaliação e comunicação aos outros; deve, também, propiciar situações de aprendizagem conducentes à promoção da autoestima e da autoconfiança; fomentar atividades cooperativas de aprendizagem com explicitação de papéis e responsabilidades; organizar o ensino com base em materiais e recursos diversificados adequados a formas de trabalho cooperativo; deve, ainda, apoiar o aluno na descoberta das diversas formas de organização da sua aprendizagem em interação com outros e desenvolver a realização cooperativa de projetos.

Também o perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário (Decreto-Lei nº 241/2001) realça vários aspetos a ter em conta no papel do profissional, relativamente à área em questão, cabendo ao educador/professor:

- Identificar ponderadamente e respeitar as diferenças culturais e pessoais dos alunos e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo processos de exclusão e discriminação;
- Perspetivar a escola e a comunidade como espaços de educação inclusiva e de intervenção social, no quadro de uma formação integral dos alunos para a cidadania democrática;
- Colaborar com todos os intervenientes no processo educativo, favorecendo a criação e o desenvolvimento de relações de respeito mútuo entre docentes,

alunos, encarregados de educação e pessoal não docente, bem como com outras instituições da comunidade;

- Desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais, numa perspetiva de formação ao longo da vida, considerando as diversidades e semelhanças das realidades nacionais e internacionais, nomeadamente na União Europeia.

Ainda de acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001 (perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico), é importante que o educador/professor fomente a cooperação entre as crianças, garantindo que todas se sintam valorizadas e integradas no grupo; apoie e fomente o desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança e do grupo; estimule a curiosidade da criança pelo que a rodeia, promovendo a sua capacidade de identificação e resolução de problemas e, ainda, é importante que o educador/professor promova o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspetiva de educação para a cidadania.

Ainda segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, seja no âmbito da educação em Língua Portuguesa, Ciências Sociais e da Natureza, ou mesmo em Educação Física, é importante que o professor do 1.º Ciclo fomente nos alunos hábitos de reflexão, de interação comunicativa, curiosidade, gosto de saber e conhecimento sobre a realidade social, procurando a construção de uma cidadania responsável, respeitadora da diferença e convivência democrática. Nesse sentido, a organização de situações de aprendizagem que favoreçam o envolvimento lúdico e o desenvolvimento de atitudes responsáveis e de respeito pelas diferenças individuais é muito importante.

### **1.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA:**

A turma do 3.º ano do contexto era constituída por vinte e uma crianças, sendo 13 do sexo masculino e apenas 8 do sexo feminino. As suas idades variavam entre os 7 e os 9 anos.

Numa perspetiva geral, cerca de metade dos familiares deste grupo possuía um nível de escolaridade inferior ao 12.º ano. Os restantes possuíam o 12.º ano completo ou licenciatura.

Os alunos frequentavam a escola das 9h00 às 15h00, com intervalos entre as 10h30 e as 11h00 e entre as 12h00 e as 13h00 para almoço. Alguns alunos praticavam atividades recreativas e desportivas, no contexto, em horário extra-escolar.



Durante o período inicial de observação foi possível verificar que as crianças demonstravam atitudes muito carinhosas e respeitadoras em relação a nós – estagiárias.

Evidenciavam energia e demonstravam um nível de implicação elevado na maioria das tarefas realizadas. O grupo, em geral, era bastante desenvolvido e dinâmico, gostava de experiências novas e que estimulassem a sua curiosidade. No entanto, sendo um grupo muito heterogéneo, exigia uma grande capacidade de escuta e disponibilidade para atender às necessidades de todos.

Ao longo do tempo, verificámos que as crianças, na generalidade, demonstravam pouco espírito de união e de confiança. Evidenciavam muito medo de falhar e, por isso mesmo, tornavam-se competitivas entre si. Existiam muitas situações em que não respeitavam as diferentes opiniões e tinham uma grande dificuldade em aceitar algumas crianças com mais dificuldades ou menos “populares”. Contudo, não deixavam de se ajudarem uns aos outros em diversas tarefas.

Ao questionarmos o grupo sobre a sua opinião face a aspetos positivos e negativos do contexto, estes destacaram como mais positivos as aulas de Matemática e de Estudo do Meio, as professoras e os amigos, a hora do intervalo, as atividades realizadas pela escola e o simples “aprender”. Relativamente aos aspetos negativos destacaram, essencialmente, as pequenas dimensões da sala, o excesso de aulas por dia e, ainda, as discussões existentes entre as crianças e a falta de respeito entre elas.

Trabalhar a competência social afigurou-se, então, como algo de muito pertinente e significativo, não só porque os comportamentos das crianças suscitavam alguma preocupação, mas também, porque era uma temática que ia ao encontro das finalidades do próprio colégio e que concretizava as orientações dos documentos oficiais.

O seguinte quadro pretende dar uma imagem geral do grupo e de cada uma das crianças, atendendo aos seus níveis médios de implicação e de bem-estar, em outubro de 2011. Em anexo (Anexo 1), apresenta-se um descritivo dos conceitos implicação e bem-estar e respetivas escalas de avaliação, tendo por base o trabalho de Portugal e Laevers (2010).

Quadro 1: Caracterização geral da turma

Crianças	Nível geral de bem-estar						Nível geral de Implicação						Comentários	
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?		
<b>1. BG</b>					X							X		Muito perfeccionista com o seu trabalho. É responsável, trabalhadora e empenhada. O seu comportamento é exemplar e tem um ótimo ritmo de aprendizagem.
<b>2. BP</b>					X					X				Grande à vontade. Bastante confiante no seu discurso. Ainda revela alguma dificuldade no cumprimento de algumas regras da sala de aula.
<b>3. CV</b>			X						X					Aluno de nacionalidade estrangeira. Tem apoio escolar fora do colégio. Grandes dificuldades na comunicação/uso da língua portuguesa. No entanto, revela capacidades e demonstra interesse.
<b>4. CG</b>				X						X				Reservada. Primeiro ano nesta instituição.
<b>5. CM</b>			X						X					Alguns dificuldades de concentração e de relação com alguns colegas.
<b>6. CO</b>				X						X				Inteligente, mas um pouco conflituoso com os colegas. No entanto, já começa a melhorar as suas atitudes.
<b>7. DS</b>				X					X					Apresenta comportamentos muito imaturos e infantis e pouco interesse ou motivação por aprender. Frequenta a psicóloga.
<b>8. EC</b>					X							X		Este demonstra grande facilidade na aprendizagem, um bom ritmo de trabalho e interesse por descobrir coisas

**Capítulo 1 – Da análise da realidade à conceção do projeto**

																				novas. Relaciona-se de forma cordial com os colegas, mas tem muita dificuldade em comunicar o que sente com os adultos, especialmente se algo o perturba.
<b>9. FA</b>			X										X							É uma criança muito interessada e empenhada, mas igualmente insegura, requerendo sistematicamente o apoio do adulto e reforço positivo na realização das tarefas. É cumpridor das regras da sala de aula e mantém um ótimo relacionamento com os colegas e adultos.
<b>10. FM</b>			X										X							Muito irrequieto. Distrai-se com facilidade. Por vezes, gera situações de conflito com os colegas. Tem muitas capacidades.
<b>11. GC</b>			X										X							O aluno demonstra um bom ritmo de trabalho e está a desenvolver as aprendizagens propostas com sucesso. Demonstra alguma imaturidade nas suas atitudes e comportamentos.
<b>12. GO</b>			X										X							Demonstra alguma dificuldade em manter-se atento por períodos mais longos.
<b>13. JT</b>			X										X							Revela bastantes capacidades. No entanto, distrai-se com alguma facilidade.
<b>14. JS</b>			X										X							Muito aplicado e revela facilidade na resolução das tarefas. É muito curioso e tem uma vontade enorme de aprender e descobrir.
<b>15. MV</b>			X										X							Aluno de nacionalidade estrangeira. Já adquiriu bastante vocabulário em português e consegue comunicar com facilidade. Revela interesse e entusiasmo pela aprendizagem e boa interação com os colegas.

<b>16. MT</b>				X					X			É muito reservada. No entanto, distrai-se com facilidade.
<b>17. MM</b>					X					X		Muito popular na turma. Acarinhada pelos colegas. Revela grande à vontade na resolução das tarefas. É muito viva, interessada a curiosa.
<b>18. ME</b>				X						X		É muito reservada e muito atenta. Demonstra uma grande curiosidade por aprender. Bastante madura.
<b>19. RD</b>			X						X			Dificuldades em acompanhar a dinâmica da turma. Tem dificuldade em cumprir as regras da sala de aula. Tem uma boa relação com os colegas.
<b>20. RP</b>			X						X			Muito irrequeto, espontâneo e comunicativo. Revela dificuldades na resolução de algumas tarefas.
<b>21. SS</b>			X						X			É muito reservada e demonstra muita insegurança no trabalho que realiza. Apresenta dificuldades em expressar-se.

**Laranja:** Assinala as crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas.

**Verde:** Assinala as crianças que, claramente, parecem usufruir bem da sua permanência na escola (níveis altos).

A leitura do quadro permite verificar que foram assinaladas 8 crianças com um nível médio, tendencialmente baixo, de bem-estar e implicação; e 13 crianças que, claramente, usufruem bem da sua permanência na escola, revelando um nível bastante elevado de bem-estar e de implicação. Esta distinção serviu de base para distinguir o meu trabalho e o da minha colega Joana Tavares. Efetivamente, eu procurei acompanhar de forma mais próxima e atenta as crianças cujos níveis de implicação e bem-estar nas atividades se demonstravam elevados (13 crianças) e minha colega Joana acompanhou com mais cuidado as crianças que apresentavam níveis médios ou tendencialmente baixos de implicação e bem-estar nas atividades (8 crianças).

#### **1.4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO:**

Tendo em conta o nosso interesse, a análise do grupo e contexto, os objetivos defendidos pela escola e as diretrizes que norteiam o trabalho na escola, surgiu o projeto **“CRESCER... Comigo e com os Outros!”**, tendo como principal intenção desenvolver competências sociais em contexto escolar.

Neste trabalho procurou-se desenvolver em cada criança um interesse pelas pessoas, o reconhecimento dos seus próprios sentimentos e dos outros, das suas características pessoais, das diferentes formas de relação com o outro e a sensibilização para com as necessidades, perspetivas e sentimentos do outro.

Para isso, procurou-se criar ambientes propícios ao desenvolvimento de competências sociais no grupo, considerando duas abordagens. Uma trabalhada em sessões criadas para o efeito, dirigidas à turma e outra abordagem que podemos denominar de “continuada” e mais próxima de cada criança em particular em que se procurou a transferência e concretização das temáticas trabalhadas nas sessões gerais, no dia-a-dia das crianças, dos professores e dos pais.

Nas sessões desenvolvidas adotou-se uma estratégia pedagógica denominada de Filosofia para Crianças através da qual se procurou estimular a reflexão e questionamento das crianças em torno das temáticas escolhidas.

Procurou-se, ainda, chegar aos pais e a toda a comunidade escolar através do *blog*: <http://crescercomigoecomososoutros.blogspot.com/>, como via para a partilha de ideias, comentários, sugestões ou sentimentos.

De forma sintética, podemos definir como objetivos do projeto os seguintes:

- Dinamizar junto das crianças uma reflexão continuada em torno de várias temáticas relacionadas com a competência social, procurando o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo outro, de entreaajuda e de confiança;
- Explorar o contributo da abordagem filosofia para crianças num processo de promoção de competências sociais, através do questionamento e reflexão partilhada;
- Potenciar o envolvimento de crianças, pais e professores em torno de um mesmo projeto.



## CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### **2.1. COMPETÊNCIA SOCIAL:**

O ser humano é um ser eminentemente social. A competência social é um constructo multifacetado, interativo e amplo e envolve a funcionalidade dos comportamentos emitidos e a avaliação dessa funcionalidade. Ser socialmente competente depende da efetividade e da adequação dos comportamentos emitidos à situação social em questão, o que pode ser verificado por meio das capacidades de auto-valorização e pela valorização externa, isto é, através da percepção e da reação positiva ou negativa de si mesmo e dos outros.

Embora a competência social deva ser pensada em ligação com as capacidades cognitivas de um indivíduo, na generalidade, o termo refere-se à participação efetiva de uma pessoa num ambiente social, sendo definida de várias formas que refletem a diversidade e confluência de perspetivas dos vários autores.

De acordo com Mathur e Rutherford (1996, p. 1), “social competence can be defined as having the social skills necessary to interact in socially acceptable ways”. Segundo os autores, a competência social pode ser definida como tendo as capacidades sociais necessárias para interagir de forma socialmente aceite.

Já segundo Gresham e Elliott (1984, citado por Lemos e Meneses, 2002, p. 267), a competência social “refere-se a um conjunto de comportamentos aprendidos, socialmente aceites. Uma boa competência social permite interações eficazes com os outros e previne relações socialmente inaceitáveis. As crianças capazes de partilhar, iniciar interações positivas, ajudar, pedir ajuda quando precisam, pedir por favor e agradecer, serão bem sucedidas nas suas relações, o que constitui uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento”.

Uma outra definição de competência social, segundo Castro e Silveiras (2003, citado por Sapienza, Aznar-Farias e Silveiras, 2009, p. 208), refere “a capacidade do indivíduo em manipular o seu repertório de capacidades sociais (auto-controlo, empatia, assertividade e capacidades para a resolução de problemas interpessoais) e de informações socioculturais (perceber dicas do ambiente) para obter consequências positivas para si e para a sua relação com as outras pessoas”.

Ainda de acordo com Portugal e Laevers (2010, p. 49) a “competência social refere-se à capacidade de compreender os sentimentos, intenções, percepções e

pensamentos de outras pessoas, bem como os próprios. Inclui a capacidade para compreender interações em diversas situações, considerando o contexto social, cultural e várias características pessoais, como a idade, o género, etc. Inclui ainda um vasto repertório de formas de interagir com os outros e a capacidade de perceber qual a abordagem ou comportamento mais adequado em determinada situação”.

A avaliação da competência social requer múltiplos informadores e diferentes indicadores, adequados às tarefas de desenvolvimento e características de processamento cognitivo típicos de cada idade.

Candarella e Merrel (1997, citado por Lopes et al., 2006) sintetizaram um conjunto de trabalhos investigativos em que foram utilizadas escalas de classificação e intervenção nas competências sociais, tendo criado a partir deles uma taxonomia que inclui os seguintes fatores:

1.º Relações com os pares: No qual se inclui a interação social, o comportamento pró-social, as capacidades sociais preferidas pelos pares, a empatia e a participação social.

2.º Auto-gestão: Auto-controlo; convenção social; independência social; responsabilidade e conformidade.

3.º Académico: Adaptação à escola; respeito pelas regras sociais na escola; orientação para as tarefas e responsabilidade académica.

4.º Conformidade: Cooperação social; competência e cooperação.

5.º Afirmação: Assertividade; iniciativa social e ativador social.

Esta taxonomia fornece pistas para o traçado de um perfil social do aluno/criança, permitindo identificar défices ou pontos fortes nas competências sociais de alguns alunos, de pequenos grupos, ou de toda a turma.

De acordo com Portugal & Laevers (2010, p. 49), o nível de competência social da criança pode ser apreciado em situações de interação e cooperação com outras crianças e adultos, implicando, para além de competências comunicacionais, o reconhecimento de diferentes papéis sociais, respeito pelas regras e princípios de vida em comum, controlo de impulsos e expressão adequada de emoções.



Os autores referem alguns indicadores que refletem a presença de um elevado nível de competência social numa criança, nomeadamente quando esta:

- Demonstra uma forte e diferenciada consciência dos próprios sentimentos e perceções;
- Evidencia muito interesse nas pessoas e na realidade social;
- Tem uma boa capacidade de se colocar no papel do outro, compreendendo os seus sentimentos, necessidades e pensamentos, e tendo-os em consideração na ação que toma;
- Domina um leque alargado de comportamentos e estratégias sociais e sabe como os utilizar adequadamente;
- Gosta de explorar o mundo dos sentimentos e dos comportamentos e tem um interesse espontâneo pelas pessoas: gosta de as observar, procura o contacto, inicia interações e estabelece relações positivas;
- Reconhece e identifica os seus próprios sentimentos, sendo capaz de os expressar e de os comunicar aos outros;
- Tem consciência crescente das suas características pessoais, capacidades, fraquezas e talentos;
- É capaz de se colocar na perspetiva dos outros e de reconhecer os seus sentimentos, perceções e pensamentos;
- Reconhece diferentes formas de relação com o outro em situações concretas e fala sobre elas;
- Faz boas interpretações de interações sociais em diferentes tipos de situação e antecipa e prediz o comportamento, considerando o contexto social e cultural e características pessoais, como idade ou temperamento;
- É sensível às necessidades, perspetivas e sentimentos dos outros e dispõe de um vasto repertório comportamental para responder adequadamente em situações sociais, procurando contribuir para o bem-estar de todos.

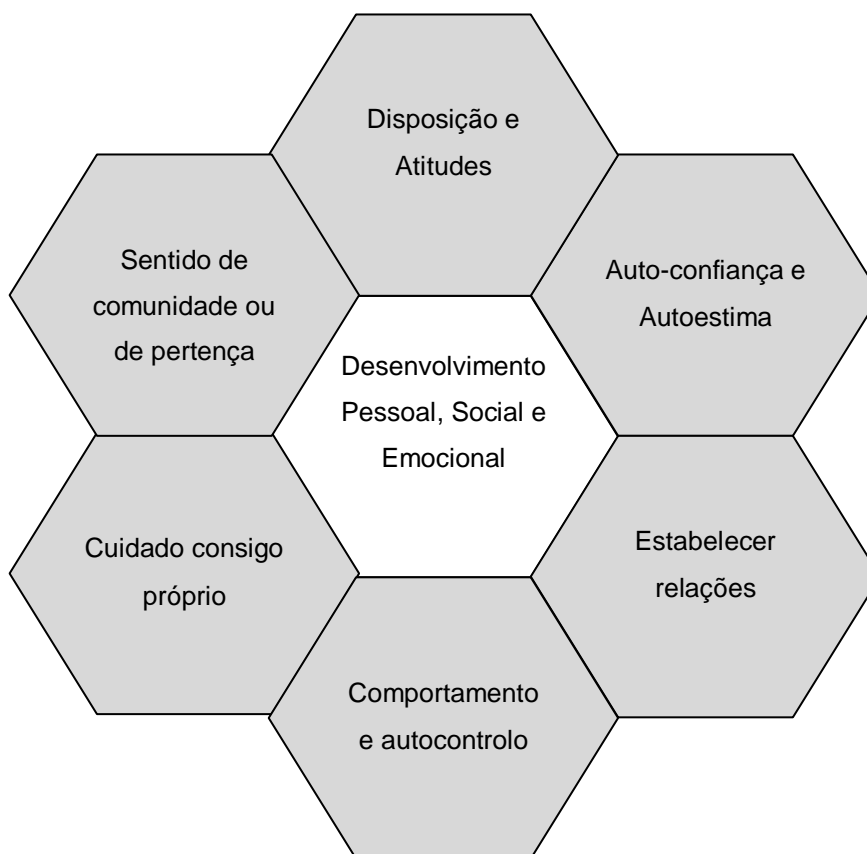
### **2.1.1. DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL:**

O desenvolvimento pessoal e social é de extrema importância na vida de uma pessoa. O respeito por si próprio e pelos outros é fortemente influenciado por esse mesmo desenvolvimento.

Sendo assim, as crianças precisam de se sentir bem com elas próprias, para lidarem bem com os seus sentimentos, para se relacionarem com os outros com respeito e compreensão e para estabelecerem laços de amizade.

Para que a criança desenvolva mecanismos adequados que possibilitem a aquisição de competências pessoais, sociais e emocionais é necessária a reunião de diversos fatores.

De acordo com Sheppy (2010), existem seis áreas de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, social e emocional nas crianças que se encontram abrangidas pelos programas educacionais. A figura seguinte ilustra essas mesmas áreas:



**Figura 1: *Areas of learning and development for Personal, Social and Emotional Development.***

**(Source: DfES, 2007b, citado por Sheppy, 2010, p. 4)**

Segundo Sheppy (2010), o desenvolvimento pessoal e social envolve, fundamentalmente, três dimensões: auto-conceito, autoestima e auto-conhecimento.

- Auto-conceito: Após o nascimento, os bebés traçam um vínculo muito forte com uma pessoa sendo, normalmente, a pessoa que os alimenta e que satisfaz todas as suas necessidades.

No entanto, quando a criança se desenvolve, necessita de se separar dessa mesma pessoa e desenvolver um sentido de si própria. Por vezes, esta separação transforma-se num momento de ansiedade para a criança, mas se este processo for suportado por um adulto atencioso, a criança começa a reconhecer-se como um ser único, com uma identidade própria. Posteriormente, outras pessoas irão contribuir, também, para o desenvolvimento do seu auto-conceito. Sendo assim, a criança começará a adaptar o seu comportamento por forma a incluir-se no ambiente que a rodeia.

- Autoestima: À medida que a criança se desenvolve, recebe constantemente mensagens sobre o seu valor como pessoa, desde os primeiros dias. O seu nível de autoestima terá muito a ver com a forma como as suas necessidades serão satisfeitas. Quando as crianças são amadas incondicionalmente, estas irão, certamente, sentir-se mais confiantes para explorar novos ambientes e conhecer novas pessoas e, ainda, para ajudar e dar apoio de quem dela necessitar. Uma forma de promover a autoestima de uma criança é permitir que ela use os seus conhecimentos e capacidades para participar na tomada de decisões que diretamente a afetem. É importante que uma criança com baixa autoestima, ou com uma ideia demasiado elevada da sua superioridade, seja ajudada a relativizar o seu valor. Crianças em ambas as situações necessitam de desenvolver um auto-conhecimento saudável.

- Auto-conhecimento: À medida que as crianças experimentam um interesse genuíno em si próprios como pessoas e recebem uma avaliação realista das suas realizações, estas crescem com confiança e fazem julgamentos adequados sobre o seu próprio valor e dos outros. Neste processo, as crianças irão aprendendo o que é considerado um comportamento apropriado em determinado contexto social.

Se o vínculo criado entre a criança e o adulto principal da sua vida determina a confiança que ela irá sentir com as pessoas e a forma de se relacionar com os outros nas fases mais precoces da sua vida, com o decorrer do tempo, as crianças começam a passar mais tempo com outros indivíduos, tornando-se mais independentes e mais abertas a outras relações. Os educadores e professores estão entre os principais responsáveis por ajudarem as crianças a criarem laços saudáveis com outras crianças e

adultos, ganhando maior independência em relação às relações de vinculação mais precoces. Estes adultos são modelos de referência para as crianças que copiam os comportamentos que observam e utilizam esses mesmos comportamentos nas suas interações com os outros. Logo, é imprescindível que educadores e professores adotem boas condutas e sejam verdadeiros modelos sociais.

De acordo com o que já foi referido, depreende-se que a forma como as crianças interagem socialmente depende em grande parte do seu bem-estar emocional.

Segundo Laevers et al. (1997, 2005b, citado por Portugal e Laevers, 2010, p. 20), bem-estar emocional é “um estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia. Isto porque a situação conjuga-se com as suas necessidades, a pessoa tem um autoconceito positivo e está bem consigo própria”.

De acordo com Portugal e Laevers (2010), existem vários indicadores que refletem a presença ou ausência de bem-estar emocional numa criança:

- Abertura e receptividade: A criança encontra-se receptiva ao contexto e demonstra disponibilidade e abertura para interagir, não evitando os adultos, as crianças, nem as ofertas de atividades.
- Flexibilidade: A criança adapta-se bem a situações novas ou diferentes e desfruta das oportunidades oferecidas. Demonstra orientação perante situações-problema ou frustrações.
- Auto-confiança e autoestima: A criança expressa-se de forma confiante e enfrenta novos desafios, arriscando a possibilidade de insucesso. Nestes casos, a criança não se sente derrotada e é capaz de admitir que ainda não é capaz de o fazer.
- Assertividade: A criança evidencia força para pedir ajuda e sabe solicitar algo de forma apropriada. Não aceita facilmente sugestões ou pressões do grupo, se estas não forem ao encontro das suas ideias.
- Vitalidade: A criança demonstra bastante energia e entusiasmo, visíveis nas suas posturas faciais e corporais.
- Tranquilidade: Não evidencia tensão muscular, e demonstra, para além de energia, um estado de relaxamento e calma.
- Alegria: A criança retira prazer do que experiencia, demonstrando contentamento.
- Ligação consigo própria: Estabelece uma boa relação com os outros e consigo própria, conhecendo os seus sentimentos, desejos e necessidades. Lida com alguns

sentimentos negativos de uma forma construtiva, expressando-os, na maior parte das vezes, de forma adequada.

É muito importante que os educadores/professores ajudem as crianças a conversarem sobre as suas emoções e frustrações permitindo que estas se tornem mais competentes na interação com os outros e na reflexão sobre o seu próprio comportamento.

As crianças necessitam de expressar emoções, porque quanto mais estiverem familiarizadas com as suas emoções, maior será a probabilidade de estas conseguirem controlar o seu comportamento, razão pela qual os professores e educadores assumem um papel fundamental. As crianças que são incentivadas a expressar livremente os seus sentimentos e ideias, podem desenvolver estratégias que lhes permitam lidar eficazmente com situações novas, desafiadoras ou de *stress*.

### **2.1.2. DESENVOLVIMENTO MORAL:**

A socialização ocorre ao longo do desenvolvimento humano e constitui um processo gradual e cumulativo. No entanto, é fundamental procurar compreender como os indivíduos chegam a assumir os valores que orientam o seu comportamento, isto é, como ocorre o seu desenvolvimento moral.

Para Kohlberg, a maturidade moral é atingida quando o indivíduo é capaz de entender que a justiça não é a mesma coisa que a lei; que algumas leis existentes podem ser moralmente erradas e devem, portanto, ser modificadas.

Kohlberg estudou exaustivamente estádios de desenvolvimento moral e foi mais além do que Piaget. Considerava que Piaget estava correto em assinalar uma ligação entre o desenvolvimento cognitivo e o raciocínio moral. Porém, ele considerava o processo muito mais longo do que Piaget propusera.

No estudo do desenvolvimento moral, as pesquisas de Piaget permitiram-lhe concluir que existem diferenças no que diz respeito à implementação de regras em crianças de idades diferentes, distinguindo-se as fases de anomia, heteronomia e autonomia moral.

Ao invés de uma única mudança, da moralidade heterónoma para a moralidade autónoma, Kohlberg considerou que havia muitos estádios, a começar na infância e estendendo-se até a idade adulta.

Kohlberg tentou compreender o desenvolvimento moral nas crianças e jovens, apresentando-lhes dilemas morais hipotéticos. O estudo por ele realizado, permitiu-lhe concluir que existem tendências etárias quanto ao uso de diferentes tipos de raciocínio moral.

Kohlberg definiu três níveis de desenvolvimento moral, cada um deles subdividido em dois estádios, tal como citado por Duque (2006, p.1):

**Nível I – Moralidade pré-convencional (dos 2 aos 6 anos aproximadamente):**

Neste nível, a criança interpreta as questões de certo e errado, bom e mau, em termos das consequências físicas da ação. Todas as ações punidas são vistas como más, e todas as premiadas são moralmente corretas. Este nível de moralidade reduz-se a um conjunto de normas externas, a que se obedece para evitar o castigo, a punição, ou para satisfazer desejos e interesses estritamente individualistas.

Estádio 1 – Estádio do castigo e da obediência: Pressupõe uma moral heterónoma, isto é, uma educação que visa à obediência a uma entidade de respeito vinda do exterior e para o castigo. Neste estádio, a criança pensa apenas nela própria e age de acordo com as consequências, castigo ou recompensa, da autoridade exterior.

Estádio 2 – Estádio do objetivo instrumental individual e da troca: A criança segue as regras apenas quando se trata do interesse imediato de alguém; age por forma a satisfazer os próprios interesses ou necessidades e deixa os outros fazerem o mesmo.

**Nível II – Moralidade convencional (idade escolar):**

No nível convencional, o justo e o injusto já não se confundem com o que leva à recompensa ou ao castigo. Define-se pela conformidade às normas sociais e morais vigentes. Assim, o indivíduo que está no nível de moralidade convencional é aquele que procura viver conforme as regras estabelecidas, com o que é socialmente aceite e compartilhado pela maioria, respeitando a ordem estabelecida. Portanto, há uma tendência a agir de modo a ser bem visto aos olhos dos outros, para merecer estima, respeito e consideração.

Estádio 3 – Estádio das expectativas interpessoais mútuas, dos relacionamentos e da conformidade: Corresponde às expectativas das pessoas mais próximas ou àquilo que as

peças geralmente esperam dos indivíduos na sua posição. “Ser bom” é importante e significa ter boas intenções, mostrar interesse pelos outros e estabelecer relações recíprocas como a confiança, a lealdade, o respeito e a gratidão.

Estádio 4 – Estádio da preservação do sistema social e da consciência: Cumpre os deveres com os quais concorda. As leis são para ser cumpridas, exceto em casos extremos, em que entrem em conflito com outros deveres sociais estabelecidos.

**Nível III – Moralidade pós-convencional (adolescência):**

Um indivíduo situado neste nível compreende e aceita as regras da sociedade na sua globalidade, mas apenas porque primeiramente aceita determinados princípios morais gerais que lhes estão subjacentes. No caso de um desses princípios entrar em conflito com as regras da sociedade, o indivíduo julgará com base nesse princípio e não na convenção social.

Estádio 5 – Estádio dos direitos originários, do contrato social ou da utilidade: Tem consciência de que as pessoas defendem diferentes valores e opiniões, de que grande parte dos valores e das regras são específicos de determinado grupo embora devam ser normalmente respeitados a fim de se garantir a imparcialidade ou isenção, até porque fazem parte do contrato social. Determinados valores e direitos não específicos como a vida e a liberdade, porém, têm de ser forçosamente defendidos em qualquer sociedade, independentemente da opinião da maioria.

Estádio 6 – Estádio dos princípios éticos universais: Segue princípios éticos por si escolhidos. As leis particulares ou os acordos sociais são normalmente válidos porque se baseiam nesses princípios. Quando as leis violam esses princípios, age-se de acordo com o princípio. Os princípios são premissas universais de justiça: igualdade dos direitos humanos e igualdade do ser humano enquanto indivíduo.

**2.1.3. TRABALHAR A COMPETÊNCIA SOCIAL NA ESCOLA:**

Entre os diversos contextos que afetam o desenvolvimento da criança, a escola é um dos mais importantes. O contexto escolar constitui um importante agente de

socialização dos comportamentos, das expectativas e dos valores associados à realização académica. Estas experiências no contexto escolar afetam a vida da criança e projetar-se-ão na sua vida adulta.

O contexto escolar tem um impacto significativo no desenvolvimento interpessoal dos alunos, quer através da organização dos currículos e das atividades extracurriculares, quer através da organização do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Esta linha de raciocínio está claramente associada à atual conceção da educação escolar como prática social e socializadora, apresentando como meta final o desenvolvimento global do aluno. Sendo assim, a educação escolar deverá incluir para além dos objetivos académicos, objetivos afetivo-sociais.

Segundo Sarramona (2000, citado por Cavalcanti, p. 4), “a escola permite uma ampla convivência entre os seus iguais, favorecendo a socialização na sua dimensão mais ampla e completa. Para muitos educandos a escola constitui hoje a principal fonte de socialização, devido às profundas transformações acontecidas na vida familiar e urbana”.

A competência social na escola tem sido alvo de uma atenção especial. De acordo com Lemos e Menezes (2002, p. 269), “a investigação nesta área tem mostrado que a competência social se relaciona fortemente com a realização académica. Os alunos com dificuldades de aprendizagem e os alunos com um rendimento normal apresentarão grandes diferenças na competência social. Comparadas com as crianças sem dificuldades, as primeiras são menos aceites ou mais rejeitadas pelos pares, revelam dificuldades em demonstrar comportamentos sociais positivos e demonstram níveis mais elevados de comportamento social negativo”.

Segundo Gresham e Reschly (1986, citado por Lemos e Menezes, 2002, p. 269), “a investigação evidencia, também, que os alunos com diferentes níveis de competência social se distinguem significativamente em comportamentos relevantes para a realização de tarefas em ambiente de sala de aula, tais como na exatidão das respostas que dão, o comportamento de escuta, a capacidade de levar a cabo uma tarefa, de seguir instruções e o tempo dispendido na realização das mesmas”.



## **2.2. FILOSOFIA PARA CRIANÇAS:**

A Filosofia para Crianças foi originalmente desenvolvida por Matthew Lipman e Ann Sharp nos Estados Unidos da América no final dos anos sessenta. Matthew Lipman, professor na Universidade de Columbia, apercebeu-se da necessidade de desenvolver nos alunos a capacidade de pensar muito antes destes chegarem ao nível universitário, desenvolvendo, então, vários trabalhos que originaram o movimento Filosofia para Crianças.

Tal movimento remete para um programa pedagógico que visa desenvolver as capacidades de raciocínio e do pensamento em geral, assim como as capacidades de verbalização do pensamento e aspetos cruciais da construção da comunicação, como o confronto de ideias e a reflexão em grupo. Esta aprendizagem multifacetada da atividade do pensar é feita através da criação de um diálogo e tem como objetivo promover o pensamento através de uma comunidade de investigação na sala de aula, onde as crianças são encorajadas a falar e a ouvir-se umas às outras e assim discutir ideias.

A Filosofia para Crianças serve para auxiliar as crianças a tornarem-se cidadãos capazes de oferecer uma contribuição pessoal e enriquecedora na construção continuada das necessárias referências orientadoras da vida humana. Serve para pensar, refletir e criticar todas as questões que dizem respeito à constituição dos significados e valores sociais.

O aspeto central da metodologia do Programa consiste na realização do diálogo investigativo que transforma os grupos de educandos em pequenas comunidades de investigação. Nelas, os participantes expõem as suas ideias, escutam-se uns aos outros, questionam-se mutuamente, comparam pontos de vista, complementando-os e eventualmente, corrigindo-os. Trata-se de um verdadeiro processo de cooperação intelectual, afetiva e criativa.

A Filosofia para Crianças serve, também, para preparar os educandos para o exercício de uma cidadania responsável. A participação produtiva numa pequena comunidade de investigação exige comportamentos e atitudes de cooperação, respeito mútuo, interesse por objetivos comuns e avaliação crítica, que são, entre outros, elementos fundamentais para uma postura democrática na sociedade. A ocupação dos espaços da cidadania exige, por parte dos participantes, a consciência desses comportamentos e atitudes. Estes podem decorrer ou ser reforçados quando se aprende desde cedo a respeitar os pontos de vista dos outros; a entender que o seu ponto de vista tem o mesmo valor e peso do dos outros; a respeitar a vez dos outros e a exigir

respeito pela própria vez; a respeitar regras previamente combinadas; a entender que as regras podem ser discutidas e modificadas, mas que são necessárias para a vida em comunidade; a reconhecer que todos somos iguais; e, finalmente, quando sabemos que todos somos igualmente dignos de respeito. Estes elementos éticos (tão necessários às relações sociais) e o domínio dos mesmos, tornam-se mais possíveis quando, no seu exercício prático, são acompanhados pela atenção do adulto.

Segundo Rolla (2004, p. 26) “os professores que desenvolvem o programa [...] acentuam que este promove essencialmente nos alunos a autoestima, a criatividade, a independência cognitiva (pensar por si mesmo), a solidariedade com os colegas (em comunidade de investigação), e a prontidão para levantar questões, imaginar hipóteses e fornecer razões e argumentos (fundamentação)”.

O Programa de Filosofia para Crianças propõe o envolvimento de alunos, de forma reflexiva, com temas comprovadamente formativos do substrato humanístico necessários a todas as pessoas, particularmente enquanto cidadãos. Estes temas dizem respeito aos valores (especialmente os morais), à convivência social racional, à importância do bem pensar e do pensar autónomo.

Assim, um projeto que adote a abordagem Filosofia para Crianças assume naturalmente a concretização de uma proposta educacional voltada para a cidadania. Numa postura filosófica, o conceito de cidadania não se limita à reivindicação de direitos e cumprimento de deveres, mas entende-se o cidadão como aquele que tem pensamento crítico, criterioso, ético e estético. Neste sentido, a implantação de um Programa de Filosofia para Crianças contempla o conceito de cidadania numa perspetiva mais ampla, uma vez que permite a aproximação das crianças ao pensamento reflexivo, global e sistemático, próprios do filosofar.

Em síntese, de acordo com Mendonça (2008), são objetivos da Filosofia para Crianças:

- Aprender a ouvir as perguntas e comentários dos outros participantes;
- Aprender a identificar contradições, consequências e coerências das ideias expostas;
- Saber concretizar o que se diz através de um exemplo e cultivar a procura de contra-exemplos;
- Aprender a fazer relações entre ideias (de sessão para sessão, e de uns participantes para outros);
- Praticar o respeitar a diferença sem indiferença;

- Aprender a conviver com as perguntas filosóficas (clarificando as questões, revendo crenças, levantando novas hipóteses para futuras verificações, etc.);
- Desenvolver as capacidades cognitivas e sociais que o processo de reflexão exige.

### **2.2.1. O PAPEL DO PROFESSOR NA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS:**

O professor de Filosofia para Crianças é prioritariamente um facilitador do diálogo e um incentivador da investigação. Este incentiva os alunos a pensarem por si mesmos e estimula-os a converterem a sala de aula numa comunidade de investigação, na qual eles se sentem convidados a participar, expressando os seus pontos de vista e dando os seus contributos.

O professor de Filosofia para Crianças com crianças de jardins de infância e de 1.º Ciclo, tem que ter o máximo de cuidado no sentido de evitar doutrinar, intelectualmente, crianças vulneráveis e ainda com vagas opiniões pessoais. Sendo assim, é imprescindível que os professores sigam a investigação conduzida não por eles mas sim pelos alunos, de acordo com os seus interesses.

O diálogo e a reflexão cumprem um papel fundamental no contexto escolar. É o diálogo que, por um lado, motiva o exercício de um pensar criterioso, criativo, autocorrigido, sensível ao contexto. Por outro lado, a reflexão e o diálogo ensinam conjuntamente o exercício da cidadania enquanto respeito ao outro, às opiniões divergentes e à diversidade cultural.

As sessões de Filosofia para Crianças, em geral, começam com a leitura e discussão de textos, gerando-se um diálogo na sala de aula desenvolvido a partir das intervenções dos próprios participantes. As diferenças de perspetivas tornam-se evidentes e há uma clarificação progressiva das múltiplas opiniões e interpretações das situações.

As discussões devem ser aproximadas do quotidiano das crianças, mas também do processo educacional do pensar, o que implica uma procura de meios para transformar as salas de aula em pequenas comunidades de investigação. O conceito de comunidade de investigação de Matthew Lipman envolve a necessidade de um espaço educacional onde os participantes se sintam membros de uma comunidade, onde possam debater ideias conjuntamente, construir sobre as ideias dos outros, pensar com

autonomia explorando alguns pressupostos e trazer ainda para as suas vidas a percepção do que é descobrir, inventar, analisar e criticar coletivamente.

As crianças leem histórias, discutem-nas e fazem as suas próprias interpretações. Fazem juízos acerca do que para elas é significativo e importante e discutem as suas ideias e as ideias dos restantes participantes, apresentando razões para as suas opiniões, levantando questões, dando contra-exemplos quando discordam, expondo os seus critérios e definições, e construindo argumentos.

Também podem inventar hipóteses, explicações e ilustrações, e contribuem, assim, para o pensar em grupo e exteriorizam o seu pensamento, expressando-o abertamente e possibilitando desse modo à comunidade interiorizá-lo também.

## CAPÍTULO 3 – ESTUDO EMPÍRICO

Em investigação educacional são diversas as opções metodológicas a serem consideradas. No nosso caso, dada a natureza do problema estudado, considerou-se pertinente seguir uma metodologia de **estudo de caso**.

### **3.1. ESTUDO DE CASO:**

De acordo com Ponte (2006, p. 2), o estudo de caso “é uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse”.

Segundo Martins (2006, p. 1), o estudo de caso “trata-se de uma investigação empírica que pesquisa fenómenos dentro do seu contexto real, onde o pesquisador não tem controlo sobre eventos e variáveis, buscando apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto”.

Ainda de acordo com Nisbett e Watt (1978, citado por Marli, 1984, p. 51), o estudo de caso deve ser entendido como “uma investigação sistemática de uma instância específica”. Essa instância específica pode referir-se apenas a uma pessoa, como a um grupo, a uma escola ou a uma instituição.

Os estudos de caso buscam a descoberta. Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos que orientam a análise inicial dos dados, este estará constantemente atento a elementos que podem emergir como importantes para o estudo, assim como também só será possível uma apreensão mais completa do objeto se for levado em conta o contexto no qual este está inserido.

Este tipo de metodologia procura representar os diferentes pontos de vista presentes numa situação e usa uma diversa variedade de fontes de informação e de métodos.

A característica mais distintiva neste tipo de estudo é a ênfase na singularidade, no particular. Isso implica que o objeto de estudo seja examinado como único.

Segundo Martins (2006, p. 3), “o sucesso de um estudo de caso, em muito, depende da perseverança, criatividade e raciocínio crítico do investigador para construir descrições, interpretações, enfim, explicações originais que possibilitem a extração cuidadosa de conclusões e recomendações”.

De acordo com Martins (2006), o estudo de caso pode adotar diferentes técnicas de levantamento de dados. No nosso caso utilizámos, ainda que de uma forma muito exploratória e humilde, a observação participante, conversas, análise de discursos e de comportamentos e um pequeno questionário.

- **Observação participante:**

Neste tipo de observação, o investigador torna-se parte integrante do estudo. O maior desafio neste método é do investigador ter a capacidade de se integrar, de forma harmoniosa, no grupo. A importância de um trabalho desta natureza é evidenciada pela singularidade das descrições obtidas.

- **Análise de discurso:**

A análise do discurso consiste na interpretação do que é dito em todo um discurso, mas também na interpretação de um sentido oculto presente em todos os discursos, ou seja, permite conhecer o significado do que está explícito na mensagem mas também do que se encontra implícito, isto é, não só é analisado o que se diz, mas também a forma como é dito.

- **Questionários:**

O questionário trata-se de um conjunto ordenado de questões a respeito de situações que se deseja descrever ou avaliar. Normalmente, num estudo de caso, a aplicação de questionários não é tão comum, pois o investigador opta, geralmente, por alternativas que possibilitem uma maior interação com os sujeitos da pesquisa.

De acordo com Gonçalves, Sá e Caldeira (2004/2005), são várias as vantagens, mas também as limitações de uma metodologia de estudo de caso. Como aspetos positivos, destacam a facilidade de compreensão e comunicação da informação produzida; a focalização em pontos únicos, sustentando uma melhor compreensão da

situação em estudo; o detalhe descritivo das situações em estudo e, ainda, a aplicação do conhecimento adquirido em outros casos similares.

Já como aspetos negativos, referem a falta de objetividade, devido à constante perspectiva do investigador; o frequente prolongamento do tempo de estudo; a possível manipulação inconsciente dos dados e, ainda, a falta de generalização dos resultados.

## **3.2. DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS:**

### **3.2.1. SUJEITOS DO ESTUDO:**

Atendendo à caracterização das crianças da nossa turma, tendo por base o Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC) (Portugal & Laevers, 2010), onde verificámos os níveis médios de implicação e bem-estar de todas as crianças nas várias atividades, destacaram-se dois grupos de crianças, caracterizando-se um por níveis mais baixos de implicação e de bem-estar emocional e outro grupo por níveis mais elevados nessas mesmas dimensões. Tal como já foi referido, encontra-se um descritivo destes mesmos conceitos e respetivas escalas em anexo (Anexo 1).

Assumiu-se que os níveis de implicação e de bem-estar são indicadores da forma como cada criança experiencia o contexto, de uma forma mais ou menos positiva, sendo que o grau de satisfação experienciado terá efeitos na abertura das crianças para se colocarem na perspectiva dos outros e assumirem comportamentos socialmente mais adequados. Assim, um objetivo implícito no trabalho foi procurar perceber até que ponto os comportamentos das crianças dos dois grupos se diferenciavam ou não, no que respeita ao efeito de uma intervenção que visava o desenvolvimento de competências sociais.

Como já referido, ainda que eu e a minha parceira de estágio, Joana Tavares, tenhamos concebido e realizado o projeto em conjunto, cada uma analisou de forma mais atenta estes diferentes grupos de crianças.

A caracterização do comportamento social das treze crianças que acompanhei de forma mais atenta e próxima foi feita com recurso ao SAC (Sistema de Acompanhamento

das Crianças) (Portugal & Laevers, 2010). De acordo com essa mesma análise, caracterizo as crianças da seguinte forma:

- **BG:** Era uma criança muito afetuosa, simpática, comunicativa e bastante participativa em todas as atividades. No entanto, um pouco tímida. Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e sabia expor com clareza as suas opiniões, sabendo, também, respeitar as opiniões dos outros.

Falava abertamente sobre os seus sentimentos e comportamentos e demonstrava um interesse espontâneo pelos colegas e por nós. Tinha consciência das suas capacidades e fraquezas e fazia boas interpretações de interações sociais. Demonstrava, também, muita sensibilidade em relação às necessidades e sentimentos dos outros.

- **BP:** Sempre evidenciou muita alegria e vitalidade. Era uma criança cheia de energia, entusiasmo e vontade de participar nas atividades. Demonstrava muito espírito de união e estava sempre disponível para ajudar os colegas nas tarefas diárias. Era, também, muito defensora e protetora dos seus amigos.

Expressava abertamente os seus sentimentos mais positivos. No entanto, tinha dificuldade em comunicar aos outros por palavras quando algo a perturbava, chorando frequentemente. Demonstrava muita sensibilidade em relação às necessidades dos outros.

- **CG:** Era uma criança muito afetuosa, simpática e meiga. No entanto, demonstrava bastante timidez e participava de uma forma algo insegura nas atividades. Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e sabia expor com clareza as suas opiniões, sabendo, também, respeitar as opiniões dos outros.

Falava sobre os seus sentimentos com alguma dificuldade e demonstrava um interesse espontâneo pelos colegas e por nós e um grande espírito de união, estando sempre disponível para ajudar os outros. Tinha consciência das suas capacidades e fraquezas e fazia boas interpretações de interações sociais. Demonstrava, também, muita sensibilidade em relação às necessidades e sentimentos dos outros.

- **CO:** Esta criança demonstrava sempre uma enorme vontade e entusiasmo em participar em todas as atividades. Contudo, tinha alguma dificuldade em respeitar as regras e os colegas quando eram estes a participar, demonstrando, nessas situações, alguma frustração e impaciência.



Por vezes, envolvia-se em conflitos com os colegas e evidenciava uma ideia demasiado elevada da sua superioridade.

Sabia expor com clareza as suas opiniões, tendo alguma dificuldade em respeitar as opiniões dos restantes colegas. Falava abertamente sobre os seus sentimentos e comportamentos e demonstrava um interesse espontâneo pelos colegas e por nós.

- **ME:** Era uma criança muito afetuosa, simpática, comunicativa com as crianças e com os adultos e revelava muita maturidade. No entanto, em grande grupo, retraía-se e não participava de forma frequente. Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e sabia expor com clareza as suas opiniões, sabendo, também, respeitar as opiniões dos outros.

Falava abertamente sobre os seus sentimentos e comportamentos e demonstrava um interesse espontâneo pelos colegas e por nós. Tinha consciência das suas capacidades e fraquezas e fazia boas interpretações de interações sociais. Demonstrava, também, muita sensibilidade em relação às necessidades e sentimentos dos outros.

- **EC:** Esta criança demonstrava uma grande facilidade na aprendizagem, um bom ritmo de trabalho e um interesse espontâneo pelos colegas e pelos adultos. Relacionava-se de forma cordial com os colegas, tendo alguma dificuldade em falar abertamente dos seus sentimentos com os adultos. Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e sabia expor com clareza as suas opiniões, sabendo, também, respeitar as opiniões dos outros.

Demonstrava, também, muita sensibilidade em relação às necessidades e sentimentos dos outros.

- **FA:** Era uma criança extremamente meiga, afetuosa e simpática. Revelava muito interesse e empenho nas atividades. No entanto, transmitia muita insegurança, requerendo sistematicamente o apoio do adulto e reforço positivo na realização das tarefas. Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e sabia expor com clareza as suas opiniões, sabendo, também, respeitar as opiniões dos outros.

Relacionava-se de forma cordial com os colegas e com os adultos e demonstrava, também, muita sensibilidade em relação às necessidades e sentimentos dos outros.

- **GC:** Evidenciava sempre alegria, vitalidade e energia e demonstrava uma enorme vontade e entusiasmo em participar nas atividades. Contudo, revelava alguma

imaturidade nas suas atitudes e comportamentos e tinha dificuldade em respeitar as regras e os colegas quando eram estes a participar, demonstrando, nessas situações, alguma frustração e impaciência.

Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas, demonstrando, frequentemente, vontade em ajudar os outros.

Sabia expor com clareza as suas opiniões e falava abertamente sobre os seus sentimentos e comportamentos.

- **JT:** Esta criança relacionava-se de forma cordial com os colegas, tendo alguma dificuldade em falar abertamente dos seus sentimentos com os adultos. Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e sabia expor com clareza as suas opiniões, sabendo, também, respeitar as opiniões dos outros.

Demonstrava, também, muita sensibilidade em relação às necessidades e sentimentos dos outros e estava sempre disponível para ajudar os colegas nas tarefas diárias.

- **JS:** Era uma criança muito afetuosa, simpática, comunicativa e bastante participativa em todas as atividades. Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e sabia expor com clareza as suas opiniões, sabendo, também, respeitar as opiniões dos outros.

Falava abertamente sobre os seus sentimentos e comportamentos. Face a um comportamento menos bom, esta criança reconhecia de imediato o seu erro. No entanto, demonstrava uma grande frustração face a algum tipo de insucesso.

Tinha consciência das suas capacidades e fraquezas e fazia boas interpretações de interações sociais. Evidenciava, também, muita sensibilidade em relação às necessidades e sentimentos dos outros.

- **MV:** Evidenciava sempre alegria, vitalidade e energia e demonstrava vontade e entusiasmo em participar nas atividades. Contudo, revelava alguma imaturidade nas suas atitudes e comportamentos. Relacionava-se com um grupo restrito de crianças.

Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas, demonstrando, frequentemente, vontade em ajudar os outros.

Sabia expor com clareza as suas opiniões, no entanto, sentia dificuldade em falar abertamente sobre os seus sentimentos.

- **MM:** Era uma criança muito viva, comunicativa e alegre. Foi sempre muito acarinhada por todos os colegas, demonstrava espírito de união e estava sempre disponível para ajudar os outros nas tarefas diárias. Era, também, muito defensora e protetora dos seus amigos. Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e sabia expor com clareza as suas opiniões, sabendo, também, respeitar as opiniões dos outros. Por vezes, evidenciava uma ideia demasiado elevada da sua superioridade.

Falava abertamente sobre os seus sentimentos e comportamentos e demonstrava um interesse espontâneo pelos colegas e por nós. Tinha consciência das suas capacidades e fraquezas e fazia boas interpretações de interações sociais.

- **MT:** Era uma criança muito afetuosa, simpática, comunicativa com as crianças e com os adultos e revelava muita maturidade. No entanto, em grande grupo, retraía-se e não participava de forma frequente. Expressava abertamente os seus sentimentos mais positivos mas tinha dificuldade em comunicar aos outros quando algo a perturbava ou quando não se sentia capaz de fazer algo, chorando frequentemente.

Normalmente, não se envolvia em conflitos com os colegas e evidenciava muita sensibilidade em relação às necessidades e sentimentos dos outros.

### **3.2.2. PROCEDIMENTOS:**

Durante seis semanas consecutivas, desde o dia 24 de outubro, até ao dia 28 de novembro de 2011, realizámos sessões, aproveitando o espaço curricular dedicado à Formação Cívica, das 9h00 às 10h30 da manhã. Essas mesmas sessões basearam-se, maioritariamente, numa abordagem de Filosofia para Crianças, num jogo de perguntas e respostas.

Em cada semana era explorado um tema diferente, sendo que a competência social surgia como tema globalizante.

Em cada sessão, era apresentado um PowerPoint, com algumas perguntas. Cada pergunta, inicialmente, era respondida por cada criança num papel. Depois disso, eram criadas algumas situações, em que as crianças poderiam dar a sua opinião, concordando ou não com as respostas hipotéticas, gerando, assim, um debate entre os vários elementos da turma. A única sessão onde a Filosofia para Crianças não esteve presente,

foi a sessão número dois, que foi dedicada à exploração de emoções, com recurso à caixa das emoções.<sup>1</sup>

Paralelamente a estas sessões, durante os restantes dias, de uma forma continuada e mais próxima das experiências vividas pelas crianças no seu dia a dia, incluindo o trabalho realizado nas diversas áreas curriculares, privilegiámos imenso o trabalho em grupo e/ou em pares e motivámos cada criança a ajudar o seu colega do lado, sempre que concluísse a tarefa pedida. Procurámos também protagonizar comportamentos sociais que pudessem funcionar como bons modelos de referência para as crianças.

Criámos o blog: <http://crescercomigoecomosoutros.blogspot.com/>, para que tanto as crianças, como os pais e encarregados de educação e restantes professores, pudessem acompanhar, partilhar ideias, fazer comentários sobre o trabalho realizado e, eventualmente, dar sugestões.

Foi criada, também, paralelamente a todas as atividades, uma caixa do correio. Esta esteve presente na sala de aula, durante todos os dias, e cada criança tinha a oportunidade de comunicar com os seus colegas. A caixa do correio era aberta todas as segundas-feiras, para distribuição da correspondência.

Esta foi criada com o objetivo de solidificar as relações existentes entre as crianças, por forma a haver também um maior conhecimento entre elas. Era uma forma de expressar emoções e sentimentos e de estabelecer uma maior comunicação e um sentimento de pertença e de união entre o grupo.

### **3.2.3. OBJETIVOS DO ESTUDO:**

Como já referido, foi objetivo principal do presente estudo dinamizar junto das crianças uma reflexão continuada em torno de várias temáticas relacionadas com a

---

<sup>1</sup> “Uma caixa cheia de emoções” é um instrumento utilizado para explorar quatro emoções básicas: estar feliz, estar com medo, estar zangado e estar triste. Existem muitos outros sentimentos como, por exemplo, ciúme, paixão, culpa, desilusão, inferioridade e mágoa. No entanto, uma exploração completa destas quatro emoções básicas é uma excelente preparação para a exploração de emoções mais complexas. Tem como objetivo (re)conhecer, nomear e fazer uma distinção entre estas emoções, neles próprios e nos outros, permitindo colocar-se na perspetiva do outro e ajudando a desenvolver a sua consciência social. (visualizado em <http://www.estudiodidactico.pt/produto.asp?action=show&id=10>, a 29 de abril de 2012).

competência social, procurando o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo outro, de entreaajuda e de confiança.

De forma sintética, podemos identificar como objetivos operacionais ou estratégicos os seguintes:

- Assegurar que ao longo do semestre, pelo menos uma vez por semana, as crianças participassem em sessões gerais, as quais abordavam temáticas como a amizade, o bem e o mal, o viver em sociedade, a sua caracterização pessoal, os sentimentos e emoções, tendo em vista o desenvolvimento de competências sociais e, simultaneamente, promover a atitude de questionamento e reflexão crítica das crianças.
- Assegurar que ao longo do semestre, todos os dias, as crianças realizavam atividades ou participavam em dinâmicas suscetíveis de promover competências sociais, inseridas nas rotinas escolares normais das crianças.
- Publicação *on-line* dos assuntos tratados, com recurso à criação de um blog, para a visualização de toda a comunidade escolar e familiar, servindo como encorajamento para a partilha e participação alargada a todos.

#### **3.2.4. CALENDARIZAÇÃO E OBJETIVOS DAS SESSÕES:**

As sessões foram pensadas e planificadas com base em diferentes temáticas, inseridas no objetivo mais amplo de promoção da competência social, de acordo com o quadro seguinte:

**Quadro 2: Calendarização das sessões gerais realizadas**

<b>N.º da sessão</b>	<b>Data</b>	<b>Hora</b>	<b>Nome da sessão</b>
<b>N.º 1</b>	24 de outubro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“Quem sou eu?”</i>
<b>N.º 2</b>	31 de outubro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“A caixa das emoções”</i>
<b>N.º 3</b>	7 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que são os sentimentos?”</i>

<b>N.º 4</b>	14 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que são o bem e o mal?”</i>
<b>N.º 5</b>	21 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que é viver em sociedade?”</i>
<b>N.º 6</b>	28 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que é viver em sociedade? Relembrar o que aprendi...”</i>

Com estas sessões procurámos, sobretudo, que as crianças identificassem as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e reconhecendo algumas das suas capacidades e dificuldades. Procurámos, ainda, que as crianças expressassem as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada; que contribuíssem para o funcionamento e aprendizagem do grupo, partilhando ideias, perspetivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros; que, perante opiniões diferentes das suas, escutassem, questionassem e argumentassem, procurando chegar a conclusões e que manifestassem respeito pelas necessidades, sentimentos e opiniões dos outros. Tentámos, igualmente, que as crianças integrassem no seu dia-a-dia, o comportamento mais adequado em determinada situação, proporcionando ao grupo, situações de interação e cooperação com os outros, implicando competências comunicacionais e o reconhecimento de diferentes papéis sociais.

Sendo assim, achámos importante que as crianças, inicialmente, refletissem sobre elas próprias, tentando compreender quem são. Considerámos, também, imprescindível, explorar as emoções, pois só é possível relacionar-se bem consigo próprio e com os outros, se se for capaz de identificar emoções e saber exprimi-las. Por fim, refletimos com as crianças sobre a importância de ajudar os outros e de os respeitar.

Pela adoção na maioria das sessões da abordagem Filosofia para Crianças, procurámos estimular a capacidade de verbalização de ideias, de organização do pensamento e de questionamento crítico.

### **3.2.5. AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO:**

A avaliação da intervenção foi feita considerando os dados recolhidos junto das crianças, da professora titular e dos pais.

**Com as crianças:**

- Análise dos níveis de implicação e bem-estar durante as atividades;
- Conversa com as crianças acerca das suas experiências e opiniões;
- Análise dos vários registos das crianças;
- Respostas das crianças a um pequeno questionário para balanço final das sessões;
- Reflexão sobre a qualidade de participação das crianças em termos de verbalização de ideias, questionamento e posicionamento crítico;
- Reflexão em torno dos comportamentos sociais das crianças, considerando os indicadores descritos anteriormente (Portugal & Laevers, 2010), ao longo das rotinas escolares.

**Com a professora titular da turma:**

- Reflexão acerca das dinâmicas (nível de participação, motivação e entusiasmo) e acerca da mudança de atitudes à medida que o processo decorreu.

**Com os pais:**

- Análise do grau de envolvimento (participação dos pais, comentários, sugestões, etc.).





## **CAPÍTULO 4 – DESCRIÇÃO DAS SESSÕES E ANÁLISE DOS DADOS**

De um total de seis sessões, em cinco delas recorremos à estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas, utilizando apresentações em PowerPoint com as perguntas e várias respostas hipotéticas.<sup>2</sup>

Inicialmente, as crianças respondiam às questões, individualmente e por escrito, sendo que, de seguida, eram apresentadas várias respostas hipotéticas a essas mesmas questões, com o objetivo de gerar um debate em grande grupo, com as várias opiniões.

A única sessão em que esta mesma estratégia não foi utilizada foi na sessão n.º 2, em que recorremos à “caixa das emoções” (ver nota 1).

### **4.1. SESSÃO N.º 1 – “QUEM SOU EU?”:**

No dia 24 de outubro de 2011, demos início ao projeto “CRESCER... Comigo e com os Outros!”.

Nesta sessão, cada criança escreveu num papel três coisas acerca de si próprio. Os papéis foram recolhidos e colocados numa caixa, os quais foram utilizados numa sessão posterior.

De seguida, colocámos as seguintes questões às crianças:

- Quem és tu?
- És um animal?
- És igual aos outros?
- Gostas de te ver ao espelho?

Através desta sessão, tínhamos como objetivo principal que as crianças identificassem as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e reconhecendo algumas das suas capacidades e dificuldades.

De uma forma mais específica, era nosso objetivo que as crianças:

- Aprendessem a conhecerem-se e a aceitar que nem sempre podem ser exatamente o que queriam;

---

<sup>2</sup> O descritivo pormenorizado de cada sessão, assim como, as apresentações em PowerPoint utilizadas, encontram-se em anexo.

- Não se preocupassem excessivamente com as aparências e descobrissem que a beleza não se vê só com os olhos;
- Encontrassem o caminho certo entre o amor excessivo pela própria pessoa e a sua rejeição;
- Desconfiassem das opiniões já feitas que as impedem de viver e de amar os outros tal como eles são;
- Procurassem não copiar os outros, nem tentassem ser diferentes deles a qualquer preço.

#### **4.1.1. RESULTADOS:**

Começámos a sessão por apresentar ao grupo de crianças o projeto, mostrando apenas o seu título e perguntando-lhes o que este lhes sugeria.

As respostas que as crianças deram através do título foram:

*“Só conseguimos crescer se nos respeitarmos uns aos outros e se ajudarmos os outros”; “não conseguimos crescer felizes se estivermos sozinhos”; “precisamos dos outros para viver”.*

Através desta conversa inicial, as crianças perceberam que a temática principal do projeto seria a competência social.

Explicámos-lhes que este tema explorava as relações existentes entre as pessoas e aproveitámos para lhes perguntar o que estas pensavam sobre a relação existente entre os elementos da turma. No geral, a turma salientou algumas dificuldades nas relações, a falta de união, de confiança, de ajuda e de partilha. No entanto, houve um elemento, a aluna BP, que não concordou com as opiniões dos colegas, afirmando ser amiga de todos e que a turma era unida e coesa.

Depois deste pequeno confronto de ideias, explicámos à turma que este projeto iria ter a duração de seis semanas, sendo que todas as segundas-feiras iríamos realizar atividades que os fizessem pensar sobre algumas atitudes para com eles próprios e para com os outros, com o objetivo de melhorar certos comportamentos existentes na turma. Para isso, cada um teria sempre a oportunidade de expor as suas ideias e de ouvir as opiniões dos outros, para que em conjunto conseguissem perceber e melhorar algumas atitudes e comportamentos. Explicámos, ainda, que durante os restantes dias da semana, iriam ser realizadas várias tarefas em pequenos grupos/pares, com a intenção

de reforçar as atitudes positivas entre eles e que todos teriam, ainda, a oportunidade de se ajudarem uns aos outros, sempre que concluíssem as tarefas pedidas.

O subtema desta semana foi: **Quem sou eu?**

Achámos pertinente começar o projeto com esta mesma questão, uma vez que é importante as crianças refletirem, inicialmente, sobre elas próprias, sobre a sua própria personalidade, sentimentos e emoções, ou seja, é importante compreenderem quem são.

Fizemos essa mesma pergunta a cada uma das crianças. Estas responderam, por escrito, e as respostas das treze crianças por mim analisadas foram:

<b>Eu sou...</b>
<b>BG:</b> <i>“Eu tenho cabelo castanho, olhos castanhos e sou bonita.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Eu sou uma menina, faladora e brincalhona.”</i>
<b>CG:</b> <i>“Eu sou amiga, faladora e brincalhona.”</i>
<b>CO:</b> <i>“Eu sou alegre, traquinas e esperto.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Eu gosto de diversão, de animação e gosto muito dos meus amigos.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Eu sou divertido, desarrumado e unido aos meus amigos.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Eu sou bem comportado, bonito e fixe. Não sou mau.”</i>
<b>GC:</b> <i>“Eu sou criativo, rápido e bonito.”</i>
<b>JT:</b> <i>“Eu sou simpático, inteligente e sou amigo dos meus amigos.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Eu sou simpático, inteligente e amigo.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Eu sou rápido, bonito e falador.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Eu sou bonita e vaidosa, tenho olhos castanhos e sou muito perfeita.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Eu sou uma menina bem comportada, sou bonita e sou divertida.”</i>

Todas as crianças apresentaram aspetos positivos acerca da sua personalidade e aspeto físico, sendo que algumas apenas referiram aspetos físicos. De registar que BG e MM eram duas crianças que evidenciavam um nível elevado de autoestima, especialmente, a aluna MM que era alvo de preferências por parte de muitos elementos da turma.

As crianças, na generalidade, evidenciaram algumas dificuldades em se definirem.

Depois de discutirmos em grande grupo acerca desta questão, colocámos a seguinte às crianças:

<b>És um animal?</b>
<b>BG:</b> <i>“Sou uma menina e sou um animal porque todos somos animais.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Eu sou um animal, porque os meus antepassados eram macacos.”</i>
<b>CG:</b> <i>“Não sou um animal, porque somos pessoas... Mas já fomos animais.”</i>
<b>CO:</b> <i>“Sim, porque tenho sangue e carne como os outros.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Sim porque os nossos antepassados eram animais.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Sou um animal, porque há muito tempo os humanos eram animais.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Eu sou um humano e sou um animal porque sou feito de carne, como os outros.”</i>
<b>GC:</b> <i>“Não, eu sou um humano porque eu não nasci de um animal.”</i>
<b>JT:</b> <i>“Sim, porque antigamente as pessoas pareciam animais.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Eu sou um rapaz e sou um animal, porque sou um macaco sem pêlo.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Não sou, porque eu não nasci da barriga de um animal.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Eu sou um animal porque somos uns macacos sem pêlos.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Não, porque eu sou um humano e não um animal.”</i>

Esta pergunta tinha como objetivo que as crianças percebessem que o ser humano, enquanto animal racional, detém maiores responsabilidades sobre si próprio, sobre os outros e sobre o planeta, sendo que as suas atitudes devem ser pensadas e ponderadas de forma a não prejudicarem os restantes.

A maior parte das crianças responderam à questão de forma afirmativa, dando justificações muito bem conseguidas, mostrando, desta forma, que compreendiam a evolução do ser humano, enquanto animal racional. Os restantes alunos responderam negativamente, dando como razões o facto de não terem nascido da barriga de um animal e de as pessoas já terem sido animais, em tempos mais antigos, sendo que neste momento não o eram.

No entanto, penso que o objetivo definido para esta questão não foi conseguido, uma vez que as respostas das crianças não indicaram a perceção da responsabilidade sobre si próprio, sobre os outros e sobre o planeta, enquanto animais racionais. Portanto, penso que a questão foi mal colocada para o objetivo que estava traçado, uma vez que as crianças apenas refletiram sobre a origem da sua existência e não nas suas responsabilidades. Sendo assim, teria sido importante colocar mais uma questão, tal como: “Achas que enquanto animal racional, tens responsabilidades diferentes dos outros animais?”.

De seguida, colocámos a seguinte questão às crianças:

<b>És igual aos outros?</b>
<b>BG:</b> <i>“Não, porque todos nós somos diferentes uns dos outros.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Não, porque tenho outras características.”</i>
<b>CG:</b> <i>“Sim, porque por dentro somos todos iguais.”</i>
<b>CO:</b> <i>“Não, porque tenho características diferentes dos outros.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Não, porque cada um tem a sua maneira de ser.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Não, porque eu tenho características diferentes dos outros.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Não, porque os nossos sentimentos não são iguais aos outros.”</i>
<b>GC:</b> <i>“Não, porque eu não tenho de ser igual aos outros.”</i>
<b>JT:</b> <i>“Não, porque eu tenho características diferentes.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Sim, porque eu tinha um amigo desta escola que era igual a mim em tudo.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Sim, porque eu nasci na barriga da mãe como os outros.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Não, porque não tenho as mesmas características.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Não, porque eu não sou igual aos rapazes.”</i>

Com esta pergunta, era nosso objetivo que as crianças compreendessem que todos têm características físicas e psicológicas diferentes, possuindo também características muito semelhantes aos outros.

A maior parte dos alunos afirmaram não ser iguais aos outros, sendo que todos possuíam características e sentimentos diferentes. Apenas os alunos CG, JS e MV responderam à questão afirmativamente. Tanto a aluna CG como o aluno MV justificaram a questão relativamente à anatomia do corpo humano. Já o aluno JS apresentou como justificação um exemplo de um amigo, que considerava ser igual a ele, pelo facto de terem muitos gostos em comum.

As respostas das crianças indicaram a compreensão destas face às características comuns e diferentes que possuem em relação aos outros. Penso que o objetivo foi cumprido, uma vez que as crianças compreenderam que todos apresentam características diferentes dos outros, tendo também, alguns aspetos muito semelhantes.

De seguida, foi colocada às crianças a última questão:

<b>Gostas de te ver ao espelho?</b>
<b>BG:</b> <i>“Sim, porque sou muito vaidosa.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Sim, porque sou muito bonita e parecida com a minha mãe.”</i>
<b>CG:</b> <i>“Sim, porque sou bonita.”</i>

<b>CO:</b> <i>“Sim, porque parece que tenho um irmão.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Sim, porque me acho bonita e encantadora.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Sim, porque assim consigo ver o meu reflexo.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Sim, porque somos todos bonitos.”</i>
<b>GC:</b> <i>“Sim, porque sou muito bonito.”</i>
<b>JT:</b> <i>“Sim, porque eu gosto de ver o meu reflexo.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Sim, porque eu quando tomo banho e saio da banheira faço penteados novos e engraçados em frente ao espelho.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Sim, porque eu sou giro.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Sim, porque eu sou muito bonita e perfeita.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Sim, porque gosto de ver o cabelo e de ver se tenho os dentes limpos.”</i>

Esta pergunta tinha como principais objetivos que as crianças aprendessem a conhecerem-se e a aceitarem-se tal como são, sendo que cada uma apresenta características únicas; que toda a gente apresenta alguns defeitos e, ainda, que as principais virtudes não estão na aparência física, mas sim no seu interior.

A esta questão, todas as crianças responderam afirmativamente, denotando, assim, que estas apresentam níveis elevados de autoestima e de gosto por si próprias.

Mais uma vez, a partir desta questão, se consegue verificar o elevado nível de autoestima da aluna MM, tal como foi denotado na questão n.º 1.

A maior parte das crianças afirmaram gostarem de se ver ao espelho, por serem bonitas. Então, colocámos-lhes a questão:

*“O espelho reflete toda a nossa beleza?”*

Face a esta questão, as opiniões das crianças divergiram, sendo que algumas continuaram a afirmar que a beleza era aquilo que se via no espelho, outros já interpretaram a beleza como um todo, contemplando não só os traços físicos, mas também os traços da personalidade de cada um.

Os objetivos definidos para esta sessão foram, em parte, verificados. As crianças por mim analisadas aceitavam-se tal como eram, percebendo que cada uma delas apresentava características únicas. No entanto, algumas reconheceram a beleza como um todo, contemplando os vários aspetos de uma pessoa, mas uma parte das crianças continuaram a definir o conceito de beleza unicamente pelos aspetos físicos.

Esta primeira sessão foi muito positiva, uma vez que as crianças se mostraram bastantes interessadas e curiosas. Verificou-se um elevado nível de participação por

parte de todos. No entanto, essa maior participação deu-se por parte das crianças por mim analisadas, ou seja, as crianças que demonstraram desde o início do nosso estágio níveis elevados de implicação e de bem-estar.

#### **4.2. SESSÃO N.º 2 – “A CAIXA DAS EMOÇÕES”:**

No dia 31 de outubro de 2011, realizámos a segunda sessão do projeto “CRESCER... Comigo e com os Outros!”.

Nesta sessão, recorreremos à utilização da caixa das emoções (ver nota 1). A sessão foi realizada no polivalente do colégio, por forma a diversificar o espaço habitual das crianças.

Reunimo-nos numa grande roda e iniciámos a primeira atividade: Utilizámos uma roleta (pertencente à caixa das emoções), que continha as emoções: Feliz, triste, zangado e com medo. Cada criança teve que rodar a roleta e explicitar aos colegas uma situação na qual experienciou a emoção que lhe calhou na roleta.

De seguida, colocámos várias músicas (também pertencentes à caixa das emoções), que expressavam várias emoções. As crianças tentaram descobrir que emoção lhes despertava cada música.

Depois disso, foram realizados quatro grupos, de forma aleatória. A cada grupo foi entregue um papel, com o nome de uma emoção. Cada grupo teve que dramatizar, através de mímica, a emoção correspondente. As restantes crianças tiveram que adivinhar a emoção representada.

Por fim, apresentámos às crianças a “caixa do correio”. Foi colocada na sala uma caixa do correio, e cada criança foi convidada a escrever, desenhar, ou expressar-se com alguém da turma. Para isso, poderiam colocar a sua correspondência na caixa e designar apenas o destinatário, não precisando de se identificar a si próprio. Todas as segundas-feiras procedemos à distribuição do correio.

Através desta sessão, tínhamos como objetivo principal que as crianças expressassem as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada.

De uma forma mais específica, procurámos que as crianças:

- Reconhecessem as suas emoções e sentimentos;
- Contactassem com as suas emoções e sentimentos;
- Diferenciassem os seus próprios sentimentos dos sentimentos dos outros;

- Aceitassem os seus próprios sentimentos e emoções;
- Lidassem com as suas emoções, não as suprimindo;
- Expressassem as suas emoções de forma aceitável.

#### **4.2.1. RESULTADOS:**

Nesta sessão, considerámos pertinente trabalhar as emoções, pois achámos que seria importante que as crianças ficassem mais próximas dos sentimentos e emoções que sentiam e aprendessem a reconhecê-los e a aceitá-los, sendo fundamental para o estabelecimento de interações positivas com os outros.

Para isso, formámos um círculo e cada aluno, um de cada vez, rodou uma roleta e teve de explicitar uma situação em que já experienciou uma determinada emoção.

Esta atividade foi bastante apreciada por todas as crianças, principalmente pelas crianças analisadas pela Joana, cujos níveis de implicação e de bem-estar se verificavam mais baixos. As crianças souberam expressar de uma forma muito natural várias situações, tanto positivas como negativas.

Foi possível verificar que as treze crianças por mim observadas tiveram mais dificuldades em expressar emoções negativas, como o medo, a tristeza e a raiva. Houve, inclusive, uma criança (BP) que não conseguiu referir nenhuma situação em que se tenha sentido triste, afirmando esta nunca se ter sentido assim. Tentámos, ainda, dar-lhe exemplos de situações que a possam ter deixado triste e explicámos-lhe que era natural, por vezes, experienciar emoções mais negativas, mas mesmo assim, a criança não foi capaz de explicitar nenhuma situação.

Depois disso, foram ouvidas várias músicas, que expressavam diversas emoções. Esta atividade foi, também, muito positiva, sendo que todos participaram com entusiasmo, e chegaram à conclusão que uma música poderia representar emoções diferentes para cada pessoa, dependendo da sua interpretação.

De seguida, as crianças foram agrupadas em quatro grupos e cada um deles teve que dramatizar, através de mímica, uma emoção.

Os alunos MV, BG, JT e CO constituíram um grupo e foi esse mesmo grupo que apresentou mais dificuldades na dramatização da emoção “zangado – raiva”. As crianças sentiram dificuldade em encontrar uma situação que pudessem explicitar essa mesma emoção, pelo facto de ser uma experiência negativa.



Por fim, dirigimo-nos de novo à sala e apresentámos a “caixa do correio”. Esta ideia foi muito bem aceite pelo grupo, sendo que todas as crianças começaram a escrever e a desenhar para os seus colegas.

Os objetivos traçados para esta sessão foram verificados. As crianças, na generalidade, foram capazes de reconhecer e contactar com as suas emoções e sentimentos de forma adequada, explicitando situações em que sentiram diversas emoções. Com esta sessão, foi possível, também, as crianças diferenciarem os seus próprios sentimentos dos sentimentos dos outros, pois puderam verificar que uma determinada situação (como as músicas que ouviram), podiam indicar para si uma determinada emoção, e para outra pessoa uma emoção diferente.

Foi, ainda, possível incentivar as crianças a aceitar e a lidar com os seus próprios sentimentos e emoções. Para isso, ajudámo-las a perceber que as emoções negativas também fazem parte da nossa existência e incentivámo-las a exprimir essas mesmas emoções, sem as suprimir.

#### **4.3. SESSÃO N.º 3 – “O QUE SÃO OS SENTIMENTOS?”:**

No dia 7 de novembro de 2011, realizámos a terceira sessão do projeto “CRESCER... Comigo e com os Outros!”.

Nesta sessão, as questões colocadas foram as seguintes:

- O que são os sentimentos?
- Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?
- É melhor estar sozinho ou com os amigos?
- Tens medo de falar sozinho em frente à turma?

Através desta sessão, tínhamos como objetivo principal que as crianças identificassem as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e reconhecendo algumas das suas capacidades e dificuldades.

De uma forma mais específica, era nosso objetivo que as crianças:

- Fossem capazes de se exprimir e refletir acerca dos seus sentimentos;
- Compreendessem os sentimentos dos outros.

#### 4.3.1. RESULTADOS:

Nesta sessão, decidimos dar continuidade ao tema desenvolvido na semana anterior, sendo que esta semana seguimos a abordagem Filosofia para Crianças.

Perguntámos às crianças “O que são os sentimentos?”. As respostas das treze crianças por mim analisadas foram:

O que são os sentimentos?
<b>BG:</b> “Os sentimentos são o que sentimos pelos outros.”
<b>BP:</b> “Os sentimentos são quando nos sentimos zangados, alegres, tristes ou com medo.”
<b>CG:</b> “Os sentimentos são quando uma pessoa está triste ou feliz.”
<b>CO:</b> “Os sentimentos são o que sentimos.”
<b>ME:</b> “Os sentimentos são ações que nos deixam tristes, zangados, assustados ou alegres.”
<b>EC:</b> “Os sentimentos são uma coisa que nós sentimos no corpo.”
<b>FA:</b> “Os sentimentos são o que sentimos por dentro.”
<b>GC:</b> “Os sentimentos são o que nós sentimos.”
<b>JT:</b> “Os sentimentos são raiva, feliz e chateado.”
<b>JS:</b> “São coisas que nós sentimos. Pode ser raiva, amor, alegria, tristeza.”
<b>MV:</b> “Os sentimentos são quando nos sentimos tristes ou alegres.”
<b>MM:</b> “Os sentimentos são aquilo que nós podemos sentir sobre os outros.”
<b>MT:</b> “Os sentimentos são aquilo que nós sentimos.”

As crianças demonstraram dificuldade em responder a esta questão. No entanto, quase todas responderam com base nas atividades realizadas na semana anterior, com recurso à caixa das emoções.

Os sentimentos, de facto, são difíceis de explicar e de definir. No entanto, as crianças entenderam que os sentimentos são o que sentimos, são as várias emoções que expressamos.

Através das suas respostas, foi possível verificar que estas definiam os sentimentos, como positivos e negativos, não se baseando, apenas, nas emoções positivas.

De seguida, colocámos a seguinte questão às crianças:

<b>Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</b>
<b>BG:</b> <i>“Porque às vezes eles dão-me raiva.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Porque me chateiam, ou não brincam comigo, ou não querem ser minhas amigas, ou porque não brincam o que eu quero.”</i>
<b>CG:</b> <i>“Porque eles nos chateiam às vezes.”</i>
<b>CO:</b> <i>“Porque me chateiam.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Nós zangamo-nos porque é normal, por vezes nos zangarmos com as nossas amigas.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Quando me chateiam eu fico zangado e fujo para longe.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Porque às vezes eles dizem coisas que eu não gosto.”</i>
<b>GC:</b> <i>“Eu zango-me porque às vezes dou-me mal com os amigos.”</i>
<b>JT:</b> <i>“Às vezes zango-me quando me chateiam.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Fico muito chateado quando não brincam comigo.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Porque eu fico chateado com o que eles dizem.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Eu zango-me porque algumas pessoas me chateiam.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Eu zango-me com a minha prima, quando ela me grita aos ouvidos.”</i>

Esta questão tinha como objetivo que as crianças refletissem e percebessem que era normal, por vezes, se aborrecerem com as pessoas de quem gostavam e que estas também se podiam aborrecer com elas. Era importante que o grupo percebesse as razões das suas zangas com aqueles de quem se sentiam próximos, bem como em formas de resolverem os seus possíveis conflitos.

As respostas foram semelhantes, referindo, principalmente, que se “chateavam” quando os aborreciam, quando não brincavam com eles ou quando diziam coisas que não gostavam de ouvir.

Com base nestas respostas, debruço a minha atenção para dois alunos ME e EC, cujas respostas foram diferentes dos colegas.

A aluna ME assumia uma postura muito madura e ponderada, respondendo que era normal por vezes os amigos se “chatearem”. Esta criança já apresentava uma linguagem muito madura e uma forma de pensar igualmente prudente.

Já o aluno EC respondeu que quando as pessoas o aborreciam, ele fugia para longe, o que poderá significar que esta criança apresentava dificuldades em enfrentar os problemas e de pensar em alternativas para os resolver.

De seguida, foi colocada a questão:

É melhor estar sozinho ou com os amigos?
<b>BG:</b> <i>“Com os amigos porque eu gosto muito deles.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Com os amigos, porque é mais divertido do que brincar sozinha.”</i>
<b>CG:</b> <i>“É melhor estar com os amigos porque assim estamos acompanhados.”</i>
<b>CO:</b> <i>“É melhor estar sozinho.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Eu gosto mais de estar com os amigos.”</i>
<b>EC:</b> <i>“É melhor estar com os amigos.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Prefiro estar com os amigos.”</i>
<b>GC:</b> <i>“É melhor estar com os amigos para eu e os meus amigos brincarmos.”</i>
<b>JT:</b> <i>“É melhor estar com os amigos.”</i>
<b>JS:</b> <i>“É melhor estar com os amigos, porque só assim nos sentimos bem.”</i>
<b>MV:</b> <i>“É melhor estar sozinho porque eu arranjo sempre confusão.”</i>
<b>MM:</b> <i>“É melhor estar com os amigos.”</i>
<b>MT:</b> <i>“É melhor estar com os amigos, porque assim podemos brincar juntos.”</i>

A esta pergunta todas as crianças, à exceção de duas, afirmaram que preferiam estar com os seus amigos, apontando como razões o facto de gostarem de brincar com eles e de só se sentirem bem acompanhados.

No entanto, duas das crianças afirmaram que preferiam estar sozinhas.

O aluno MV era uma criança um pouco individualista, relacionando-se apenas com um grupo restrito de amigos. Por vezes, encontrava-se envolvido em alguns conflitos existentes na turma. Estas atitudes podem ter estado na base da sua resposta a esta questão.

Quanto ao aluno CO, esta criança era rejeitada por grande parte da turma. Nos primeiros anos escolares, segundo a professora titular da turma, era uma criança bastante conflituosa e competitiva, demonstrando, por vezes, atitudes mais violentas. Contudo, ao longo do tempo, essas atitudes diminuíram, tornando-se numa criança mais calma e comunicativa.

No entanto, a turma ainda definia esta criança como alguém conflituoso, sendo que sempre que existia algum desentendimento, a restante turma, na maior parte das vezes, culpava ou acusava esta criança. Houve, inclusive, uma situação em que culpavam o aluno e este não se encontrava presente na escola nesse mesmo dia. Essas situações ter-se-ão refletido na sua resposta.

A última pergunta colocada às crianças foi:

<b>Tens medo de falar sozinho em frente à turma?</b>
<b>BG:</b> <i>“Sim, porque tenho vergonha.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Não, porque sou corajosa.”</i>
<b>CG:</b> <i>“Não, porque gosto de ir à frente, para todos me verem.”</i>
<b>CO:</b> <i>“Não porque gosto de estar à frente.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Sim, porque posso errar alguma coisa e também porque não sei explicar as coisas.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Não, porque não sou tímido.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Não, porque gosto da turma.”</i>
<b>GC:</b> <i>“Sim, porque posso dizer coisas que os colegas se riam.”</i>
<b>JT:</b> <i>“Não, porque gosto de ir ao quadro.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Não, porque assim podem ouvir os nossos pensamentos e as nossas opiniões.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Sim, porque tenho medo.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Não, porque gosto de estar à frente e de escrever no quadro.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Eu tenho medo de falar sozinha, porque tenho medo de errar.”</i>

As respostas das crianças divergiram. Cinco afirmaram ter medo de falar em frente à turma e oito responderam negativamente.

Estes resultados evidenciam os níveis elevados de implicação e de bem-estar destas crianças, uma vez que a grande parte delas afirmaram não ter receio de comunicar em frente à turma pois conhecem suficiente segurança e confiança em si próprias.

Contudo, o número de alunos que responderam afirmativamente não deixa de ser significativo. A aluna BG era uma criança com um nível elevado de implicação e de bem-estar mas também era tímida, apesar de ser muito participativa. A aluna MT era muito insegura e demonstrava sempre muito medo em falhar. Quando esta se encontrava com dificuldades em realizar uma determinada tarefa, ficava muito frustrada, chegando a chorar frequentemente.

Já os alunos ME, GC e MV demonstraram ter receio de falar em frente à turma, devido às atitudes que os restantes elementos pudessem ter. Daqui resultou uma grande discussão, onde estas crianças explicaram o porquê de não gostarem de ir ao quadro e de por vezes não participarem. A turma escutou com atenção e todos concordaram que os seus comportamentos não eram os mais corretos para com os colegas.

Por fim, pedimos a cada criança que escrevesse num pedaço de papel, uma qualidade e um aspeto a melhorar sobre o seu colega do lado. As respostas foram as seguintes:

<b>Eu gosto... E não gosto no meu colega...</b>
<p><b>BG (sobre o CO):</b>  <i>“Gosto que ele me ajude.”</i>  <i>“Não gosto quando ele me chateia.”</i></p>
<p><b>BP (sobre o CV):</b>  <i>“Gosto dele por ser calmo, giro, amigo, alto e meigo.”</i>  <i>“Não gosto que ele fale mal português e que seja teimoso e grite muito.”</i></p>
<p><b>CG (sobre a MM):</b>  <i>“Gosto dela pois é muito inteligente e bonita.”</i>  <i>“Não gosto quando ela é chata.”</i></p>
<p><b>CO (sobre a BG):</b>  <i>“Gosto que ela seja minha amiga.”</i>  <i>“Não gosto quando ela não me ajuda.”</i></p>
<p><b>ME (sobre o JT):</b>  <i>“Gosto que ele seja engraçado.”</i>  <i>“Não gosto que ele leia muito alto e não me deixa concentrar.”</i></p>
<p><b>EC (sobre o DS):</b>  <i>“Gosto que ele seja engraçado.”</i>  <i>“Não gosto quando ele me copia.”</i></p>
<p><b>FA (sobre o JS):</b>  <i>“Gosto dele por ele ser meu amigo.”</i>  <i>“Não gosto quando ele não brinca comigo.”</i></p>
<p><b>GC (sobre a MT):</b>  <i>“Gosto quando ela me ajuda.”</i>  <i>“Não gosto quando ela me imita.”</i></p>
<p><b>JT (sobre a ME):</b>  <i>“Gosto que ela brinque comigo.”</i>  <i>“Não gosto da sua atitude às vezes.”</i></p>
<p><b>JS (sobre o FA):</b>  <i>“Gosto quando ele faz palhaçadas.”</i>  <i>“Não gosto quando ele não brinca comigo.”</i></p>
<p><b>MV (sobre o RD):</b>  <i>“Gosto quando ele joga comigo.”</i></p>

*“Não gosto que ele me copie.”*

**MM (sobre a CG):**

*“Gosto por ser bonita e inteligente.”*

*“Não gosto que ela use brincos, pois eu não uso.”*

**MT (sobre o GC):**

*“Gosto quando ele me ajuda.”*

*“Não gosto quando ele me desconcentra quando eu estou a trabalhar.”*

A aluna BG encontrava-se ao lado do aluno CO. Este último já esteve com vários colegas, mas a experiência nunca foi bem-sucedida. Contudo, estas duas crianças relacionavam-se muito bem e ajudavam-se mutuamente. As respostas de um para o outro indicam essa cumplicidade e amizade que os unia.

A aluna BP encontrava-se ao lado do aluno CV (aluno analisado pela minha colega Joana). Esta aluna interagiu muito bem com toda a turma, sendo muito comunicativa e alegre. O aluno que se encontrava ao seu lado possuía algumas dificuldades ao nível do português, uma vez que era de nacionalidade estrangeira. A aluna BP era uma ótima ajuda, ajudando o aluno CV a integrar-se de uma melhor forma na turma.

As alunas CG e MM encontravam-se juntas na sala. Eram muito amigas e raramente entravam em conflito, sendo por essa razão que tiveram dificuldades em pensar sobre um aspeto que não gostassem uma na outra.

A aluna ME e o aluno JT também se encontravam juntos. Estas duas crianças relacionavam-se de uma forma muito cordial e unida. A aluna ME apresentava muitas capacidades, ajudando bastante o aluno JT a superar algumas das suas dificuldades.

O aluno EC encontrava-se ao lado do aluno DS (aluno analisado pela minha colega Joana). Este aluno era muito calmo, respeitador e prestável. Como tal, era uma enorme ajuda para o aluno DS que possuía dificuldades ao nível da concentração na sala de aula e no respeito pelas regras.

Já os alunos FA e JS eram muito amigos e raramente entravam em conflitos, tal como, os alunos GC e MT.

Por fim, o aluno MV encontrava-se ao lado do aluno RD (aluno analisado pela minha colega Joana). Estes alunos entravam em conflito frequentemente, no entanto, resolviam rapidamente as adversidades.

Através das respostas dadas pelas crianças, penso que não foi notória a sua reflexão acerca dos seus próprios sentimentos, tal como tínhamos pensado, mas

refletiram principalmente nas ações que tomam face aos outros e nas ações que os outros tomam face a eles próprios.

Penso que o aspeto mais positivo desta sessão foi as crianças conseguirem exprimir o que sentiam face à sua exposição aos outros, como em situações de participação nas aulas. As respostas a esta questão ajudaram cada um deles a refletir e a ponderar as suas atitudes face às dificuldades dos outros. Portanto, apesar de este objetivo não estar traçado inicialmente, esta sessão ajudou as crianças a repensar nas suas atitudes face aos outros, principalmente em situações difíceis para os colegas.

As crianças, na generalidade, mantiveram níveis de implicação e bem-estar elevados, participando mais do que na primeira sessão, uma vez que já se tinham familiarizado com a estratégia escolhida.

#### **4.4. SESSÃO N.º 4 – “O QUE SÃO O BEM E O MAL?”:**

No dia 14 de novembro de 2011, realizámos a quarta sessão do projeto “CRESCER... Comigo e com os Outros!”.

Nesta sessão, as questões colocadas foram as seguintes:

- O que são o bem e o mal?
- Deves ser simpático com os outros?
- Deves dizer tudo?

Através desta sessão, era nosso objetivo que as crianças:

- Soubessem como agir perante os outros e não reagir apenas em função deles;
- Tomassem consciência do que significa a verdade para si e para os outros;
- Pensassem na pessoa com quem estão a falar e tentarem pôr-se no seu lugar;
- Aperceberem-se de que as palavras não são o único meio de expressão.

##### **4.4.1. RESULTADOS:**

O subtema desta semana foi: ***O que são o bem e o mal?***

Fizemos essa mesma pergunta a cada uma das crianças. As respostas das treze crianças por mim analisadas foram:



O que são o bem e o mal?
<b>BG:</b> <i>“São coisas que fazemos bem e outras que fazemos mal.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Não sei explicar.”</i>
<b>CG:</b> <i>“O bem é uma coisa que nos faz bem e o mal é uma coisa que nos faz mal.”</i>
<b>CO:</b> <i>“São as coisas boas que fazemos e as coisas más.”</i>
<b>ME:</b> <i>“O bem quer dizer que uma pessoa é boa, e ser má quer dizer que as pessoas não gostam de partilhar, nem de brincar com os outros.”</i>
<b>EC:</b> <i>“O bem e o mal são sentimentos.”</i>
<b>FA:</b> (Não esteve presente)
<b>GC:</b> <i>“O bem e o mal são sentimentos.”</i>
<b>JT:</b> <i>“O bem e o mal são o que as pessoas nos fazem e o que nós gostamos ou não.”</i>
<b>JS:</b> <i>“O bem é quando somos amigos e quando ajudamos. O mal é quando nós batemos, quando gozamos com os outros e quando os irritamos.”</i>
<b>MV:</b> <i>“O bem é quando nos portamos bem, sem fazer asneiras e o mal é quando nos portamos mal.”</i>
<b>MM:</b> <i>“O bem é quando fazemos as coisas acertadas. O mal é quando fazemos coisas erradas.”</i>
<b>MT:</b> <i>“O bem e o mal são sentimentos bons e maus.”</i>

Esta questão suscitou bastantes dúvidas e dificuldades às crianças. A maior parte, associou o bem e o mal a ações com consequências boas ou más.

Estas respostas demonstram que, na generalidade, o desenvolvimento moral das crianças está situado ao nível convencional, segundo a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg, uma vez que procuram viver conforme as regras estabelecidas, com o que é socialmente aceite e partilhado pela maioria, respeitando a ordem estabelecida.

De seguida, colocámos a questão às crianças:

Deves ser simpático com os outros?
<b>BG:</b> <i>“Sim, porque assim fazemos os outros felizes.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Sim, mas só se eles forem meus amigos.”</i>
<b>CG:</b> <i>“Sim, porque são nossos amigos.”</i>
<b>CO:</b> <i>“Quando me chateiam não.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Sim, porque se não formos simpáticos com os outros, eles não são nossos amigos.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Sim, mesmo quando não somos amigos.”</i>

<b>FA:</b> (Não esteve presente)
<b>GC:</b> “Não, porque os colegas chateiam-nos.”
<b>JT:</b> “Sim, mas só com os amigos.”
<b>JS:</b> “Sim, mas só quando não nos irritam.”
<b>MV:</b> “Não, porque quando alguém me bate, eu não devo ser simpático.”
<b>MM:</b> “Sim, porque nós queremos que os outros sejam bons connosco.”
<b>MT:</b> “Nós devemos ser simpáticos com os outros porque somos amigos.”

Pretendíamos com esta pergunta que as crianças percebessem que a simpatia vai para além da aparência das nossas ações, sendo realmente o que sentimos nas mais diversas situações.

A maior parte das crianças afirmaram que deviam ser simpáticas com os outros e apenas algumas responderam negativamente. No entanto, alguns defenderam o facto de só serem simpáticas com os outros, se forem seus amigos. Outras crianças revelaram, ainda, que eram simpáticas com os outros, com receio de perderem a sua amizade, demonstrando insegurança nas relações que construía.

Mais uma vez se confirma o nível moral convencional das crianças, uma vez que tentam viver em função das regras estabelecidas, de acordo com o que é aceite pela maioria. Dentro deste nível mais abrangente, penso que estas crianças situam o seu desenvolvimento moral no terceiro estágio, pois tentam corresponder às expectativas das pessoas mais próximas ou àquilo que as pessoas esperam de si.

A última questão colocada às crianças foi:

<b>Deves dizer tudo?</b>
<b>BG:</b> “Não, porque algumas coisas não devem ser contadas.”
<b>BP:</b> “Não, porque pode chateá-los.”
<b>CG:</b> “Não, porque podemos magoá-los.”
<b>CO:</b> “Não, porque há coisas que não quero contar.”
<b>ME:</b> “Não, porque há coisas que nós não podemos contar aos amigos.”
<b>EC:</b> “Quando um amigo me conta um segredo, não devo contar a ninguém, por isso não devo dizer tudo.”
<b>FA:</b> (Não esteve presente)
<b>GC:</b> “Sim, porque ao dizer tudo eu e os outros podemos tornar-nos amigos.”

<b>JT:</b> <i>“Não, porque tenho segredos que não posso contar.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Não, porque assim podemos dizer aquilo que não queremos.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Não, porque eu não quero partilhar os meus sentimentos.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Não, porque eu não posso contar os segredos.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Nós não devemos dizer tudo o que pensamos.”</i>

Esta pergunta tinha como objetivos as crianças tomarem consciência do que significa a verdade para si e para os outros e pensarem na pessoa com quem estão a falar e colocarem-se no seu lugar.

Todas as crianças responderam negativamente à questão à exceção do aluno GC. Esta criança afirmou que se dissemos tudo, podemos fazer novos amigos.

No entanto, todas as outras crianças afirmaram que existem coisas que não deviam ser contadas, tais como, segredos e sentimentos.

Existiram ainda outras crianças que afirmaram não poder dizer tudo, uma vez que existiam certas verdades que podiam magoar os outros. Então, face a estas respostas fizemos a seguinte questão:

*“E a mentira, não magoará mais do que a verdade?”*

As crianças refletiram e gerou-se um interessante debate, sendo que estas afirmaram que a verdade deveria ser sempre contada, mesmo que com isso implicasse algum sofrimento, dando até exemplos de situações vividas por elas.

Mais uma vez prevalece o nível moral convencional das crianças, pois estas procuram viver conforme as regras estabelecidas, com o que é socialmente aceite e compartilhado pela maioria, respeitando a ordem estabelecida. Daí as crianças afirmarem não poderem dizer tudo, pois poderiam magoar os outros.

Esta sessão ajudou as crianças a tomarem consciência do que significa a verdade para si e para os outros, pois perceberam que a verdade é o único caminho para a sinceridade e para a verdadeira amizade. Penso que as ajudou, igualmente, a colocarem-se na perspetiva do outro para perceberem os seus sentimentos.

#### **4.5. SESSÃO N.º 5 – “O QUE É VIVER EM SOCIEDADE?”:**

No dia 21 de novembro de 2011, realizámos a quinta sessão relativa ao projeto “CRESCER... Comigo e com os Outros!”.

Nesta sessão, as questões colocadas foram as seguintes:

- O que é viver em sociedade?
- Deves ajudar os outros?
- És obrigado a respeitar sempre os outros?

De seguida, reunimos o grupo em roda e explicámos-lhes o jogo que iria ser realizado: Cada criança, uma de cada vez, iria atirar um novelo de lã para um colega e teria que referir um aspeto que tivesse em comum com esse mesmo colega. Depois, o processo iria ser sempre repetido, até o novelo ter passado por todo o grupo.

Utilizámos um novelo de lã para estabelecer as relações de cada um tendo o novelo que passar por cada pessoa do grupo formando, no final, uma grande teia que os ligava todos uns aos outros.

Através desta sessão, era nosso objetivo que as crianças:

- Refletissem sobre o que é viver em sociedade;
- Refletissem sobre como agir perante os outros, sem receios e de forma ponderada;
- Tomassem consciência de que só podem ajudar os outros se aceitarem ser ajudados;
- Dessem valor aos outros como gostariam que lhes dessem valor a si;
- Percebessem que todos temos uma ligação e que precisamos uns dos outros nas mais diversas situações, mas que apesar disso, não somos obrigados a ser amigos de toda a gente.

##### **4.5.1. RESULTADOS:**

O subtema desta semana foi: ***O que é viver em sociedade?***

Fizemos essa mesma pergunta a cada uma das crianças. As respostas das treze crianças por mim analisadas foram:

O que é viver em sociedade?
<b>BG:</b> “É viver com outras pessoas.”
<b>BP:</b> “Viver em sociedade é respeitar os outros.”
<b>CG:</b> “É viver em paz com os outros.”
<b>CO:</b> “É viver e falar com os outros.”
<b>ME:</b> “Viver em sociedade é viver em paz com os outros e termos de os respeitar.”
<b>EC:</b> “É viver em paz com os outros.”
<b>FA:</b> “É viver uns com os outros.”
<b>GC:</b> “Viver em sociedade é viver em paz com os outros.”
<b>JT:</b> “É viver com os outros e respeitá-los.”
<b>JS:</b> “É viver livre com as outras pessoas.”
<b>MV:</b> “É viver em paz com os outros.”
<b>MM:</b> “Viver em sociedade é viver com os outros.”
<b>MT:</b> “Viver em sociedade é respeitar os outros e viver com os outros.”

Todas as crianças deram a sua opinião, referindo que viver em sociedade significa viver com os outros, respeitá-los, viver em paz, falar com os outros e viver livre com as outras pessoas.

De seguida, colocámos a questão às crianças:

Deves ajudar os outros?
<b>BG:</b> “Sim, porque se os outros precisarem de nós, nós devemos ajudar.”
<b>BP:</b> “Sim, porque assim eles também nos ajudam e podem dar-nos uma recompensa.”
<b>CG:</b> “Sim, porque ficamos felizes e eles também.”
<b>CO:</b> “Sim, para eles se sentirem bem.”
<b>ME:</b> “Sim, porque eu gosto de ajudar as pessoas, principalmente os idosos.”
<b>EC:</b> “Sim, porque como somos mais novos devemos ajudar os mais velhos.”
<b>FA:</b> “Sim, porque as pessoas devem ser ajudadas e respeitadas.”
<b>GC:</b> “Sim, porque mostramos simpatia pela pessoa que precisa de ajuda e ela também nos ajuda se precisarmos.”
<b>JT:</b> “Sim, devemos ajudar sempre que um amigo nosso se magoe.”
<b>JS:</b> “Devemos ajudar os idosos para que eles se sintam bem e nós também porque assim sabemos que podemos ajudar.”
<b>MV:</b> “Sim, porque os nossos amigos precisam de nós.”

**MM:** *“Sim, porque se os idosos caírem, nós devemos ajudar.”*

**MT:** *“Sim, devemos ajudar porque quando os outros precisam de ajuda, é nossa obrigação ajudar.”*

Com esta questão, os objetivos eram os seguintes: As crianças aceitarem que não precisam de se esquecer de si para poder pensar nos outros; refletirem sobre o que é viver em sociedade; saberem agir perante os outros, sem receios e de forma ponderada e tomarem consciência de que só podemos ajudar os outros se aceitarmos ser ajudados.

Todas as crianças referiram nas suas respostas que deveriam ajudar os outros. No entanto, as razões divergiram. Algumas crianças entendiam que só ajudando os outros é que estes também as ajudariam, outras entendiam que deviam ajudar os outros para se sentirem bem. Outras, salientaram, ainda, que deviam sempre ajudar os idosos.

Face a essas respostas, colocámos a questão:

*“E se for alguém que não conhecemos, devemos ajudar?”*

As opiniões das crianças divergiram completamente. Houve crianças que afirmaram que deviam ajudar todas as pessoas, independentemente de as conhecerem ou não, já outras entendiam que apenas os seus amigos e familiares é que necessitavam da sua ajuda e houve, ainda, crianças que referiram que deviam ajudar as pessoas desconhecidas, mas só aquelas que mereciam essa ajuda (p. ex. no caso de um toxicod dependente não se deveria ajudar, devido aos perigos que poderiam enfrentar).

Penso que face a estas respostas, são verificados dois níveis de moralidade: Pré-convencional e convencional. As crianças que afirmaram o dever de ajudar os outros, para que eles as pudessem ajudar, revela um nível moral pré-convencional, uma vez que seguem as regras apenas por se tratarem do interesse próprio, ou seja, agem por forma a satisfazer os próprios interesses ou necessidades, mostrando, assim, encontrarem-se no segundo estágio do desenvolvimento moral.

No entanto, as crianças que responderam que deviam ajudar os outros, independentemente das recompensas que pudessem ter, demonstram um nível moral convencional, pois procuram viver conforme as regras.

Por fim, colocámos a última questão às crianças:

**És obrigado a respeitar sempre os outros?**

**BG:** *“Sim, porque devemos respeitar os outros, mesmo quando não são nossos amigos.”*

**BP:** *“Não, se não gostarmos dessas pessoas.”*

<b>CG:</b> <i>“Sim, porque são nossos amigos.”</i>
<b>CO:</b> <i>“Sim, quando são nossos amigos.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Sim, mas só as pessoas que nos respeitam.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Não, se for um ladrão não devo respeitar.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Sim, porque são pessoas como nós e todas merecem respeito.”</i>
<b>GC:</b> <i>“Sim, porque assim fazemos novos amigos.”</i>
<b>JT:</b> <i>“Não, se não forem nossos amigos.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Sim, porque assim eles respeitam-nos também.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Não, porque ninguém manda em nós.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Sim, porque nós queremos que nos respeitem a nós também.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Sim, devemos sempre respeitar todas as pessoas.”</i>

Com esta questão, o objetivo era que as crianças dessem valor aos outros como gostariam que lhes dessem valor a si e se apercebessem da forma como as suas palavras e os seus atos podem atingir os outros.

As respostas variaram. Nove crianças afirmaram que deviam respeitar os outros (ex. respeitar todas as pessoas, apenas aquelas que as respeitam ou aquelas que são suas amigas), sendo que quatro responderam negativamente (ex. as pessoas que não gostamos não devem ser respeitadas, se for um ladrão não deve ser respeitado, se não forem seus amigos também não se devem respeitar).

Atendendo às respostas dadas, parece ser possível concluir que estas crianças entendem o respeito, sobretudo, como atitude a ter em relação às pessoas que conhecem e que merecem esse respeito. Não o entendem como um dever e um direito de qualquer indivíduo da sociedade.

Por fim, com o grupo em roda e com um novelo de lã, explicámos às crianças que este iria passar por cada uma delas, e estas teriam que apontar alguma semelhança com algum colega que ainda não tinha o novelo.

A frase inicial era: “Eu sou igual a (nome de uma pessoa), porque (aspeto em comum). Desta forma, as crianças poderiam identificar semelhanças e gostos em comum, que não conheciam até então e fortalecer, assim, as relações existentes.

A atividade não foi tão bem sucedida como pensávamos, pois as crianças identificaram, maioritariamente, aspetos físicos. No entanto, os níveis de implicação e de bem-estar foram bastante elevados ao longo da atividade.

No fim, foi formada uma grande teia, que representava os elos de ligação que todas as crianças tinham com os vários elementos da turma. As crianças demonstraram muita alegria e entusiasmo com o resultado final e com a conclusão a que chegaram.

Penso que foi notória a reflexão que as crianças fizeram sobre o que é viver em sociedade. No entanto, as crianças ainda definem o respeito e a ajuda como algo apenas aceitável para com aqueles que conhecem e de quem gostam. Apesar de lhes termos explicado a importância destas duas ações, penso que as crianças ainda não aceitam o respeito e a ajuda ao próximo como um dever de todos os cidadãos e para todos.

#### **4.6. SESSÃO N.º 6 – “O QUE É VIVER EM SOCIEDADE/RELEMBRAR O QUE APRENDI...”:**

No dia 28 de novembro de 2011, realizámos a sexta e última sessão relativa ao projeto “CRESCER... Comigo e com os Outros!”.

A questão colocada foi a seguinte:

- Gostarias de viver completamente só?

De seguida, desenvolveu-se um diálogo e discussão de ideias relativas às sessões anteriores, tentando perceber o que significam as palavras escolhidas pelas crianças para descrever cada colega, focando-nos nas atitudes menos positivas e dando sugestões em como estas poderiam ser melhoradas.

Procedemos, depois, à visualização de um pequeno filme com imagens de cada uma das atividades propostas e o diálogo sobre o que aprenderam e como irão explorar estas ideias no seu dia-a-dia futuro.

No final, distribuámos um pequeno questionário, no qual as crianças tiveram a oportunidade de descrever de forma simples o que aprenderam ao longo do período com este projeto, as atitudes que tencionavam melhorar e como poderiam caracterizar numa palavra este projeto.

Através desta sessão, era nosso objetivo que as crianças:

- Reconhecessem que os outros as ajudam a viver e que elas também os ajudam;
- Compreendessem que precisar dos outros não as impede de serem livres;
- Entendessem os diferentes laços que unem as pessoas numa mesma sociedade;



- Ajudassem os colegas a melhorar as suas atitudes;
- Relembassem o que foi refletido ao longo das sessões;
- Percebessem a funcionalidade das ideias refletidas, bem como a sua exploração no seu dia-a-dia.

#### **4.6.1. RESULTADOS:**

O subtema desta semana foi: ***O que é viver em sociedade? / Relembrar o que aprendi...***

Demos continuidade ao tema desenvolvido na semana anterior, sendo que, depois disso, lembrámos as várias atividades realizadas, fazendo uma auto-avaliação de todo o percurso.

Colocámos a seguinte questão às crianças:

<b>Gostarias de viver completamente só?</b>
<b>BG:</b> <i>“Não, porque assim não tenho ninguém para falar.”</i>
<b>BP:</b> <i>“Não, porque iria sentir-me muito só.”</i>
<b>CG:</b> <i>“Não, porque depois não tenho ninguém para brincar.”</i>
<b>CO:</b> <i>“Não, porque não gosto e também queria estar com os meus pais.”</i>
<b>ME:</b> <i>“Não, porque assim não temos quem nos esclareça dúvidas, nem com quem falar e brincar.”</i>
<b>EC:</b> <i>“Não, porque assim nunca temos com quem falar e brincar.”</i>
<b>FA:</b> <i>“Não, porque tenho com quem fazer muita coisa.”</i>
<b>GC:</b> <i>“Não, porque assim podem-me raptar.”</i>
<b>JT:</b> <i>“Não, porque eu gosto de brincar com os outros.”</i>
<b>JS:</b> <i>“Não, porque eu assim não posso brincar com os meus amigos.”</i>
<b>MV:</b> <i>“Sim, porque assim ninguém me chateava.”</i>
<b>MM:</b> <i>“Não, porque podemos não ter amigos e quando crescermos vamos sentir-nos sós.”</i>
<b>MT:</b> <i>“Não, porque assim não tenho com quem brincar nem falar.”</i>

Esta pergunta tinha como objetivos as crianças aprenderem a reconhecer que os outros as ajudam a viver e vice-versa e compreenderem que precisar dos outros não as impedem de ser livres.

Todas as crianças, à exceção de uma, responderam negativamente à questão. As crianças sentem necessidade de se encontrarem acompanhadas e de terem com quem falar, com quem brincar e com quem estar.

À exceção de um aluno, o MV, referiu que gostaria de viver completamente só porque assim ninguém o aborrecia. Sabendo da ótima relação que esta criança possuía com a sua irmã mais velha, perguntámos-lhe se ele conseguiria viver longe dela. A resposta foi imediatamente negativa, afirmando esta criança que nunca viveria sem os irmãos e os pais.

De seguida, lemos algumas das respostas dadas pelas crianças, na sessão n.º 3, face à opinião que tinham sobre os seus colegas. Não nomeámos nomes e focalizámo-nos apenas nos aspetos negativos. As crianças fizeram várias sugestões, com o objetivo de mudar algumas atitudes mais negativas.

Depois de visualizarmos um pequeno vídeo, com fotografias das várias sessões realizadas, todas as crianças exprimiram, com saudade, a satisfação em terem participado nestas atividades.

Por fim, entregámos um questionário final às crianças, e as respostas foram as seguintes:

<b>Questionário de Auto-avaliação do Projeto</b> <b>“CRESCER... Comigo e com os Outros!”</b>
<b>BG:</b> <i>O que aprendi...</i> Aprendi que devemos ser amigos dos outros e respeitar mesmo quem não gostamos. <i>O que devo melhorar...</i> Devo melhorar as minhas atitudes com os outros. <i>Palavra que caracteriza o projeto...</i> Amizade!
<b>BP:</b> <i>O que aprendi...</i> Eu aprendi a viver comigo e com os outros. <i>O que devo melhorar...</i> Devo melhorar as minhas atitudes com os meus colegas. <i>Palavra que caracteriza o projeto...</i> Amizade e muita diversão!
<b>CG:</b> <i>O que aprendi...</i> Aprendi a mudar as minhas atitudes. <i>O que devo melhorar...</i> Devo ajudar as pessoas e respeitá-las.

<p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Fixe!</b></p>
<p><b>CO:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi que devemos respeitar os outros e falar com todos, mesmo que não sejam nossos amigos.</i></p> <p><i>O que devo melhorar... O comportamento com os outros.</i></p> <p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Interessante!</b></p>
<p><b>ME:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi que os sentimentos são muito importantes.</i></p> <p><i>O que devo melhorar... Devo melhorar a minha maneira de ser.</i></p> <p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Partilha com os outros!</b></p>
<p><b>EC:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi que se nós não quisermos conhecer ninguém, não temos a oportunidade de fazer novos amigos.</i></p> <p><i>O que devo melhorar... Devo melhorar o meu comportamento com os outros.</i></p> <p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Amizade! Projeto alegre!</b></p>
<p><b>FA:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi que devemos ser amigos dos outros e respeitá-los.</i></p> <p><i>O que devo melhorar... Em tudo o que vimos, eu vou ter que melhorar.</i></p> <p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Amizade!</b></p>
<p><b>GC:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi a crescer com os outros.</i></p> <p><i>O que devo melhorar... Devo melhorar o meu comportamento com os outros.</i></p> <p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Amizade!</b></p>
<p><b>JT:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi que podemos fazer muitas coisas para crescermos com os outros.</i></p> <p><i>O que devo melhorar... Devo ser mais simpático.</i></p> <p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Muito divertido!</b></p>
<p><b>JS:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi que agora podemos viver melhor, com os outros.</i></p> <p><i>O que devo melhorar... Devemos ser melhores para os nossos colegas e para todos.</i></p> <p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Extraordinário!</b></p>
<p><b>MV:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi que devemos ajudar as pessoas.</i></p> <p><i>O que devo melhorar... Devo melhorar o meu comportamento quando os outros estão a falar.</i></p> <p><b>Palavra que caracteriza o projeto... Gostei muito!</b></p>
<p><b>MM:</b></p> <p><i>O que aprendi... Aprendi de todas as sessões que devemos ser simpáticos com os nossos</i></p>

*amigos.*

**O que devo melhorar...** *Devo ser uma melhor amiga para os outros.*

**Palavra que caracteriza o projeto...** *Amizade!*

**MT:**

**O que aprendi...** *Aprendi que nem sempre devemos dizer tudo e que não devo ter medo de falar dos meus sentimentos.*

**O que devo melhorar...** *Devo melhorar as minhas atitudes com os outros.*

**Palavra que caracteriza o projeto...** *Foi muito bonito!*

#### **4.7. CONCLUSÕES:**

Apresentadas as respostas dadas pelas crianças que eu observei e analisei com maior atenção, penso ser pertinente fazer uma breve comparação com os dados das crianças analisadas pela minha colega Joana (crianças que suscitavam maior preocupação), detetando possíveis diferenças existentes. Como tal, iniciarei esta conclusão, apresentando essas mesmas comparações, não esquecendo, igualmente, a comparação dos níveis de bem-estar emocional, de implicação e de participação nas atividades.

De seguida, irei referir as várias atividades diárias realizadas pelas crianças nas diversas áreas curriculares, adotando a estratégia de trabalho em grupo e/ou em pares. Em relação a estas mesmas rotinas escolares, irei refletir em torno dos vários comportamentos sociais das crianças, ao longo dos dias, considerando os indicadores descritos anteriormente (Portugal & Laevers, 2010).

Depois disso, refletirei sobre a implementação do *blog* e da caixa do correio, sem esquecer, também, o envolvimento dos pais em todo o processo, a opinião da professora titular da turma, a vontade demonstrada pelas crianças em dar continuidade ao projeto e as suas respostas dadas ao questionário final.

Por fim, considerarei os objetivos a que me propus alcançar, refletindo sobre o que foi e o que não foi concretizado e suas razões e, ainda, sobre o que seria pertinente realizar no futuro com as crianças.

Em todas as sessões realizadas, foram verificados diferentes tipos de respostas entre os dois grupos.

A primeira sessão relacionava-se com a autoestima das crianças que, de acordo com Portugal & Laevers (2010, p. 38) “desenvolve-se, naturalmente, a partir de processos cognitivos e afetivos que permitem sentirmo-nos bem relativamente a características pessoais (sentirmo-nos amáveis, únicos, valiosos, merecedores de respeito e com sentido de controlo sobre a própria vida). É uma área de desenvolvimento indispensável ao bem-estar emocional, garantia de saúde emocional na criança”.

Sendo assim, dedico a minha atenção a duas questões colocadas na primeira sessão, uma em que as crianças se caracterizaram em três palavras, e outra em que lhes era perguntado se estas gostavam de se ver ao espelho. Nestas questões, são notórias as diferenças nos dois grupos, em relação aos níveis de autoestima e de gosto por si próprias.

Por forma a facilitar a compreensão dos gráficos que irão constar nesta conclusão, defino como Grupo 1 as crianças por mim analisadas, com elevados níveis de implicação e bem-estar emocional, e como Grupo 2 as crianças analisadas pela minha colega Joana, cujos níveis de implicação e bem-estar se revelavam mais baixos.

Os seguintes gráficos comparam as respostas à primeira questão “Quem sou eu?” dos dois grupos de crianças, verificando os aspetos negativos e positivos com que se definiram.

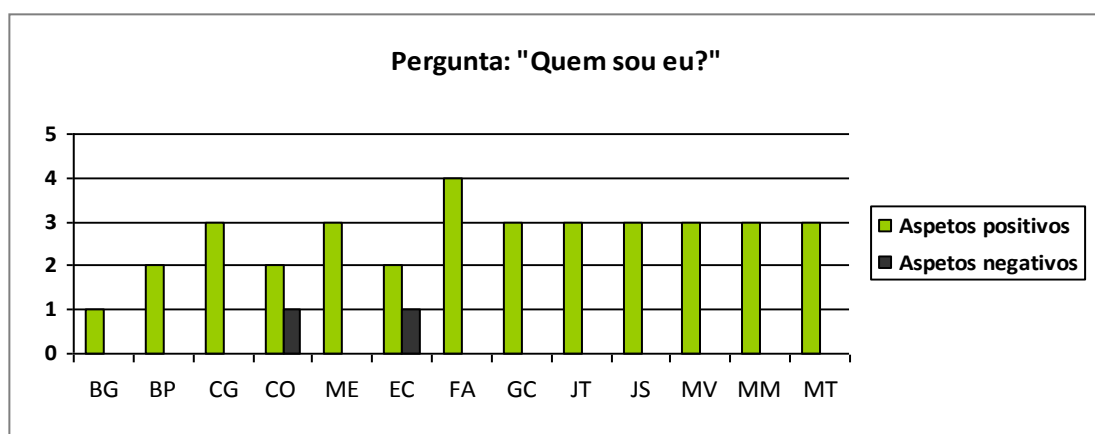


Gráfico 1: Respostas das crianças do Grupo 1.

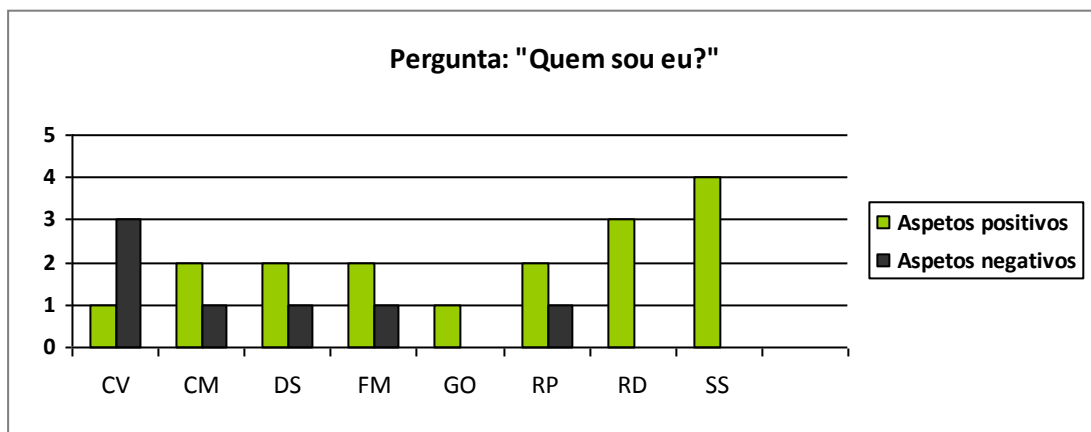


Gráfico 2: Respostas das crianças do Grupo 2.

Através dos seguintes dados, conclui-se que o grupo 1 apresenta, na generalidade, um nível de autoestima mais elevado em relação ao grupo 2, sendo que o primeiro atribuiu mais aspetos positivos, sendo raros os negativos. Já no segundo grupo, verifica-se uma maior ocorrência de aspetos negativos, sendo que cinco de um total de oito crianças referiram aspetos negativos na sua caracterização. No entanto, é importante salientar que todos os elementos de ambos os grupos apresentaram pelo menos um aspeto positivo acerca de si próprios.

Em termos comparativos, quanto à questão “Gostas de te ver ao espelho?”, percebemos que existem novamente diferenças nas respostas dadas pelos dois grupos, tal como podemos observar nos gráficos seguintes:

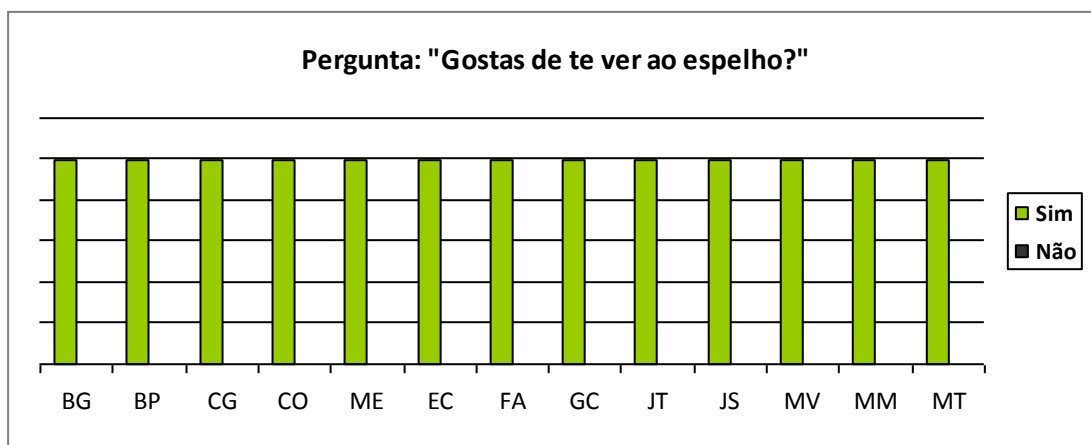
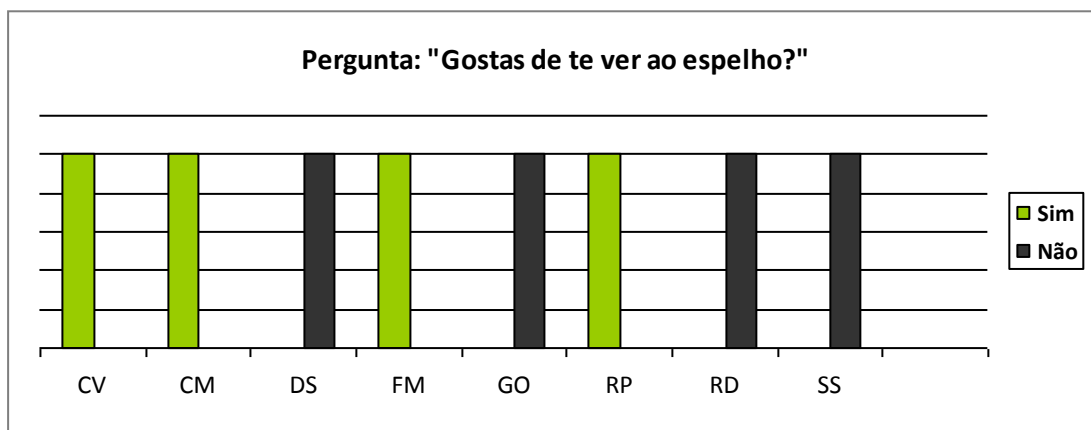


Gráfico 3: Respostas das crianças do Grupo 1.



**Gráfico 4: Respostas das crianças do Grupo 2.**

Como é possível verificar, todas as crianças do grupo 1 afirmaram gostar de se ver ao espelho, ao contrário do grupo 2, onde quatro de um total de oito crianças, responderam negativamente à questão.

Mais uma vez, são notórios os diferentes níveis de autoestima e de gosto por si próprios entre os dois grupos de crianças, pois um número bastante significativo de crianças do grupo 2 admitiram não gostarem da imagem que o espelho traduz, dando, essencialmente, razões de carácter físico.

Já a segunda e terceira sessões foram dedicadas à identificação e expressão de emoções e sentimentos. Achámos pertinente explorar esta área, uma vez que, de acordo com Portugal & Laevers (2010, p. 49) “uma criança com um elevado nível de competência social tem uma forte e diferenciada consciência dos próprios sentimentos e percepções. Tem uma boa capacidade de se colocar no papel do outro, compreendendo os seus sentimentos, necessidades e pensamentos, e tendo-os em consideração na ação que toma”.

Na minha opinião, a questão “tens medo de falar sozinho em frente à turma?” foi a que mais se destacou ao longo destas duas sessões, pois as crianças puderam expressar as suas razões e frustrações face às atitudes dos vários elementos da turma, e todos puderam refletir sobre os comportamentos que assumiam.

Através das respostas dos dois grupos de crianças, são notórias a falta de união, de compreensão e de entreaajuda na turma.

Os seguintes gráficos comparam as respostas a essa mesma questão dos dois grupos de crianças.

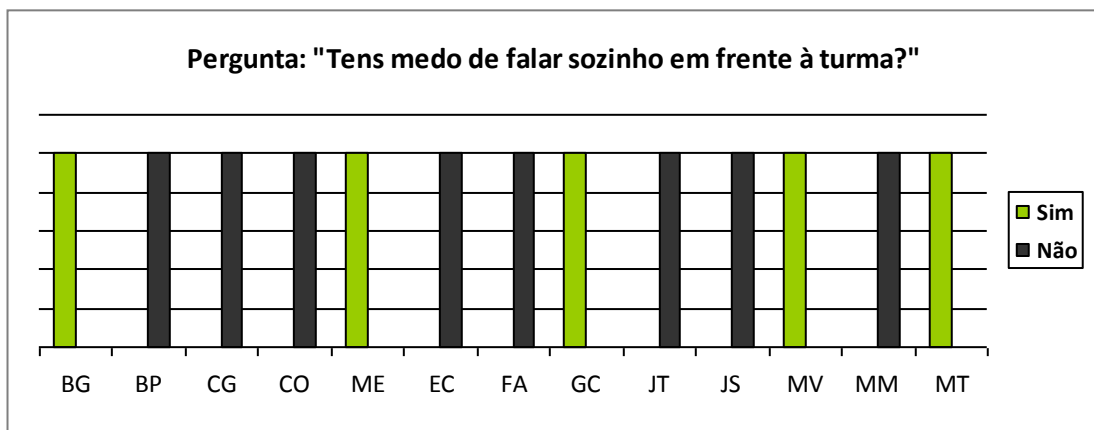


Gráfico 5: Respostas das crianças do Grupo 1.

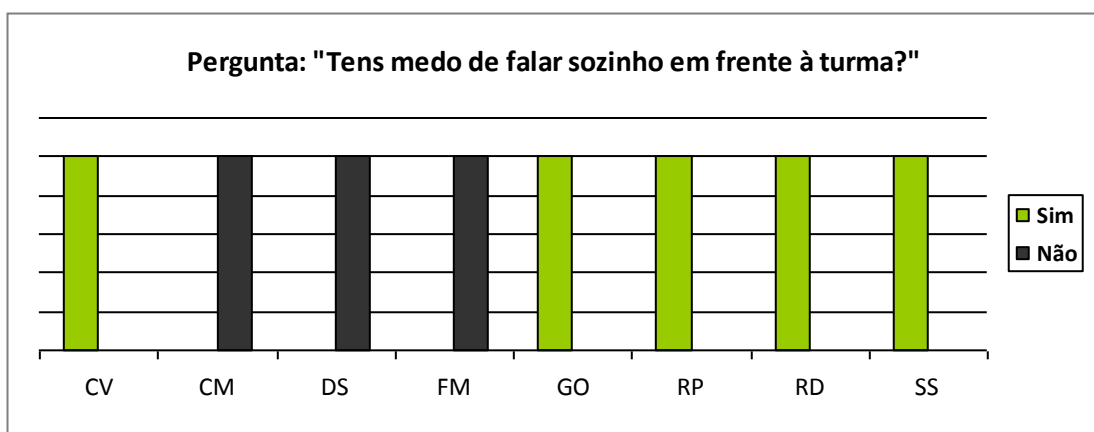


Gráfico 6: Respostas das crianças do Grupo 2.

É possível verificar que as respostas dos dois grupos de crianças foram bastante similares. No entanto, de treze crianças pertencentes ao grupo 1, cinco responderam afirmativamente à questão, assim como, de oito crianças pertencentes ao grupo 2, cinco também responderam da mesma forma, ou seja, o número de alunos que responderam ter receio de falar em frente à turma foi bastante significativo.

Contudo, no grupo 1 as razões prendiam-se maioritariamente com o receio de errar, já no grupo 2, as justificações envolviam a falta de confiança, a timidez e o receio das pessoas. Houve, ainda, uma criança que referiu o receio do castigo que poderia advir da sua participação.

Já na quarta sessão, trabalhámos sobre o bem e o mal, mais especificamente, sobre as ações positivas e negativas que tomamos face aos outros.



Sendo assim, dedico a minha atenção para duas questões colocadas, que exploravam determinadas atitudes face aos outros.

Os seguintes gráficos comparam as respostas à questão “Deves ser simpático com os outros?” dos dois grupos de crianças.

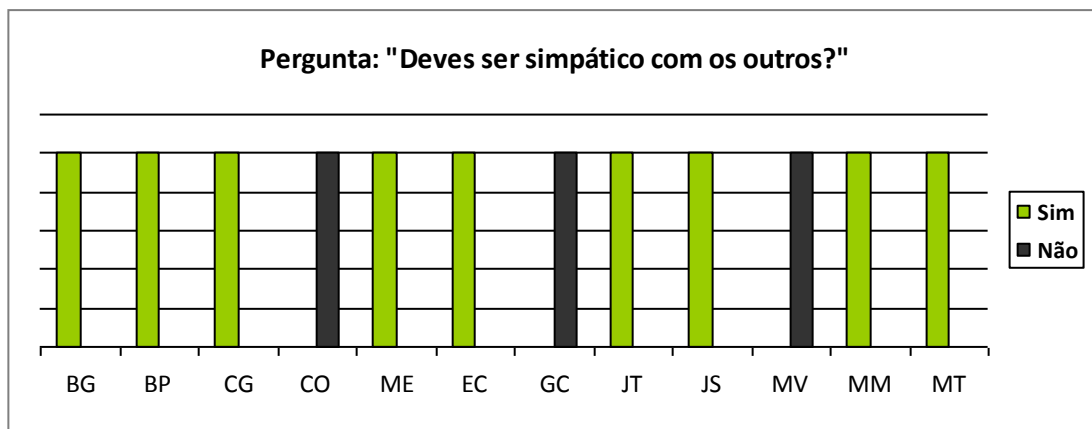


Gráfico 7: Respostas das crianças do Grupo 1.

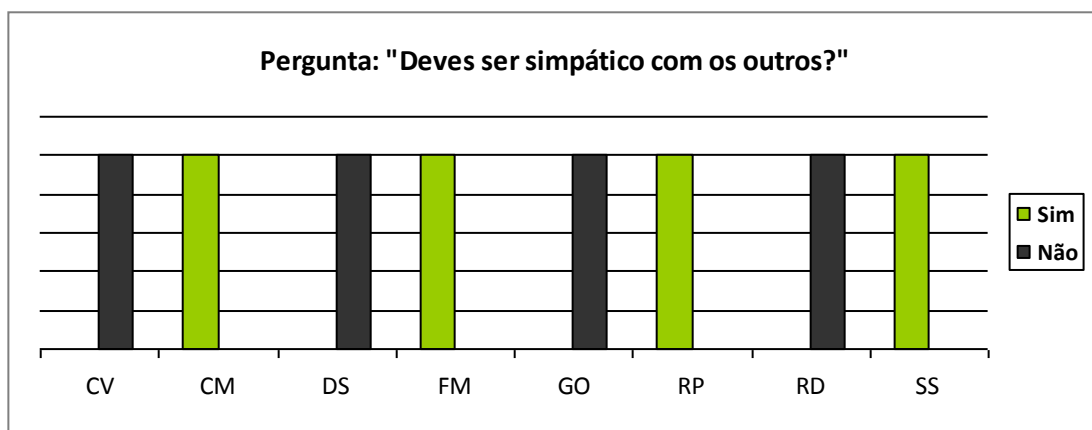


Gráfico 8: Respostas das crianças do Grupo 2.

Relativamente ao grupo 1, a maioria das crianças respondeu afirmativamente à questão, apesar de algumas delas afirmarem só serem simpáticas com aqueles que são seus amigos ou que lhes são próximos. Já o grupo 2, de um total de oito crianças, quatro afirmaram o dever de serem simpáticas com os outros.

Face às respostas dos dois grupos, verificaram-se dois níveis de moralidade distintos: Pré-convencional e convencional, sendo que as crianças que afirmaram o dever de serem simpáticas, para obterem daí recompensas, demonstraram encontrar-se no nível pré-convencional de desenvolvimento moral. No entanto, as crianças que

identificaram o dever de serem simpáticos com os outros, especialmente com aqueles que lhes são próximos, demonstraram encontrar-se no nível convencional de desenvolvimento moral, uma vez que se seguiam pelas regras estabelecidas pela maioria.

Relativamente à outra questão colocada nesta mesma sessão “Deves dizer tudo?”, as respostas dadas pelos dois grupos foram bastante semelhantes, sendo que a grande parte respondeu negativamente, considerando haver segredos e sentimentos que não deveriam ser contados.

A quinta e sexta sessões basearam-se na reflexão do comportamento das crianças em grupo, uma vez que, de acordo com Portugal & Laevers (2010, p. 39) “é necessário que a criança seja capaz de se integrar no quotidiano do grupo, o que tem a ver com a capacidade de ligação a outros, baseada no sentimento de respeito e compreensão mútua, conjugando-se necessidades individuais com as de outros, permitindo o desenvolvimento de comportamentos de cooperação. Estes pressupõem adoção de um comportamento individual que tem em conta a vida em grupo, o reconhecimento de diferentes papéis sociais e o respeito pelas regras e princípios de vida em comum”.

Sendo assim, focalizarei a minha atenção para três questões colocadas ao longo destas sessões. À questão “O que é viver em sociedade?” os dois grupos de crianças responderam de forma semelhante e, igualmente, ponderada. Deram como respostas o viver em paz e em liberdade com os outros, respeitando-os. Uma criança definiu, ainda, o viver em sociedade como algo complexo.

Os seguintes gráficos permitem comparar as respostas dos dois grupos de crianças à questão “Deves ajudar os outros?”.

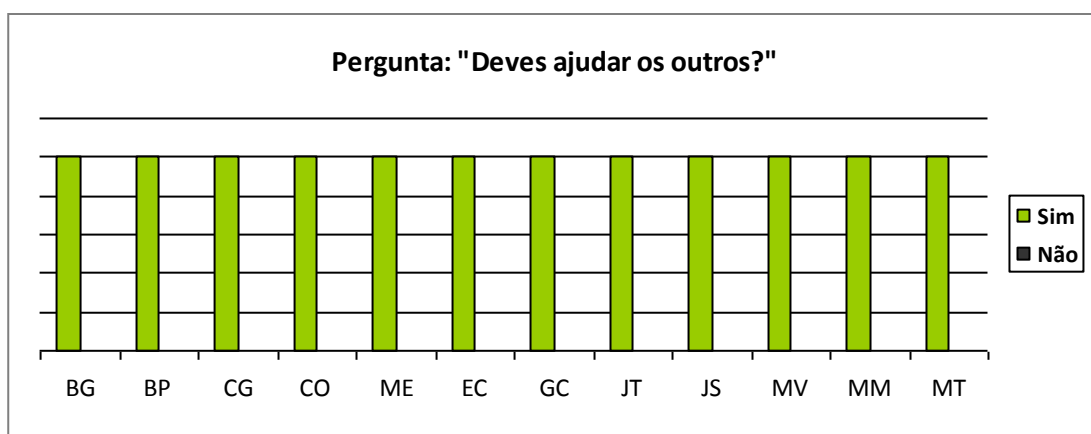


Gráfico 9: Respostas das crianças do Grupo 1.

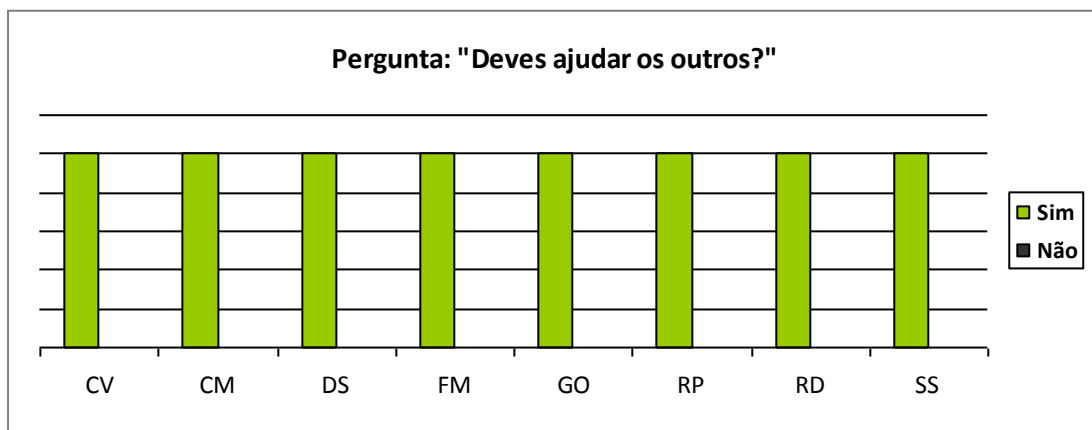


Gráfico 10: Respostas das crianças do Grupo 2.

Nesta questão obtivemos apenas respostas afirmativas nos dois grupos. As justificações das crianças prenderam-se com as incapacidades dos outros, com a felicidade transmitida no ato de ajudar, com o dever dos mais novos ajudarem os mais idosos, e ainda, com o fator da recompensa.

Mais uma vez se verifica dois níveis de desenvolvimento moral: Pré-convencional e convencional. As crianças que afirmaram o dever de ajudar os outros, para que eles as pudessem ajudar, revela um nível moral pré-convencional, uma vez que seguem as regras apenas por se tratarem do interesse próprio, ou seja, agem por forma a satisfazer os próprios interesses ou necessidades, mostrando, assim, encontrarem-se no segundo estágio do desenvolvimento moral.

No entanto, as crianças que responderam que deviam ajudar os outros, independentemente das recompensas que pudessem ter, demonstram um nível moral convencional, pois procuram viver conforme as regras estabelecidas.

Os seguintes gráficos comparam as respostas à questão “Deves respeitar sempre os outros?” dos dois grupos de crianças. Comparando as várias respostas, são notórias as diferenças entre os dois grupos.

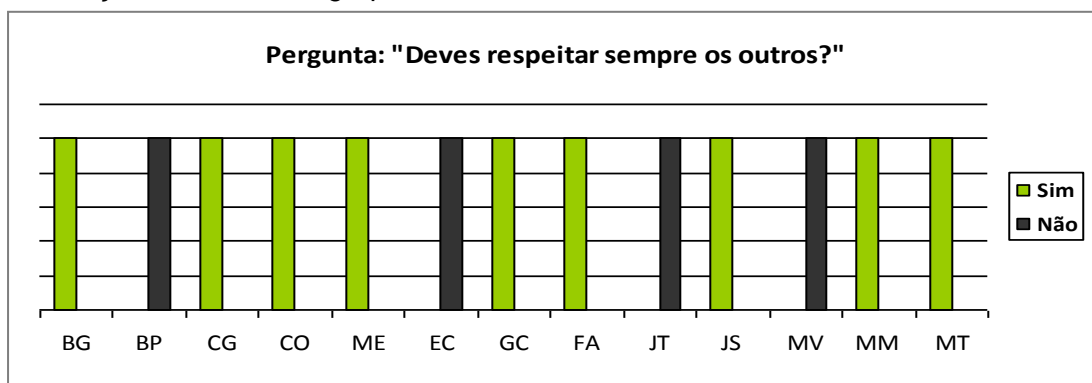
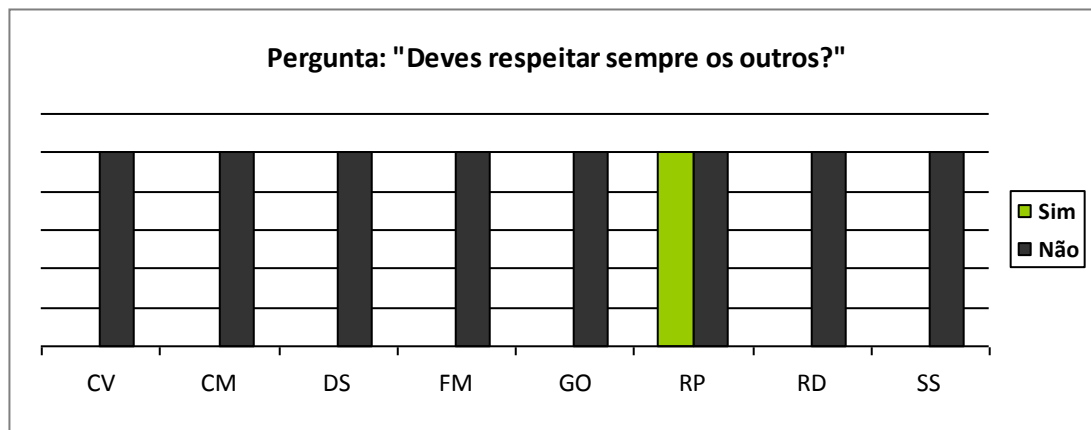


Gráfico 11: Respostas das crianças do Grupo 1.



**Gráfico 12: Respostas das crianças do Grupo 2.**

Nesta questão verificam-se diferenças bastante significativas. O grupo 1, maioritariamente, assumiu o dever de respeitar os outros (ex. respeitar todas as pessoas, apenas aquelas que as respeitam ou aquelas que são suas amigas), sendo que quatro responderam negativamente. Já o grupo 2 respondeu de forma unânime. Todos concordavam que nem sempre deveriam respeitar os outros, à exceção de uma criança que afirmou que só se deveria respeitar o outro no caso de um idoso.

Atendendo às respostas dadas, parece ser possível concluir que estas crianças entendem o respeito, sobretudo, como atitude a ter em relação às pessoas que conhecem e que merecem esse respeito. Não o entendem como um dever e um direito de qualquer indivíduo da sociedade.

Foram verificadas várias diferenças significativas nas respostas dos dois grupos de crianças, sendo que podemos concluir que, de facto, os níveis de implicação e de bem-estar são indicadores da forma como cada criança experiencia o contexto, de uma forma mais ou menos positiva, sendo que o grau de satisfação experienciado tem efeitos na abertura das crianças para se colocarem na perspetiva dos outros e assumirem comportamentos socialmente mais adequados.

Ao longo de todas as sessões foi destacado um elevado nível de participação dos elementos por mim observados, com intervenções sempre muito pertinentes e curiosas. Já o outro grupo se mostrou mais reservado quanto à sua participação em grande grupo, no entanto, respondeu de forma sempre muito interessante, por escrito. Oralmente, o grupo mais destacado foi o grupo 1.

No entanto, na sessão n.º 2, onde trabalhámos e explorámos a caixa das emoções, as crianças do grupo 2 participaram de forma muito natural e interessada,

sendo que nessa sessão foi o grupo que mais se destacou, uma vez que falaram abertamente sobre emoções negativas e positivas experienciadas por eles próprios. Já o grupo 1 se mostrou mais reticente, especialmente, em expressar emoções negativas.

Em relação aos níveis de implicação e bem-estar ao longo das sessões, não foram manifestadas diferenças entre os dois grupos, pois ambos se mostraram recetivos, interessados e curiosos pelo que fora abordado.

Um dos objetivos pretendidos consistia em assegurarmos que ao longo do semestre, as crianças realizariam atividades ou participavam em dinâmicas suscetíveis de promover competências sociais, inseridas nas rotinas escolares normais das crianças.

Como tal, tentámos criar estratégias, em todas as áreas curriculares, que permitissem o trabalho em grupo e/ou em pares. Sendo assim, na área do Estudo do Meio, as crianças realizaram vários desafios em pares, por forma a ajudarem-se mutuamente e, ainda, construíram uma caixa de primeiros socorros, sendo que a turma foi dividida em três grupos, em que cada um deles ficou responsável por realizar tarefas diferentes: Construção e decoração da caixa, realização de cartazes informativos sobre situações de alerta e, ainda, listas dos materiais contidos na caixa. Nós apenas formámos os grupos e fornecemos os materiais necessários. A gestão de todo o trabalho e da divisão de tarefas foi feita pelas crianças.

Já na área da Matemática, foram realizados vários desafios sobre orientação espacial, gráficos e tabuadas, em pares, e foram, ainda, realizados jogos, de acordo com os conteúdos trabalhados, tais como, o jogo da batalha naval, inserido no tema orientação espacial.

Em Língua Portuguesa, as crianças criaram vários textos em pares, sequenciaram histórias, construíram uma biografia de um autor e, ainda, realizaram vários jogos de acordo com os conteúdos trabalhados, tais como, um jogo de sílabas e um jogo da memória dos verbos.

Na área da Expressão Motora, sempre que possível, as crianças realizavam jogos em grupos, como estafetas, percursos e jogos de equipa.

Para além destas atividades, incentivámos as crianças a ajudarem os seus colegas, sempre que concluíssem com sucesso uma determinada tarefa individual.

Pensamos que estas estratégias inseridas nas rotinas escolares das crianças, ajudaram-nas a ter uma maior sensibilidade para com o outro e um maior espírito de união e de entreajuda.

Ao longo do tempo de estágio, à medida que os trabalhos em pares e em grupos surgiam, pudemos aperceber-nos da evolução das relações entre as crianças.

Inicialmente, os trabalhos em pares/grupos eram um pouco frustrantes e conflituosos. As crianças tinham bastante dificuldade em trabalharem para o mesmo objetivo, de forma colaborativa com o outro, fazendo constantemente queixas dos colegas e diminuindo os níveis de implicação, sempre que não existia conformidade entre os pares/grupos.

No entanto, à medida que o tempo passou, as crianças começaram a demonstrar um entusiasmo diferente na realização das tarefas em grupo, sendo que esta estratégia começou a funcionar de uma melhor forma e as crianças sentiam-se motivadas para concluírem as tarefas pedidas. A falta de consonância entre os pares reduziu e as crianças começaram a trabalhar de uma forma mais natural e espontânea, em grupo, sendo elas próprias a pedirem-nos para realizarem as tarefas em conjunto com os outros. Foi importante verificar, também, que as crianças com níveis mais baixos de implicação e bem-estar nunca foram ignoradas pelos grupos, isto é, os grupos eram constituídos, muitas vezes pelas próprias crianças, e estas nunca desprezavam aquelas mais reservadas e menos participativas.

Por outro lado, verificámos que as crianças se sentiam entusiasmadas por concluir as suas tarefas e, assim, poder ajudar os colegas. Estas interações permitiram uma melhor relação de confiança e de ajuda entre a turma, e os níveis de implicação nas atividades aumentaram.

Ao longo das rotinas escolares da turma, pudemos identificar vários comportamentos sociais adotados pelas crianças que demonstravam níveis de implicação e de bem-estar elevados, aquando da sua interação e cooperação com os outros. Estas demonstravam interesse pelos restantes elementos, evidenciando capacidade de se colocarem no papel dos outros, mostrando-se sensíveis às suas necessidades, perspetivas e sentimentos. Em situações de interação com os outros, demonstravam compreensão e respeito pelas regras e dominavam várias estratégias sociais, sabendo utilizá-las adequadamente, isto é, tinham a capacidade de se mostrar disponíveis para os outros, de os respeitar, de reconhecer e respeitar as suas dificuldades, comportamentos e sentimentos, dispondo de vários comportamentos sociais, por forma a contribuir para o bem-estar de todos.

Em paralelo às sessões gerais e à implantação da estratégia de trabalhos de grupo nas várias rotinas escolares das crianças, criámos o já referido *blog*

<http://crescercomigoecomosoutros.blogspot.com/>, para que tanto as crianças, como os pais e encarregados de educação e restantes professores, pudessem acompanhar, partilhar ideias, fazer comentários sobre o trabalho realizado e, eventualmente, dar sugestões. Para o dar a conhecer, entregámos convites a todas as crianças da turma e a vários professores pertencentes ao contexto.<sup>3</sup>

Penso que foi uma estratégia eficaz, contudo, poderia ter havido um maior envolvimento por parte da restante comunidade escolar.

Em relação às crianças, a estratégia foi abraçada com muito entusiasmo, sendo que diariamente estas visitavam o *blog* à procura de novidades, comentando-o bastante. Constantemente, as crianças pediam-nos para verem o *blog* e, atualmente, ainda o visitam.

No entanto, não temos conhecimento que outros professores o tenham visitado, visto não termos recebido qualquer tipo de comentários.

Sendo assim, penso que foi uma estratégia muito interessante para as crianças e para os pais, que comentavam e seguiam o *blog* juntamente com os filhos, pois puderam acompanhar o trabalho que estava a ser explorado. No entanto, não teve o impacto que procurávamos, visto ser nosso objetivo que houvesse não só a participação dos pais e das crianças, mas também da restante comunidade escolar, por forma a motivar atividades desta natureza e, eventualmente, nos serem dadas sugestões. Por outro lado, ainda que houvesse algum envolvimento dos pais, na nossa opinião, também não houve uma participação alargada e plena. Sabemos que muitos pais acompanharam o *blog* e seguiam-no juntamente com os seus filhos, sendo até que duas mães se inscreveram como seguidoras deste. Foi bastante positiva a interação dos pais com os filhos, no visionamento e participação no *blog*, no entanto, foi o único tipo de feedback resultante. Penso que teria sido interessante termos convidado os pais a assistirem ou até mesmo a participarem numa das sessões, juntamente com os filhos, para perceberem a dinâmica destas e os objetivos inerentes.

Foi criada também, como já foi referido, uma caixa do correio, com o objetivo de solidificar as relações existentes entre as crianças e de estabelecer uma maior comunicação e um sentimento de pertença e de união entre o grupo. Esta esteve presente na sala de aula, durante todos os dias, e cada criança tinha a oportunidade de comunicar com os seus colegas. A caixa do correio era aberta todas as segundas-feiras, para distribuição da correspondência.

---

<sup>3</sup> O respetivo convite encontra-se em anexo.

Esta estratégia foi desde logo aceite pelo grupo, com bastante entusiasmo. Todas as crianças escreveram para os seus colegas, ao longo das várias semanas, encontrando-se sempre muito ansiosas pelas segundas-feiras, para receberem a sua correspondência. Contudo, percebemos que algumas crianças não receberam correspondência na primeira vez que abrimos a caixa do correio, demonstrando tristeza e desilusão. Para evitar uma situação semelhante, todas as semanas levávamos cartas sem destinatário, com um desenho, ou uma mensagem, e colocávamos o nome de quem não tivesse cartas para receber, sem que estas se apercebessem da situação.

Penso que foi uma boa estratégia implementada, uma vez que encorajou as crianças a conhecerem-se melhor e a estabelecerem uma maior comunicação entre elas.

Após a nossa saída do contexto, a professora titular e as crianças decidiram dar continuidade a esta estratégia da caixa do correio, por forma a reforçar as relações existentes.

A professora titular sempre nos apoiou na realização de todas as estratégias inerentes ao projeto, sendo que todas as semanas refletia juntamente connosco acerca das dinâmicas. De acordo com a sua opinião, o projeto era muito interessante e importante, dada a caracterização comportamental da turma. Desde o início, a professora julgava urgente trabalhar sobre esta temática com o grupo em questão, pois considerava a turma pouco unida e algo conflituosa. No entanto, entendemos que as sessões realizadas não foram suficientes para modificar atitudes, sendo necessário mais tempo para poder haver uma mudança significativa. Contudo, foi possível verificar uma importante melhoria nas relações das crianças, sendo que demonstravam gosto por se ajudarem mutuamente e resolviam melhor as suas adversidades, sem recorrerem tanto ao adulto.

Aquando da nossa saída do contexto, a professora demonstrou interesse em dar continuidade ao nosso projeto, pelo que penso que as crianças continuam a explorar as várias temáticas que englobam a competência social.

Quando demos por terminado o projeto, as crianças demonstraram saudade e vontade em prolongá-lo, pedindo-nos para continuarem a escrever uns para os outros, através da caixa do correio, e para darmos continuidade ao *blog*. Através das suas respostas ao questionário final<sup>4</sup>, demonstraram necessidade em continuar a melhorar as suas atitudes face aos outros, quer em termos de ajuda, de respeito e de comportamentos. Referiram, ainda, que aprenderam a respeitar todas as pessoas,

---

<sup>4</sup> Questionário final encontra-se em anexo.



inclusive, as que menos gostavam; a mudar as suas atitudes e a perceber que os sentimentos são muito importantes. Aprenderam, ainda, que se não estiverem disponíveis para conhecer novas pessoas, não têm a oportunidade de fazer novos amigos; que podem fazer muita coisa para crescerem juntamente com os outros; que devem ajudar as pessoas; que nem sempre devem dizer tudo e que não devem ter receio de falar dos seus sentimentos.

As crianças caracterizaram, ainda, o projeto, com as seguintes palavras: “Amizade”, “divertido”, “alegre”, “fixe”, “interessante”, “partilha”, “extraordinário” e “bonito”.

Com este projeto, procurámos, essencialmente, que as crianças identificassem as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e reconhecendo algumas das suas capacidades e dificuldades. Ao longo de todo o projeto, as crianças puderam refletir acerca das suas características individuais e foram capazes de reconhecerem capacidades e, também, dificuldades e atitudes menos positivas. Contudo, penso que uma grande parte das crianças, nomeadamente as crianças mais preocupantes, necessitariam de continuar a ter uma atenção especial e mais reforços positivos, no sentido de melhoria da sua experiência no contexto escolar.

Também era nosso objetivo, que ao longo do projeto, as crianças pudessem expressar as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada. Especialmente nas sessões n.º 2 e n.º 3, as crianças puderam falar abertamente das suas emoções e sentimentos, sendo que exploraram não só as suas emoções positivas, como as mais negativas. Ainda ao longo de todo o projeto, foi nossa intenção dar liberdade às crianças para expressar as suas necessidades e aquilo que sentiam. Mais uma vez, penso que algumas crianças se encontravam mais reservadas, pelo que não expressavam de uma forma tão nítida aquilo que sentiam. No entanto, conseguimos, até certo ponto, perceber as suas necessidades, através das suas respostas por escrito.

Procurámos, ainda, que as crianças se apercebessem do que é viver em sociedade e das responsabilidades que todos os cidadãos têm uns para com os outros. Neste caso, penso que, atendendo às respostas dadas, as crianças entendem as várias responsabilidades de um cidadão, tal como, o respeito que devem ter pelas pessoas. No entanto, entendem essa responsabilidade como atitude a ter em relação às pessoas que conhecem e que merecem esse respeito. Não o entendem como um dever e um direito de qualquer indivíduo da sociedade. Sendo assim, penso que estas questões deverão continuar a ser trabalhadas.

Era, ainda, nosso objetivo, que as crianças contribuíssem para o funcionamento e aprendizagem do grupo, partilhando ideias, perspectivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros; que, perante opiniões diferentes das suas, escutassem, questionassem e argumentassem, procurando chegar a conclusões e que manifestassem respeito pelas necessidades, sentimentos e opiniões dos outros. Mais uma vez, destaco a elevada participação, nos vários debates, do grupo que apresentava níveis mais elevados de implicação e bem-estar, sendo que as restantes crianças se mantinham mais reservadas, mas igualmente atentas, face às opiniões geradas. No entanto, penso que esta estratégia foi muito interessante, uma vez que as crianças contribuíram com opiniões muito pertinentes e respeitaram as diferentes ideias surgidas pelos outros.

Uma vez que adotámos a abordagem Filosofia para Crianças na maioria das sessões, procurámos estimular a capacidade de verbalização de ideias, de organização do pensamento e de questionamento crítico. Penso que as crianças se familiarizaram muito facilmente com a estratégia escolhida e souberam organizar o seu pensamento de uma forma muito coerente, beneficiando, contudo, de uma continuidade neste tipo de experiências educativas.

Tentámos, igualmente, que as crianças integrassem no seu dia-a-dia, o comportamento mais adequado em determinada situação, proporcionando ao grupo, situações de interação e cooperação com os outros, implicando competências comunicacionais e o reconhecimento de diferentes papéis sociais. Penso que este objetivo foi o mais significativo em termos de resultados. As crianças, que inicialmente, demonstravam muita dificuldade na relação com o outro e em trabalhar de forma colaborativa com alguém, começaram a relacionar-se com os outros de uma forma mais natural e espontânea, sendo que existiram muitas situações de cooperação e de interação com os outros, por iniciativa das próprias crianças, sem a intervenção do adulto.

Tendo em conta as questões norteadoras deste estudo e os objetivos propostos, podemos concluir que as crianças foram demonstrando melhor interação e cooperação com os outros, ao longo de todo o processo. No entanto, continua-se a verificar várias atitudes menos positivas para com os outros e alguma falta de união na turma. As crianças com níveis mais baixos de implicação e bem-estar nas atividades continuam a ser reservadas e pouco participativas. Contudo, são sempre muito bem aceites por parte de todos os elementos da turma, sendo possível denotar um maior sentido de pertença ao grupo.

Tenho consciência de que o tema tratado é complexo e determinado por uma ecologia do desenvolvimento que vai para além do espaço de sala de aula. Sendo assim, os resultados obtidos merecerão um investimento continuado no sentido de se tornarem mais consistentes.

Apesar dos objetivos desejados não terem sido atingidos de forma global, penso que este projeto valeu muito a pena ser realizado, tanto para as crianças como para nós, tendo sido, também, a nossa primeira experiência de exploração destas temáticas e da abordagem Filosofia para Crianças.

O projeto teve algumas limitações. O tempo dedicado e a estratégia utilizada na maioria das sessões limitaram os resultados obtidos, pois o tempo foi demasiado estreito para se obter mudanças significativas, uma vez que estas competências exigem um trabalho diário e sistemático, transversal a todas as áreas do saber. A estratégia utilizada foi muito interessante e permitiu verificar a evolução do pensamento das crianças e da sua crescente capacidade em respeitar as diferentes opiniões das suas. Contudo, penso que poderíamos ter diversificado as estratégias utilizadas, para podermos certificar-nos de quais funcionariam melhor para as crianças.

Será pertinente dar continuidade ao projeto desenvolvido com as crianças, diversificando estratégias e envolvendo os pais de uma forma mais ativa em todo o processo, por forma a motivá-los a explorar também, com as crianças, estas temáticas.

A escola assume-se como um espaço privilegiado para promover nos alunos atitudes que favoreçam as suas competências sociais e pessoais, devendo o desenvolvimento de competências sociais ser entendido como um projeto multidisciplinar e transdisciplinar, emergente dos interesses da comunidade educativa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de educadores e professores consiste num processo de construção da sua própria identidade, baseado em conhecimentos multidimensionais e dotado de relações sociais, experiências e aprendizagens surgidas nos contextos em que vai decorrendo a atividade profissional.

A realização deste projeto, em conjugação com o estágio, foi uma fase crucial para o meu desenvolvimento profissional, pois envolveu mobilização e aprendizagem de competências de análise e reflexão de saberes relativos à intencionalidade educativa e suas respetivas fases.

Desde o primeiro dia, quando estive em contacto com as crianças e respetiva professora cooperante, fiquei com uma sensação positiva, pois todos se mostraram muito simpáticos e disponíveis para nos apoiarem no que fosse necessário.

A observação decorrida durante as primeiras semanas foi muito importante e enriquecedora, na medida em que nos permitiu conhecer alguns aspetos significativos da realidade escolar, bem como as crianças, a sala de aula, a escola e o meio que a circunda. Foi, sobretudo, importante, para nos apercebermos das atitudes menos positivas existentes na turma, no que respeita às relações.

Aos poucos, fomos nos apercebendo que a turma era pouco cooperativa entre si, demonstrando, por vezes, faltas de respeito uns para com os outros, falta de entajuda, de união e de confiança. Daí surgiu a pertinência de realizar um projeto, cuja principal temática se enquadrava no desenvolvimento da competência social.

As primeiras intervenções foram percecionadas como momentos de ansiedade, onde se vivenciaram sentimentos de receio, dúvida e incerteza, em que prevaleceram diversas preocupações. Com muito esforço, dedicação e entajuda por parte da professora cooperante, da orientadora da universidade, da minha colega Joana e das crianças, as dinâmicas começaram a fazer cada vez mais sentido, apesar de existir sempre nervosismo e ansiedade, para que tudo corresse da melhor forma.

Penso que eu e a minha colega tentámos sempre criar estratégias que fizessem as crianças refletir sobre as suas atitudes para consigo e para com os outros, nunca esquecendo, também, que a criança era o centro e que nós apenas aparecíamos como um suporte, nas várias sessões, para mediar os debates. Os verdadeiros “atores” foram as crianças.

As reflexões realizadas com a minha colega e com a professora titular da turma foram de extrema importância uma vez que permitiram um distanciamento da ação, consentindo continuamente reformular as práticas.

Penso que os maiores obstáculos surgidos ao longo de todo o processo se prenderam com a gestão do tempo e com a dificuldade que tivemos, em várias situações, em captar a atenção de alguns elementos e de assegurar o envolvimento de toda a turma.

Este momento de prática educativa permitiu ter um confronto diário com situações complexas, que exigiram respostas imediatas, potenciando, desta forma, a aquisição de novas aprendizagens e concepções sobre a escola, educação, o currículo, as crianças e sobre a própria profissão de educador/professor. Neste sentido, pode dizer-se que este processo constituiu-se como um momento que me permitiu encontrar o sentido da profissão, determinando o desenvolvimento de uma imagem mais realista e ajustada do ser educador/professor.

À medida que o projeto foi decorrendo, fui-me sentindo cada vez mais confiante e mais satisfeita com a qualidade da participação das crianças, com a sua crescente capacidade para ajudar o outro e com a sua evolução nas atitudes face aos colegas. No entanto, temos consciência de que os resultados não terão sido muito significativos e consistentes. É necessário uma continuidade do trabalho iniciado e uma sistemática exploração e reflexão sobre atitudes e comportamentos.

Findo este processo, não posso deixar de referir que o estudo me permitiu perceber como as relações interpessoais influenciam muitos comportamentos/atitudes dos alunos. Por isso, é necessário o professor estar atento aos vários indicadores que as crianças demonstram e deve criar as condições necessárias para as ajudar a avaliarem e alterarem os seus comportamentos.

Com a realização deste projeto pude, realmente, perceber a importância destas competências e o impacto que têm na vida de uma pessoa. Como tal, fez-me estar mais preparada para explorar com as crianças, que poderei vir a trabalhar no futuro, estas mesmas temáticas e os sinais que estas demonstram, relativamente ao seu nível de competência social.

O processo de ensino-aprendizagem é complexo, cabendo a nós, futuros educadores/professores, a tarefa de refletir constantemente sobre a nossa ação, analisando-a por forma a ser, ou não, reformulada e a proporcionar momentos de aprendizagem, de reflexão efetiva às crianças e de bem-estar consigo própria e com os outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **BIBLIOGRAFIA:**

- Arada, J. D. & Machado C. M. (2008/2011). *Projeto educativo – Colégio D. José I.* Santa Joana, Aveiro.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação: Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação.* Lisboa: Gradiva.
- Boavida, J. (1991). *Filosofia – do ser e do ensinar. Proposta para uma nova abordagem.* Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Bodgan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto: Porto Editora.
- Brenifier, O. (2005a). *O que são o bem e o mal?. Filosofia para crianças.* Lisboa: Dinalivro.
- Brenifier, O. (2005b). *O que são os sentimentos?. Filosofia para crianças.* Lisboa: Dinalivro.
- Brenifier, O. (2006a). *O que é viver em sociedade?. Filosofia para crianças.* Lisboa: Dinalivro.
- Brenifier, O. (2006b). *Quem sou eu?. Filosofia para crianças.* Lisboa: Dinalivro.
- Bullock, L.M., Gable, R.A. & Rutherford, R.B. (1996). *Improving the social skills of children and youth with emotional/behavioral disorders.* Reston: The Council for Children with Behavioral Disorders.

- Estrela, A. & Ferreira, J. (2001). *Investigação em educação: Métodos e técnicas*. Lisboa: Educa.
- Fragateiro, L. & Leão, C. (1996). *Desenvolvimento pessoal e social na escola: um estudo de caso*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Kog, M., Moons, J. & Depondt, L. (1994). *A box full of feelings*. Leuven: Publicações CEGO.
- Lopes, J., Rutherford, R., Cruz, C., Mathur, S. & Quinn, M. (2006). *Competências sociais. Aspectos comportamentais emocionais e de aprendizagem*. Psiquilíbrios.
- Martins, G. A. (2006). *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. São Paulo, Brasil: Atlas.
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar. Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.
- Rolla, N. (2004). *Filosofia para crianças*. Porto: Porto Editora.
- Sharp, A. M. (2008). *Hospital das bonecas. Programa filosofia para crianças*. Lisboa: Dinalivro.
- Sharp, A. M. & Splitter, L. J. (2008). *Compreendendo o meu mundo. Manual do professor para o hospital das bonecas. Programa filosofia para crianças*. Lisboa: Dinalivro.
- Sheppy, S. (2010). *Personal, social and emotional development in the early years foundation stage – Practical guidance in the EYFS*. New York, USA: Routledge.
- Stratton, C. (1999). *How to promote children's social and emotional competence*. London: Paul Chapman Publishing Ltd.



**DOCUMENTOS OFICIAIS:**

- Ministério da Educação (ed.). (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências essenciais*. Lisboa: ME.
- Ministério de Educação (2001). Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto (Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário).
- Ministério de Educação (2001). Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto (Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico).

**WEBGRAFIA:**

- Cavalcanti, F. (n.d.). *Educar em competência social: uma perspectiva escolar*. Acedido em Abril 2, 2011, em [http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/2educar\\_em\\_competencia\\_social.pdf](http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/2educar_em_competencia_social.pdf).
- Coelho, A. M. S. (2004). *Educação e Cuidados em Creche – Conceptualizações de um grupo de educadoras*. Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para a obtenção do grau de Doutor. Aveiro. Acedido em Abril 4, 2011, em [http://www.esec.pt/cdi/ebooks/DOCENTES/A\\_Coelho/Tese.pdf](http://www.esec.pt/cdi/ebooks/DOCENTES/A_Coelho/Tese.pdf).
- Duarte, J. (2008). *Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização*. Revista Lusófona de Educação. Acedido em Janeiro 9, 2012, em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n11/n11a08.pdf>.
- Duque, C. (2006). *Desenvolvimento moral: perspectiva de Kohlberg*. Acedido em Maio, 14, 2012, em <http://pt.scribd.com/doc/2437365/Desenvolvimento-Moral-Kolberg>.

- Estúdio didático (2008). *Uma caixa cheia de emoções*. Acedido em Maio 5, 2012, em <http://www.estudiodidactico.pt/produto.asp?action=show&id=10>.
- Fernandes, L. & Gonçalves, M. (2007). *Promoção de Competências Sociais em Contexto Escolar*. Acedido em Maio 12, 2011, em <http://pt.scribd.com/doc/48560192/Promocao-de-Competencias-Sociais-em-Contexto-Escolar>.
- Ferreira, H. (2000). *A competência social no contexto escolar. Um estudo da interface entre a competência social e a realização académica da criança*. Universidade do Porto. Acedido em Maio 20, 2011, em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/49923/2/70116.pdf>.
- Gatti, B. A. (1997). *Habilidades cognitivas e competências sociais*. Laboratorio Latinoamericano de Evaluación de la calidad de la educación. UNESCO. Acedido em Abril 3, 2011, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001836/183655por.pdf>.
- Gonçalves, D. & Azevedo, C. (2006). *O valor e a utilidade da filosofia para crianças. Cadernos de estudo*. Porto: ESSE de Paula Frassinetti. Acedido em Janeiro 8, 2012, em [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/58/Cad4\\_FilosofiaDaniela.pdf?sequence=1](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/58/Cad4_FilosofiaDaniela.pdf?sequence=1).
- Gonçalves, E., Sá, L. & Caldeira, M. (2004/2005). *Estudo de Caso*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Acedido em Fevereiro 22, 2012, em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/editeetalestudodecaso%20texto.pdf>.
- Gonçalves, M. J. (2008). *Competências: Sociais e Pessoais*. Acedido em Junho 13, 2011, em <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1761567-competencias-sociais-pessoais/>.
- Lemos, M. S. & Meneses, H. I. (2002). *A Avaliação da Competência Social*. Universidade do Porto. Acedido em Abril 3, 2011, em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a05v18n3.pdf>.

- Lima, D. M. (2004). *Filosofia para crianças: uma abordagem crítica dentro da filosofia da educação*. Universidade do Minho. Acedido em Janeiro 8, 2012, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4925/1/1CAP.pdf>.
- Marli, A. (1984). *Estudo de caso: seu potencial na educação*. Acedido em Janeiro 9, 2012, em <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n49/n49a06.pdf>.
- Marques, R. (n.d.). *O ensino dos valores em Kohlberg*. Acedido em Maio, 14, 2012, em <http://www.eses.pt/usr/ramiro/Kohlberg.htm>.
- Mendonça, D. (2008). *A Filosofia para Crianças*. Acedido em Janeiro 6, 2012, em <http://www.portaldacrianca.com.pt/artigosa.php?id=71>.
- Mendonça, D., Lourenço, M. J. & Fonseca, F. M. (2010). *Brincar a pensar*. Lisboa. Acedido em Janeiro 9, 2012, em <http://www.brincarapensar.pt/fpc/que>.
- Ponte, J. P. (2006). *Estudos de Caso em Educação Matemática*. Centro de Investigação em Educação e Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Acedido em Fevereiro 27, 2012, em [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20\(Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20(Estudo%20caso).pdf).
- Rocha, C. & Morais, A. M. (1999). *Desenvolver competências sociais nos primeiros anos da escola: Uma inovação possível*. Centro de Investigação em Educação Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Acedido em Abril 2, 2011, em [http://essa.ie.ul.pt/ficheiros/artigos/revistas\\_com\\_revisao\\_cientifica/1999\\_desenvolvercompetenciassociais.pdf](http://essa.ie.ul.pt/ficheiros/artigos/revistas_com_revisao_cientifica/1999_desenvolvercompetenciassociais.pdf).
- Sapienza, G., Aznar-Farias, M. & Silveiras, E. F. (2009). *Competência social e práticas educativas parentais em adolescentes com alto e baixo rendimento académico*. Acedido em Abril 2, 2011, em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a06v22n2.pdf>.



## ANEXOS

### **Anexo 1 – Conceitos de implicação e bem-estar e respetivas escalas de avaliação (Portugal e Laevers, 2010)**

**BEM-ESTAR EMOCIONAL:** Estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia. Isto porque a situação conjuga-se com as suas necessidades, a pessoa tem um autoconceito positivo e está bem consigo própria. Em resultado: a sua saúde emocional está garantida.

#### **Níveis de bem-estar emocional:**

**Baixo** – A criança nunca ou raramente se sente feliz; nunca ou quase nunca desfruta do contexto educativo; está intranquila ou tensa; é pouco aberta e espontânea; é vulnerável e pouco flexível; tem falta de confiança em si mesma; nunca ou quase nunca se sente à vontade.

**Moderado ou Médio** – A criança, em geral não está nem feliz nem infeliz; de vez em quando parece desfrutar de alguma coisa; por vezes está intranquila ou tensa; por vezes é aberta e espontânea; por vezes é vulnerável; tem confiança limitada; por vezes sente-se à vontade, ousando ser ela própria.

**Alto** – A criança, sempre ou quase sempre está à vontade, sente-se bem e feliz; desfruta bem do programa educativo em oferta; sempre ou quase sempre irradia tranquilidade; sempre ou quase sempre está aberta e é espontânea e flexível; é capaz de se defender; denota confiança em si mesma.

**IMPLICACÃO:** Qualidade da atividade humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência, caracterizando-se por motivação, interesse e fascínio, abertura aos estímulos, satisfação e um intenso fluxo de energia. É determinada pela necessidade de exploração e pelo nível de desenvolvimento. Em resultado, o desenvolvimento acontece.

#### **Níveis de implicação:**

**Baixo** – A criança nunca ou quase nunca está concentrada; desliga ou distrai-se facilmente; está sempre ou quase sempre desmotivada ou desinteressada; nunca ou quase nunca está

mentalmente ativa; nunca ou quase nunca realiza uma atividade com prazer evidente; limita-se a utilizar as suas competências atuais.

**Moderado ou Médio** – A concentração é mediana; por vezes custa-lhe prestar atenção; não está verdadeiramente motivada ou interessada; tem uma atividade mental pouco intensa; não desfruta inteiramente das atividades; não mobiliza completamente as suas competências.

**Alto** – Muitas vezes denota concentração; não se distrai facilmente e persiste na atividade; muitas vezes está motivada e interessada; é mentalmente ativa, com intensidade; desfruta plenamente das atividades e explorações; funciona no limite mais elevado das suas atuais capacidades.

## **Anexo 2 – Descritivo da sessão n.º 1**

**N.º da sessão:** 1

**Data:** 24 de outubro de 2011

**Hora:** 9h00 – 10h30

**Nome da sessão:** Quem sou eu?

### **1.ª Atividade:**

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

### **1.ª Pergunta:** Quem sou eu... és um animal?

#### Situações colocadas:

- Sim, porque respiro, alimento-me e posso reproduzir-me... como todos os animais.
  - Sim, mas... As plantas também não se reproduzem?
  - Sim, mas... O homem pode decidir não se alimentar?
  - Sim, mas... O homem vive só para respirar, comer e reproduzir-se?
  - Sim, mas... O teu cão sabe que respira?
- Sim, porque no início éramos macacos.
  - Sim, mas... Ficamos para sempre iguais ao que já fomos?
  - Sim, mas... Podes casar com um macaco?
  - Sim, mas... Os macacos de hoje vão tornar-se homens?
  - Sim, mas... Podemos saber com segurança o que existia há milhões de anos?
- Não, porque sou inteligente.
  - Sim, mas... És inteligente o tempo todo?
  - Sim, mas... Basta ser inteligente para não ser um animal?
  - Sim, mas... Já discutiste com um golfinho para saber se ele é inteligente?
  - Sim, mas... Se não fores inteligente, és um animal?
- Não, porque eu falo.
  - Sim, mas... Os animais não possuem todos a sua linguagem própria?
  - Sim, mas... Os papagaios não falam como os homens?
  - Sim, mas... Um bebé na barriga da mãe é um animal?
  - Sim, mas... Quando se é muito falador, é-se mais humano?
- Não, porque quando eu morrer vão enterrar-me num cemitério.
  - Sim, mas... Isso torna a tua morte diferente da de um animal?

Sim, mas... Que significado tem o facto de enterrar os mortos?

Sim, mas... Não é humano legar o corpo à ciência?

Sim, mas... Por vezes os homens não enterram os animais?

**2.ª Pergunta:** Quem sou eu... és igual aos outros?

Situações colocadas:

- Sim, porque tenho dois olhos, duas orelhas, uma boca... como toda a gente.  
Sim, mas... Todos os olhos são parecidos?  
Sim, mas... Todas as bocas gostam de comer a mesma coisa?  
Sim, mas... E se deixasses de ter nariz, serias diferente?  
Sim, mas... E se tivesses dois olhos que não pudessem ver, serias diferente?
- Não, porque alguns são mais pobres do que eu.  
Sim, mas... Os pobres não têm nada a ver contigo?  
Sim, mas... Para ser rico basta ter dinheiro?  
Sim, mas... Como é que se pode saber se se é rico ou pobre?
- Não, porque sou um rapaz... e também há raparigas.  
Sim, mas... Entre os rapazes e as raparigas só existem diferenças?  
Sim, mas... Raparigas e rapazes têm de ser parecidos para poderem gostar uns dos outros?  
Sim, mas... Podes ter mais coisas em comum com uma rapariga do que com um rapaz?  
Sim, mas... Uma rapariga que se parece com um rapaz deixa de ser uma rapariga?
- Sim, porque sou normal.  
Sim, mas... Quem decide o que é ou não normal?  
Sim, mas... Ser normal é ser como os outros?  
Sim, mas... Como é que podemos parecer-nos com os outros, se eles são todos diferentes?  
Sim, mas... Devemos procurar ser como os outros, ou tentar sermos nós próprios?
- Não, porque eu sou eu.  
Sim, mas... Não há em ti também qualquer coisa dos outros?  
Sim, mas... Sabes sempre quem és?  
Sim, mas... És todos os dias a mesma pessoa?  
Sim, mas... Às vezes, preferias parecer-te com outra pessoa qualquer?

**3.ª Pergunta:** Quem sou eu... Gostas de te ver ao espelho?

Situações colocadas:

- Sim, porque sou bonito.



Sim, mas... Achas-te bonito sempre que olhas para ti?

Sim, mas... A beleza é sempre visível?

Sim, mas... És bonito ou achas-te bonito?

Sim, mas... Achas-te bonito porque gostas de ti?

- Não, porque só vejo os meus defeitos.

Sim, mas... Porque é que não vês também as tuas qualidades?

Sim, mas... Existe alguém que não tenha defeitos?

Sim, mas... O que consideras defeitos não será aquilo que te distingue dos outros?

Sim, mas... Gostas das outras pessoas, apesar dos defeitos delas?

- Sim, para ver como sou realmente.

Sim, mas... Tu és realmente o que aparece no espelho?

Sim, mas... Como fazem os cegos para saber quem são?

Sim, mas... Não podes ter uma aparência simpática e seres, na verdade, mau?

Sim, mas... Não gostas de fazer caretas horríveis ao espelho?

- Sim, quando estou bem vestido.

Sim, mas... A tua roupa diz quem tu és?

Sim, mas... Passamos a ser feios se estivermos mal vestidos?

Sim, mas... Os teus gostos em matéria de roupa não variam com a moda?

Sim, mas... Gostas mais de olhar para a tua roupa do que olhar para ti?

- Não, porque no espelho só vejo a minha aparência.

Sim, mas... Não precisas de ver o que os outros vêem em ti?





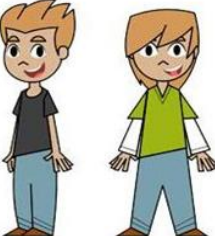
Sim, mas... Não devemos aceitar a nossa aparência?


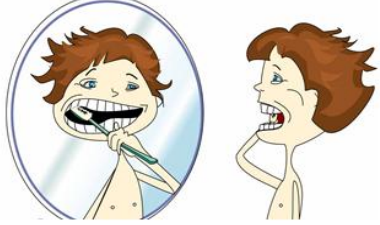

Sim, mas... Podias conhecer os outros se eles não tivessem uma aparência?

## **2.ª Atividade:**

Cada criança escreveu num papel três coisas acerca de si próprio.

Anexo 3 – PowerPoint da sessão n.º 1

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Quem sou eu?</b></p>  <p>24 de outubro de 2011</p>	<p>... És um animal?</p> 
<p>... És um animal?</p> <p><b>O Ulisses respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque respiro, alimento-me e posso reproduzir-me... Como todos os animais.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És um animal?</p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque no início éramos macacos.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És um animal?</p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Não, porque sou inteligente.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És um animal?</p> <p><b>A Mariana respondeu...</b></p>  <p>Não, porque eu falo.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És um animal?</p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Não, porque quando eu morrer vão enterrar-me num cemitério.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És igual aos outros?</p> 

<p>... És igual aos outros?</p> <p><b>O Ulisses respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque tenho dois olhos, duas orelhas, uma boca... como toda a gente.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És igual aos outros?</p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Não, porque alguns são mais pobres do que eu.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És igual aos outros?</p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Não, porque sou um rapaz... e também há raparigas.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És igual aos outros?</p> <p><b>A Mariana respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque sou normal.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És igual aos outros?</p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Não, porque eu sou eu.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> 
<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p><b>O Ulisses respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque sou bonito.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Não, porque só vejo os meus defeitos.</p> <p>Concordam?</p>

<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Sim, para ver como sou realmente.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p><b>A Mariana respondeu...</b></p>  <p>Sim, quando estou bem vestida.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Não, porque no espelho só vejo a minha aparência.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Vamos crescer juntos nas nossas atitudes?</b></p>

## **Anexo 4 – Descritivo da sessão n.º 2**

**N.º da sessão:** 2

**Data:** 31 de outubro de 2011

**Hora:** 9h00 – 10h30

**Nome da sessão:** A caixa das emoções

Ao longo desta sessão, o recurso utilizado foi a caixa de emoções.

Esta pretende ajudar as crianças a:

- Ficarem mais próximas do que se passa dentro delas;
- Reconhecerem as emoções e sentimentos;
- Dar-lhes um nome;
- Diferenciá-los, aos seus próprios sentimentos e aos dos outros;
- Identificar emoções através de sinais físicos;
- Aceitar os seus próprios sentimentos.

A sessão foi realizada no palco, existente no polivalente do colégio.

Numa grande roda, tivemos uma pequena conversa sobre as emoções sentidas em diversas situações. Para isso, foi utilizada uma roleta, que contém as emoções: feliz, triste, com medo e zangado. Cada aluno, um de cada vez, rodou a roleta e teve de explicitar uma situação em que já se sentiu assim, de acordo com a emoção que a roleta lhe indicou.

Depois disso, foram ouvidas várias músicas, que expressavam diversas emoções. As crianças tentaram descobrir que emoção lhes despertava cada música.

De seguida, foram realizados quatro grupos e foi entregue a cada grupo, um papel, com uma emoção. Cada grupo teve de dramatizar, através de mímica, a emoção correspondente, sendo que as restantes crianças tiveram que adivinhar a emoção que estava a ser representada.

Por fim, apresentámos a “caixa do correio”. Esta foi colocada na sala e cada criança foi convidada a escrever, desenhar, ou expressar-se com alguém da turma, sempre que assim o desejasse, visto a caixa permanecer na sala todos os dias. Todas as segundas-feiras o correio seria distribuído.

## **Anexo 5 – Descritivo da sessão n.º 3**

**N.º da sessão:** 3

**Data:** 7 de novembro de 2011

**Hora:** 9h00 – 10h30

**Nome da sessão:** O que são os sentimentos?

### **1.ª Atividade:**

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

**1.ª Pergunta:** Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?

#### Situações colocadas:

- Porque se eles me aborrecem, eu defendo-me.
- Porque estou furiosa.
- Porque sou mau.
- Porque isso me faz sentir bem.
- Para resolver problemas.

**2.ª Pergunta:** É melhor estar sozinho ou com os amigos?

#### Situações colocadas:

- Prefiro estar sozinho, porque quero estar em paz.
- Prefiro estar sozinha, para pensar na minha vida.
- Prefiro estar com os amigos, porque assim brincamos juntos.
- Prefiro estar sozinho, porque quero guardar os brinquedos só para mim.
- Prefiro estar com os meus amigos, porque gosto muito deles.
- Prefiro estar com os meus amigos, porque não gosto de estar sozinha.

**3.ª Pergunta:** Tens medo de falar sozinho em frente da turma?

#### Situações colocadas:

- Não, é engraçado e faço palhaçadas.
- Sim, não gosto que olhem para mim.
- Sim, porque eles são muitos e eu sou só um.
- Sim, porque me posso enganar e ficar com cara de parvo.
- Sim, porque fico corado e começo a gaguejar.

**2.ª Atividade:**

Cada criança foi convidada a escrever num papel, um aspeto positivo e outro negativo acerca do seu par. Esta atividade teve a sua continuidade numa sessão posterior.

Anexo 6 – PowerPoint da sessão n.º 3

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p>O que são os sentimentos?</p>  <p>7 de novembro de 2011</p>	<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> 
<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>O Ulisses respondeu...</b></p>  <p>Porque se eles me aborrecem, eu defendo-me.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Porque estou furiosa.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Porque sou mau.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>A Mafalda respondeu...</b></p>  <p>Porque isso me faz sentir bem.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Para resolver problemas.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> 



<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p><b>O Manuel respondeu...</b></p>  <p>Prefiro estar sozinho, porque quero estar em paz.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Prefiro estar sozinha, para pensar na minha vida.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Prefiro estar com os amigos, porque assim brincamos juntos.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p><b>O Tó respondeu...</b></p>  <p>Prefiro estar sozinho, porque quero guardar os brinquedos só para mim.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Prefiro estar com os meus amigos, porque gosto muito deles.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p><b>A Rafaela respondeu...</b></p>  <p>Prefiro estar com os meus amigos, porque não gosto de estar sozinha.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Tens medo de falar sozinho à frente da turma?</p> 	<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p><b>O Luís respondeu...</b></p>  <p>Não, é engraçado e faço palhaçadas!</p> <p>Concordam?</p>

<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Ulisses respondeu...</p>  <p>Sim, não gosto de que olhem para mim.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Sim, porque eles são muitos e eu sou só um.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Igor respondeu...</p>  <p>Sim, porque me posso enganar e ficar com cara de parvo.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Gustavo respondeu...</p>  <p>Sim, porque fico corado e começo a gaguejar.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>A Teresa respondeu...</p>  <p>Não, porque gosto de que eles me oiçam!</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Vamos crescer juntos nas nossas atitudes?</b></p>

## **Anexo 7 – Descritivo da sessão n.º 4**

**N.º da sessão:** 4

**Data:** 14 de novembro de 2011

**Hora:** 9h00 – 10h30

**Nome da sessão:** O que são o bem e o mal?

### **1.ª Atividade:**

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

### **1.ª Pergunta:** Deves ser simpático com os outros?

#### Situações colocadas:

- Sim, se eles forem simpáticos comigo.
  - Sim, mas... Quem é que deve ser simpático primeiro?
  - Sim, mas... Nunca te irritam as pessoas simpáticas?
  - Sim, mas... Podemos ser simpáticos sem o sermos?
  - Sim, mas... Podemos ser simpáticos sem parecer?
- Sim, mesmo que eles não sejam simpáticos comigo.
  - Sim, mas... E se eles te baterem?
  - Sim, mas... É possível ser simpático o tempo todo com toda a gente?
  - Sim, mas... Ajudas os maus sendo simpático com eles?
  - Sim, mas... Porque é que te esforças tanto para ser simpático?
- Sim, assim posso pedir-lhes coisas.
  - Sim, mas... A verdadeira simpatia não será desinteressada?
  - Sim, mas... E se os outros também te pedirem coisas? Vais dá-las só para seres simpático?
  - Sim, mas... Tornas-te mau se não obtiveres aquilo que queres?
  - Sim, mas... Gostas de que as pessoas sejam simpáticas como tu só por interesse?
- Não, porque alguns não gostam de mim.
  - Sim, mas... Devemos ser maus para com aqueles que são maus?
  - Sim, mas... Devemos desconfiar de toda a gente?
  - Sim, mas... Podes encontrar desculpas para aqueles que não gostam de ti?
  - Sim, mas... A professora que te castiga não gosta de ti?

- Só se eu estivesse bem-disposto.  
Sim, mas... Tornas-te mau quando estás maldisposto?  
Sim, mas... És tu que determinas o teu humor ou é o teu humor que te determina a ti?  
Sim, mas... Achas bem teres de suportar o humor dos outros?
- Sim, senão os outros não vão gostar de mim.  
Sim, mas... É o receio de desagradar os outros que te torna simpático?  
Sim, mas... Podemos por vezes não ser simpáticos com aqueles de quem gostamos?  
Sim, mas... É preciso que toda a gente goste de nós?  
Sim, mas... Devemos aceitar tudo para que gostem de nós?

Objetivos da pergunta:

- Compreender que os sentimentos e os comportamentos das pessoas são complicados.
- Saber como agir perante os outros e não reagir apenas em função deles.
- Tentar definir o que é a simpatia para lá das aparências.

**2.ª Pergunta:** Deves dizer tudo?

Situações colocadas:

- Não, porque a verdade pode causar discussões.  
Sim, mas... Não valerá a pena discutir pela verdade?  
Sim, mas... A mentira e o silêncio também não provocam discussões?  
Sim, mas... Porque é que a verdade poderia ser desagradável?
- Não, caso isso possa magoar alguém.  
Sim, mas... É preferível mentir ou ficar calado?  
Sim, mas... Devemos viver na ignorância para não nos magoarmos?  
Sim, mas... Pode dizer-se uma coisa desagradável de uma forma simpática?
- Sim, porque posso dizer o que me apetecer, pois estamos em democracia.  
Sim, mas... Teremos também o direito de dizer tudo o que nos vem à cabeça?  
Sim, mas... Será que falamos só por falar?  
Sim, mas... Não será importante saber pensar primeiro antes de falar?
- Não, caso tenha prometido guardar segredo.  
Sim, mas... Não haverá segredos demasiado pesados para guardarmos?  
Sim, mas... E se esse segredo permitir acusar um inocente?  
Sim, mas... Porque é que te confiam um segredo se é um segredo?  
Sim, mas... Temos o direito de pedir o silêncio a alguém?
- Sim, porque isso me alivia.

Sim, mas... A palavra é suficiente para exprimirmos o que verdadeiramente sentimos?

Sim, mas... Não é melhor guardar alguns pensamentos para nós mesmos?

Sim, mas... E se isso fizer alguém infeliz?

Sim, mas... A mentira ou o silêncio não são por vezes mais confortáveis do que a palavra?

- Não, porque há coisas que só me dizem respeito a mim.

Sim, mas... Não deves partilhar tudo com aqueles que gostas?

Sim, mas... Devemos ter medo ou vergonha de falar sobre nós?

Sim, mas... Quando não dizemos a verdade, podemos estar a esconder coisas de nós mesmos?

Sim, mas... Continuarás a ser tu próprio se disseres tudo aos outros?

**Objetivos da pergunta:**

- Tomar consciência do que significa a verdade para si e para os outros.
- Pensar na pessoa com quem está a falar e pôr-se no seu lugar.
- Aperceber-se de que as palavras não são o único meio de expressão.

Anexo 8 – PowerPoint da sessão n.º 4

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>O que são o bem e o mal?</b></p>  <p>14 de novembro de 2011</p>	<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> 
<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>O Ulisses respondeu...</b></p>  <p>Sim, se eles forem simpáticos comigo.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Sim, mesmo que os outros não sejam simpáticos comigo.</p> <p>Concordam?</p>
<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque assim posso pedir-lhes coisas.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>A Mafalda respondeu...</b></p>  <p>Não, porque alguns não gostam de mim.</p> <p>Concordam?</p>
<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Sim, senão os outros não vão gostar de mim.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... Deves dizer tudo?</b></p> 

<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>O Manuel respondeu...</p>  <p>Não, porque a verdade pode causar discussões.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Não, caso isso possa magoar alguém.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Sim, porque posso dizer o que me apetecer, pois estamos em democracia.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>A Rafaela respondeu...</p>  <p>Não, porque há coisas que só me dizem respeito a mim.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>O Tó respondeu...</p>  <p>Não, caso tenha prometido guardar segredo.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Vamos crescer juntos nas nossas atitudes?</b></p>

## **Anexo 9 – Descritivo da sessão n.º 5**

**N.º da sessão:** 5

**Data:** 21 de novembro de 2011

**Hora:** 9h00 – 10h30

**Nome da sessão:** O que é viver em sociedade?

### **1.ª Atividade:**

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

### **1.ª Pergunta:** Deves ajudar os outros?

#### Situações colocadas:

- Sim, porque não devo ser egoísta.
  - Sim, mas... Não é importante pensar primeiro em nós para sobreviver?
  - Sim, mas... Sabes sempre como ajudar os outros?
  - Sim, mas... Os outros não são muito numerosos?
  - Sim, mas... Devemos ajudar os outros sem que eles nos tenham pedido?
- Sim, porque eu gosto de ajudar os outros.
  - Sim, mas... Ajudas os outros para agradares a ti mesmo ou a eles?
  - Sim, mas... E se eles não te agradecerem, ficas aborrecido?
  - Sim, mas... E tu? Gostas sempre de ser ajudado?
- Sim, porque assim tenho muitos amigos.
  - Sim, mas... Aquele que está contigo porque tu o ajudas é um verdadeiro amigo?
  - Sim, mas... E se os teus amigos não te ajudarem? Podes continuar a ser amigo deles?
  - Sim, mas... Quando estás longe e não podes ajudar os teus amigos, perde-los?
  - Sim, mas... Ficamos sempre amigos daqueles que ajudamos?
- Não, os desconhecidos não.
  - Sim, mas... Porque é que a lei nos obriga por vezes a ajudar um desconhecido em perigo?
  - Sim, mas... Os desconhecidos precisam menos de ajuda do que os que nos são próximos?
  - Sim, mas... Pode ser perigoso ajudar alguém?
  - Sim, mas... Ajudar alguém não é aprender a conhecê-lo?



- Não, porque cada um deve aprender a desenvolver-se sozinho.  
Sim, mas... Não precisamos todos uns dos outros quando vivemos em sociedade?  
Sim, mas... Não precisamos dos outros para aprendermos a ser autónomos?  
Sim, mas... As crianças ou os doentes também são capazes de se desenvolver sozinhos?  
Sim, mas... É mau precisar dos outros?

Objetivos da pergunta:

- Aceitar que não precisa de se esquecer de si para poder pensar nos outros.
- Aprender a viver em sociedade.
- Saber agir perante os outros, sem receios e de forma ponderada.
- Tomar consciência de que só podemos ajudar os outros se aceitarmos ser ajudados.

**2.ª Pergunta:** És obrigado a respeitar sempre os outros?

Situações colocadas:

- Não, só respeito aqueles que me respeitam.  
Sim, mas... E se eles também ficarem à espera de que tu os respeites para eles te respeitarem?  
Sim, mas... Teremos todos a mesma ideia sobre o que é o respeito?  
Sim, mas... De que vale o teu respeito se ele depende do respeito dos outros?
- Não, não respeito os ladrões nem os criminosos.  
Sim, mas... Existem homens que não devemos respeitar?  
Sim, mas... Com que direito decidimos quem merece ou não respeito?  
Sim, mas... Os outros devem deixar de te respeitar quando cometeres erros?  
Sim, mas... Pode-se respeitar alguém sem respeitar os seus atos?
- Não, porque não posso gostar de toda a gente.  
Sim, mas... Só deves respeitar as pessoas de quem gostas?  
Sim, mas... Podes não gostar de pessoas que respeitas?  
Sim, mas... Às vezes, podes faltar ao respeito àqueles de quem gostas?
- Sim, porque senão vão pensar que sou mal-educado.  
Sim, mas... Podes faltar ao respeito a alguém sem seres mal-educado?  
Sim, mas... Podes ter boas razões para ser mal-educado?  
Sim, mas... Deves preocupar-te sempre com o que os outros pensam?
- Sim, porque toda a gente tem o direito de ser como é e de proceder como quiser.  
Sim, mas... Devemos tolerar tudo aos outros?

Sim, mas... Não devemos dizer às pessoas que respeitamos aquilo que pensamos de verdade?

Sim, mas... Respeitar os outros não significa também querer que eles se aperfeiçoem?

Sim, mas... A liberdade de cada um é mais importante do que o bem-estar de todos?

**Objetivos da pergunta:**

- Dar valor aos outros como gostaria que lhe dessem valor a si.
- Estabelecer a diferença entre uma pessoa e os seus atos.
- Aperceber-se da forma como as suas palavras e os seus atos podem atingir os outros.

**2.ª Atividade:**

O grupo reuniu-se em roda. A intenção deste jogo foi que o grupo perceba-se que todos temos uma ligação e que precisamos uns dos outros nas mais diversas situações.

Por isso, foi colocado o desafio: “Eu acho que sou igual à (nome de uma pessoa do grupo) porque (aspeto que têm em comum)...” Utilizámos um novelo de lã para estabelecer as relações de cada um, sendo que o novelo passou por cada pessoa do grupo formando, no final, uma grande teia que nos ligou todos uns aos outros.

Anexo 10 – PowerPoint da sessão n.º 5

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p>O que é viver em sociedade?</p>  <p>21 de novembro de 2011</p>	<p>... Deves ajudar os outros?</p> 
<p>... Deves ajudar os outros?</p> <p>O Luís respondeu...</p>  <p>Sim, porque não devo ser egoísta.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Deves ajudar os outros?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Sim, porque eu gosto de ajudar os outros.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Deves ajudar os outros?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Sim, porque assim tenho muitos amigos.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Deves ajudar os outros?</p> <p>A Mafalda respondeu...</p>  <p>Não, os desconhecidos não.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Deves ajudar os outros?</p> <p>O Miguel respondeu...</p>  <p>Não, porque cada um deve aprender a desenvenilhar-se sozinho.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> 

<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>O Manuel respondeu...</p>  <p>Não, só respeito aqueles que me respeitam.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Não, não respeito os ladrões nem os criminosos.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Não, porque não posso gostar de toda a gente.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>A Rafaela respondeu...</p>  <p>Sim, porque senão vão pensar que sou mal-educada.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>O Tó respondeu...</p>  <p>Sim, porque toda a gente tem o direito de ser como é e de proceder como quiser.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Vamos crescer juntos nas nossas atitudes?</b></p>

## **Anexo 11 – Descritivo da sessão n.º 6**

**N.º da sessão:** 6

**Data:** 28 de novembro de 2011

**Hora:** 9h00 – 10h30

**Nome da sessão:** O que é a sociedade? / Relembrar o que aprendi...

### **1.ª Atividade:**

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

### **1.ª Pergunta:** Gostarias de viver completamente só?

#### Situações colocadas:

- Não, porque ia aborrecer-me muito.  
    Sim, mas... Os outros são menos aborrecidos do que tu?  
    Sim, mas... Não será preciso estarmos aborrecidos de vez em quando?  
    Sim, mas... Não és capaz de inventar o teu próprio mundo?  
    Sim, mas... Terias medo de teres de te encontrar contigo?
- Não, porque assim ninguém ia saber que eu existo... e ficava muito triste.  
    Sim, mas... A tua felicidade deve depender dos outros?  
    Sim, mas... Às vezes não preferias que te ignorassem?  
    Sim, mas... As pessoas famosas existem “mais” do que as outras?
- Sim, porque os outros impedem-me de fazer o que eu quero.  
    Sim, mas... Às vezes não te impedes a ti próprio de fazer o que queres?  
    Sim, mas... Os outros não te poderão também ajudar a fazer aquilo que queres?  
    Sim, mas... Os outros podem saber melhor do que tu aquilo que te convém?
- Não, gostava era de escolher as pessoas com quem ando.  
    Sim, mas... E eles, também te podem escolher?  
    Sim, mas... A tua família escolheu-te?  
    Sim, mas... Não será preciso conhecer bem as pessoas antes de as podermos escolher?
- Não, porque os homens foram feitos para viver em sociedade.  
    Sim, mas... Na verdade, os homens foram mesmo feitos para alguma coisa?  
    Sim, mas... E quem decidiu isso para todos, terá sido Deus, a natureza ou o destino?

Sim, mas... Cada homem não deverá decidir qual o sentido da sua vida?

- Não, porque preciso dos outros para fazer coisas.

Sim, mas... Não és capaz de apreciar alguém só por aquilo que a pessoa é?

Sim, mas... Não sentes necessidade de ser útil aos outros?

Sim, mas... Vives com os outros só por necessidade?

Sim, mas... Não podes bastar-te a ti próprio?

**Objetivos da pergunta:**

- Aprender a estar sozinho para descobrir o que é.
- Reconhecer que os outros o ajudam a viver e que ele também os ajuda.
- Compreender que precisar dos outros não o impede de ser livre.
- Entender os diferentes laços que unem as pessoas numa mesma sociedade.

**2.ª Atividade:**

Diálogo e discussão de ideias relativas às sessões anteriores. O objetivo da atividade era perceber o que significavam as palavras escolhidas para descrever cada colega, as suas virtudes e as suas atitudes menos positivas.

Focámo-nos nas atitudes menos positivas e pedimos-lhes sugestões para poderem melhorar.

**3.ª Atividade:**

Visualização de um pequeno filme com imagens de cada uma das atividades propostas. Diálogo sobre o que aprenderam e como vão explorar estas ideias no seu dia-a-dia futuro.

**4.ª Atividade:**

Preenchimento de um pequeno questionário, no qual descreveram o que aprenderam ao longo deste projeto, as atitudes que tencionavam melhorar e, finalmente, uma palavra que para eles caracterizasse o projeto.

Anexo 12 – PowerPoint da sessão n.º 6

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p>O que é viver em sociedade?</p>  <p>28 de novembro de 2011</p>	<p>... Gostarias de viver completamente só?</p> 
<p>... Gostarias de viver completamente só?</p> <p>O Luís respondeu...</p>  <p>Não, porque ia aborrecer-me muito.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostarias de viver completamente só?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Não, porque assim ninguém ia saber que eu existo... e ficava muito triste.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Gostarias de viver completamente só?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Sim, porque os outros impedem-me de fazer aquilo que eu quero.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostarias de viver completamente só?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Não. Eu gostava era de poder escolher as pessoas com quem ando.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Gostarias de viver completamente só?</p> <p>O Miguel respondeu...</p>  <p>Não, porque os homens foram feitos para viver em sociedade.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostarias de viver completamente só?</p> <p>O Manuel respondeu...</p>  <p>Não, porque preciso dos outros para fazer coisas.</p> <p>Concordam?</p>

Anexo 13 – Convite de divulgação do *blog* para os pais

## Convite

As alunas estagiárias da Universidade de Aveiro, Joana Tavares e Rita Gonçalves, juntamente com a Professora Patrícia Simões, convidam os pais e encarregados de educação dos alunos da turma do 3º ano de escolaridade do Colégio D. José I, bem como toda a comunidade escolar, a visitarem o blog por nós criado.

Este blog surge no âmbito da publicação e partilha de ideias relativas à temática do nosso projeto de investigação, que denominamos:

### **“CRESCER... Comigo e com os Outros”**

O objetivo deste projeto é desenvolver em cada criança o interesse espontâneo pelas pessoas, o reconhecimento dos seus próprios sentimentos e dos outros, das suas características pessoais, das diferentes formas de relação com o outro e a sensibilidade para com as necessidades, perspetivas e sentimentos do outro.

Agradecemos as vossas sugestões e comentários.

Endereço do blog:

<http://crescercomigoecomososoutros.blogspot.com/>

**Participem!**



Anexo 14 – Questionário final entregue às crianças

**QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO DO PROJETO:**

**“CRESCER... Comigo e com os Outros!”**

O que aprendi...

---

---

---

O que devo melhorar...

---

---

---



---